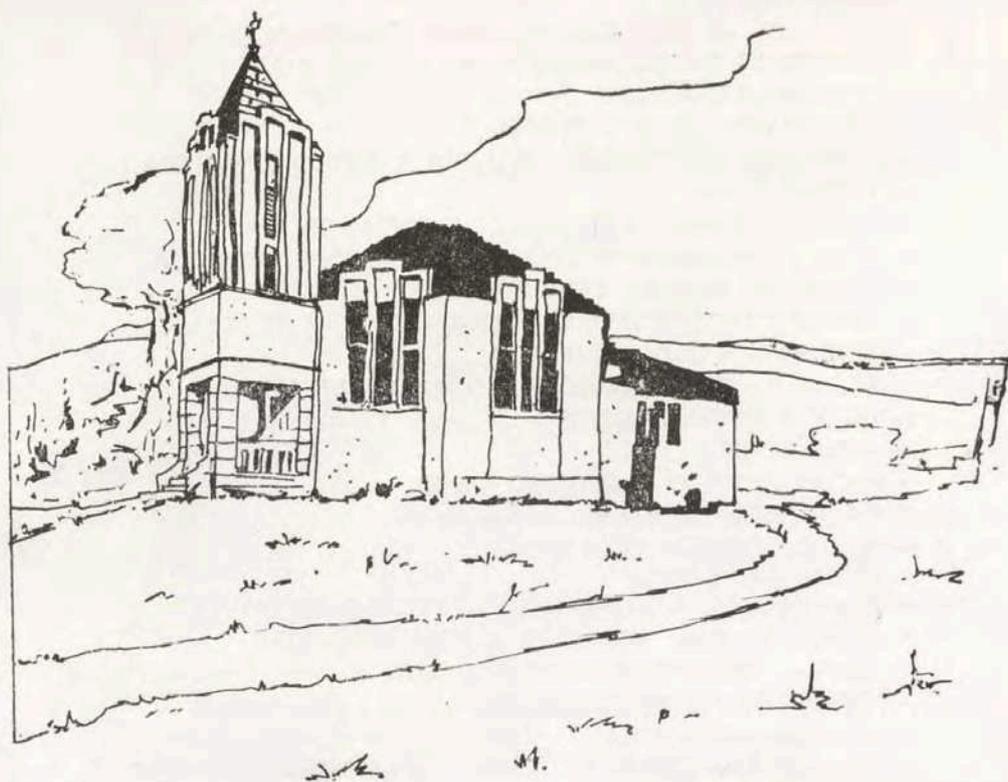


# Blumenau em Cadernos

TOMO XXXVI

Novembro/Dezembro de 1995

Nº. 11/12



IMPRESSO

## **A QUEM DEVEMOS A REGULARIDADE DESTAS EDIÇÕES**

A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU", EDITORA DESTA REVISTA, TORNA PÚBLICO O AGRADECIMENTO AOS AQUI RELACIONADOS PELA CONTRIBUIÇÃO FINANCEIRA QUE GARANTIRÃO AS EDIÇÕES MENSAIS DURANTE O CORRENTE ANO:

- AIGA BARRETO M. HERING
- ALFREDO LUIZ BAUMGARTEN
- ALTAMIRO JAIME BUERGER
- ANTÔNIO ROBERTO NASCIMENTO
- ARIANO BUERGER E FAMÍLIA
- ARMANDO LUIZ MEDEIROS
- ARNALDO BUERGER
- ARTHUR FOUQUET
- AUTO MECÂNICA ALFREDO BREITKOPF S/A.
- BENJAMIN MARGARIDA E FAMÍLIA
- BUSCHLE & LEPPER S/A
- CASA FLAMINGO LTDA.
- COMPANHIA COMERCIAL SCHRADER
- COOPERATIVA DE CONSUMO DOS EMPREGADOS DO GRUPO HERING — COOPERHERING
- CREMER S/A. PRODUTOS TÊXTEIS E CIRÚRGICOS
- CURT FIEDLER
- D. G. S. — FACTURING FOMENTO COMERCIAL LTDA.
- DISTRIBUIDORA CATARINENSE DE TECIDOS S/A.
- GENÉSIO DESCHAMPS
- GRÁFICA 43 S/A IND. E COM.
- ENGEPRON ENGENHARIA, PROJETOS E MONTAGENS LTDA.
- HERING TÊXTIL
- HERWIG SHIMIZU ARQUITETOS ASSOCIADOS
- HOH, — MÁQUINAS E EQUIPAMENTOS INDUSTRIAIS S/A.
- JOALHERIA E ÓTICA SCHWABE LTDA.
- LINDNER ARQUITETURA E GERENCIAMENTO S/C LTDA.
- MADEIREIRA ODEBRECHT LTDA.
- M. J. T. REPRESENTAÇÕES E SERVIÇOS LTDA.
- NELSON VIEIRA PAMPLONA
- NIELS DEEKE
- PADRE ANTÔNIO FRANCISCO BOHN
- PAUL FRITZ KUEHNRIK (in memória)
- PICKLER CONSTRUÇÕES LTDA.
- POSTO HASS LTDA.
- RESTAURANTE A NAPOLITANA — RODÍZIO DE MASSAS
- SCHRADER S/A. COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES
- SUL FABRIL S/A.
- TEKA — TECELAGEM KUEHNRIK S/A.
- TRANSFORMADORES MEGA LTDA.
- UNIMED — BLUMENAU
- WALTER SCHMIDT COM. E IND. ELETROMECÂNICA LTDA.

# BLUMENAU EM CADERNOS

TOMO XXXVI

Novembro/Dezembro de 1995

Nº. 11/12

## SUMÁRIO

Página

Verbetes para dicionário de história (1) — Theobaldo Costa Jamundá .....	322
A rua Quinze dos anos vinte — Grete Medeiros .....	325
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio .....	331
Um desastre aéreo que abalou a cidade — José Gonçalves .....	334
Figura do Passado — S. C. Wahle .....	336
A descendência de um pirata — Antônio Roberto Nascimento .....	339
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta .....	345
A escravidão no Brasil — Elly Herkenhoff .....	347
Posse solene na Academia Maçônica — Enéas Athanázio .....	352
Registros de Tombo de Rodeio (VIII) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	352
Um pioneiro de saudosa memória — José Gonçalves .....	354
Memória histórica de vitoriosa colonização — Toni Vidal Jochem .....	356
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves .....	360
A evolução sócio-econômica da Colônia Blumenau nos primeiros 20 anos .....	361
Santo Antônio faz 800 anos .....	368
Aconteceu... — Outubro de 1995 .....	369
Figura do presente .....	372
Ginásio Sagrada Família — Armando Luiz Medeiros .....	373
Genealogia das famílias Gehrent — Schmidt e Silva — Gorges.....	378

## BLUMENAU EM CADERNOS

Fundado por José Ferreira da Silva

Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina  
Propriedade da FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Diretor responsável: José Gonçalves — Reg. nº. 19

Assinatura por Tomo (12 nºs.) R\$ 20,00

Número avulso R\$ 5,00

Assinatura para o exterior (porte via aérea) R\$ 40,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal 425 — Fone: 326-6787

89015-010 — BLUMENAU — SANTA CATARINA — BRASIL

CAPA: Capela São Miguel Arcanjo, de Itoupava Central, cujo desenho é da autoria de Stocker. — CLICHÊ: Cortesia da CLICHERIA BLUMENAU.

# VERBETES PARA DICIONÁRIO DE HISTÓRIA (1)

THEOBALDO COSTA JAMUNDA

(1) Rolf Altemburg (Classe 1914) e Siegwald Odebrecht (Classe 1931).

São blumenauenses inseridos na História do comércio especializado de plantas exóticas e ornamentais. Entrelaçados nas respectivas árvores genealógicas, eles compuseram a dupla que colocaram a firma "Florália" (Niterói e Petrópolis, RJ) como exportadora para países da América do Sul, Estados Unidos da América do Norte, Portugal, Alemanha e Itália; alcançando, estatisticamente, negócios anuais de cinquenta mil plantas exportadas.

Nos parece que o sucesso da empresa "Florália" tem explicação no seguinte: (1) Harmonia na convivência dentro de um interesse no ofício rentável; (2) O amor às plantas como dedicação exclusiva; (3) Sensibilidade afins pela herança cultural dos dois com raízes nos verdes (muito verde) da Bacia do rio Itajaí; (4) E serem mais de uma vez contraparentes, pois, Siegwald, foi casado com Wania filha de Rolf.

Detalhe de importância maior aparece com a "Florália" nos comércios nacional e internacional: eles os associados não foram apenas, orquidófilos. Por entenderem o ofício com ambição racional, e ser ele, exatamente, o que gostavam de fazer, utilizaram todo conhecimento botânico disponível, e mais ainda a experiência em uso com as modificações adaptáveis.

Os dois realizaram-se num esforço comum. Rolf disse a Siegwald que o sucesso estava na ponta da força de vontade. E este pensamento ficou cartilha lida e rumada. Eles vestiram e investiram a alma, os nervos e a inteligência.

Antes Rolf e Siegwald militaram na indústria de produtos farmacêutico. Percebidos dos entraves colocados pelas

multinacionais, preferiram passar às atividades dos cultivadores de plantas exóticas e ornamentais. Aí colheram o amêndos anjos. Todavia não se acomodaram como orquidófilos ou jardineiros multiplicadores. Ambiciosos pelo progresso aprofundaram-se nos princípios científicos e na tecnologia necessária. E os dois como fossem um só diluíram-se no funcionamento da "Florália". A firma brasileira exportadora de orquídeas e plantas ornamentais: fonte de empregos, de divisas e de orgulho, na especialidade. Deles vem algo para a vaidade catarinense com marca blumenauense: embora vivessem a opção de chefes de famílias fluminenses.

(2) Postal com equívoco e erro.

Existe postal produzido com finalidade turística em Indaial, SC, que dá duas informações: (1) Uma equivocada; (2) Outra errada. O postal não é do período do atual governo municipal. A informação que é um equívoco está relacionada em dizer que a ponte de cimento armado é ponto turístico por ser estruturada em arcos, quando quem realça a ponte é a paisagem. Estivesse ela como outras assemelhadas em local pobre de circunstâncias paisagísticas, não seria exaltada. Entretanto ela por ser de cimento armado é ponto turístico: a tecnologia do cimento armado foi aplicada em território brasileiro por engenheiro nascido em Blumenau, SC e formado na Escola Politécnica do Rio de Janeiro em 22 de janeiro de 1919.

Falta na ponte para ser ponto turístico, a legenda informadora do valor como obra de engenharia e o nome que lhe deram na inauguração solene. Os seus arcos não contam a história de sua impor-

tância. E de arcos existem outras como por exemplo, aquela que foi do trem e faz ligação das ruas "República Argentina" e "Itajaí" (em Blumenau-SC). Quem deu o dado para o postal passou pela História administrativa de Blumenau de 1926 com indiferença total por não conhecê-la e assim prejudicar as memórias dos prefeitos Paulo Zimmermann e Curt Hering; governadores municipais dinâmicos no período de 1915 a 1927.

Entender a referida ponte como significativa por, estruturalmente, ter arcos, é um equívoco; e de chamar-se "**Emílio Baumgarten**", é um erro (inexatidão face à História).

Foi inaugurada solenemente, a 10.10.1926 no aplauso de público numeroso e o governador do estado Adolfo Konder (1884-1956) foi no ato representado pelo irmão: Victor Konder (1886-1941) na época este era conselheiro municipal com exercício de presidente. Daquele dia para frente a ponte chamou-se "EMÍLIO BAUMGART". Foi em Blumenau de então a primeira homenagem ao engenheiro blumenauense pioneiro da aplicação da tecnologia do cimento armado em construções brasileiras. Convém levar na devida consideração o ter sido mestre-de-obra, na construção da referida: o técnico em construção civil, Emílio Odebrecht (1894-1962). E este mesmo, na mesma função construiu a Ponte "Maurício de Nassau", em Recife, PE. — Este Emílio é filho de Edmund (1864-1908) primeiro filho do eng. Emil Odebrecht, primeiro Odebrecht em terras brasileiras. Vem ser parente do eng. Emílio Baumgart, filho de Gustav Baumgart (1857-1927) e Matilde Odebrecht (1866-1904).

Assim por estas considerações chega-se à compreensão da responsabilidade cultural e cívica, que nunca faltaram àqueles governadores municipais mencionados: (1) Dando àquela ponte no distrito de Indaial um nome; (2) E prestando homenagem à competência profissional do construtor engº. Emílio Baumgart. E fo-

ram acompanhados com outros políticos de Blumenau e pelos itajaíenses maiores: Adolfo e Victor; e não se deve esquecer que ao modo de força oculta interessada no batismo da ponte com o dito nome, esteve o entusiasmo profissional do técnico em construção civil Emílio Odebrecht, executor da obra com seu vigor físico de 32 anos. E foi ele quem na década de quarenta, quando residiu em Apiúna, SC, temporariamente, relatou-me a ocorrência da solene inauguração daquela ponte.

**(3) Peter Lucas antes do dr. Blumenau.**

Recordo Victor Lucas, orgulhoso expansivo pela grandiosidade de ser brotação originada em ADAM LUKAS e sua mulher ELIZABETH JACOBSEN: chegaram para colonizar São Pedro de Alcântara, que a autoridade de Elzeário Schmitt, ofm., diz ter sido começada a 1º. 03.1829.

Faz tempo alimento interesse pelo dito e escrito sobre os que com suor, esperança e sonho entraram para a História dos alemães no território catarinense pelo "Portal do Sacrifício" denominado São Pedro de Alcântara. — Daí por que tenho lido e relido do frade Elzeário, a legenda de boa literatura e definição mais adequada: "A COLÔNIA SÃO PEDRO DE ALCÂNTARA REPRESENTA UM DOS EXEMPLOS MAIS IMPRESSIONANTES DE VITÓRIA SOBRE A ADVERSIDADE. (Cf. na obra intitulada na Bibliografia de apoio).

**Se ali não apareceu comunidade ambiciosa de alcances econômicos e sociais ímpares, nos parece, que em compensação outras comunidades teuto-brasileiras, não a superaram pela imagem de sementeira de personalidades destacadas na vida nacional brasileira.** — Dou prova com apenas o seguinte quarteto dos teuto-brasileiros: Lauro Müller, Irineu Bornhausen, Evaristo Arns e Raulino Reitz.

O orgulho que vi e ouvi de Victor Lucas em 1974, quando convivemos no Conselho Estadual de Cultura, pareceu-

me justo, bonito e estimulador de imitação. Além de orgulhoso, à época, publicou folheto intitulado: "CENTO E CINQUENTA ANOS DA IMIGRAÇÃO ALEMÃ", composto por 14 páginas, tamanho ofício, mimeografadas, sendo edição da Prefeitura Municipal de Rio do Sul, no governo do prefeito Danilo Lourival Schmidt. Ali na amável cidade que empresta o nome a microrregião geográfica, Victor Lucas, domiciliado e residente foi preservador de bens culturais, sensibilizado pela herança cultural serviu à comunidade na qualidade de consultor do passado.

Trago-o neste verbete lembrado e saudoso de vê-lo na sua vaidade invejável e sem imitação. Portador de herança cultural não foi superado como guardião da mesma. Com o tempo entendi que não se avaliou como autor do texto que produziu: páginas merecedoras de divulgação ampla. Não se avaliou por que não seguiu a crítica orientadora do prof. Peluso. Este recomendou interessado: (1) A tiragem de uma segunda edição do folheto com relação das fontes utilizadas; complementação dos dados biográficos das figuras ilustres; (2) Que fosse publicada por editora de bom nível profissional e com suficiências de editoração; (3) Que buscasse o prestigiamento do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina como revisor.

O prof. Peluso viu e todos nós vimos. E vendo sentimos a obrigação de uma participação para fazer durável o folheto de Victor Lucas, o tri-neto de Adam Lukas. Interpretamos a dignidade maior do preservador da memória de família

das raízes da sociedade catarinense cozinhada, temperada e colorida pelo viço do catarinensismo, na ecologia da Bacia do rio Itajaí-açu. Fomos movidos por duas forças: (1) A de Victor Lucas produzindo as páginas; (2) A do prof. Peluso Junior, VICTOR A., — 1909-1994 — no aplauso pelo aparecimento do folheto e muito interessado na divulgação do mesmo. Daí recomendar que as fontes de apoio fossem relacionadas e inseridas no volume. Reconhecíamos constantes no volume três informações valiosas: (1) Peter Lukas agora com 36 anos (1846) estava na área geográfica, aquela, na qual em 1850 o dr. Blumenau implantou a empresa de colonização. Estava e por estar manteve contacto com ele sendo um visitante; (2) Desse contacto diz Victor Lucas, brotou a motivação para a visita-exploratória feita por dr. Blumenau em 1848; (3) Ter sido Peter Lukas pioneiro dono de engenhoca transformadora de cana-de-açúcar, mandioca em açúcar, cachaça e farinha, em local urbano, subsidia o que pode ser lido no Relatório de 1853 de dr. Blumenau: existiu preocupação com a agricultura de subsistência e com o equipamento transformador e beneficiador; enfim com o necessário para que o maior inimigo dos colonos não tivesse presença. Este inimigo destruidor doutras colonizações, foi a Fome. E contra ele (ou ela a Fome) o dr. Blumenau foi mais que um sentinela: esteve de corpo e alma no empreendimento que fundou, dirigiu e conduziu para o sucesso. E no mesmo relatório diz que 15 anos de 1853 existiu habitante por ali, portanto antes de Peter Lukas chegar em 1846.

---

**BIBLIOGRAFIA DE APOIO:** "Livro do Centenário de Blumenau 1850-de setembro-1950", "A Nação-Mensageiro do Vale" (Blumenau, SC, 12.12.1970, Arquivo da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, RJ, datados de 10.09.1934, Victor Lucas, 150 Anos da Imigração Alemã em Santa Catarina, 19 pgs. mimeografadas, Elzeário Schmitt, ofm, Primeira comunidade alemã de Santa Catarina (1979) "Blumenau em Cadernos" t. 1, nº. 6, abril 1958, Famílias brasileiras de origem germânica, Instituto Genealógico Brasileiro e Instituto Hans Staden, São Paulo, SP, 1967, Depoimento oral de familiares Altemburg e Odebrecht.

# A Rua Quinze dos Anos Vinte

Grete Medeiros

Nossa velha Rua 15 de Novembro, coração da cidade de Blumenau, quantas lembranças me traz! Grande parte de minha vida nela se desenrolou. Estou me imaginando, ainda criança, a passear por ela, começando pelo «Grupo Escolar Luiz Delfino», construído em forma de «U» e todo pintado de rosa. Ficava dentro de um grande cercado de grades de ferro. Lá funcionava a escola, com seções feminina e masculina devidamente separadas. No grande pátio havia uma árvore de «Pau Brasil», talvez o único exemplar na cidade.

Mais adiante ficava o prédio da «Estrada de Ferro Santa Catarina», construído em enxaimel. É lastimável que construções como aquela tiveram que desaparecer, para dar lugar ao moderno (ou modernoso?). O trem era muito útil para a cidade, pois era a principal via de ligação com o Alto Vale. Servia também como um grande programa de lazer para a mocidade. Quantas vezes, aos domingos, tomávamos o trem das três da tarde para passear até Aquidaban (hoje Apiúna). Lá os dois trens, o que vinha de Blumenau e o de Rio do Sul, se encontravam. Num tremendo corre-corre, trocávamos de composição para voltar ao ponto de partida... Era um passeio muito gostoso.

Na esquina da Rua 15 com a Rua Goiás (depois chamada de Amadeu da Luz) ficava o armazém de Arthur Ruediger, casa de «secos e molhados». Em sua frente ainda havia algumas barras de madeira para amarrar os cavalos dos fregueses.

Atravessando a rua chegava-se à «Casa Hoepke», construída sobre um alto muro, em consequência da lembrança, ainda muito viva, da enchente de 1911. Tratava-se talvez da casa de comércio mais forte da cidade. Seus dirigentes Benno Hofmann e Charles Ritter ocupavam, com suas famílias, os apartamentos do andar de cima.

Do outro lado da rua, outra casa de comércio, a de Arthur Hoeschl. Além de «secos e molhados», também lá se vendiam tecidos os mais diversos. Ao lado funcionava a fábrica de charutos do Sr. Koehler, onde mais tarde funcionou o consultório do dentista Guido Kaestner.

Ao atravessar a rua chegava-se à casa de Walter Scheideman, que também mantinha um comércio de comestíveis e tecidos. Ele lá residia com mulher e seus três filhos. Este costume de morar em casas junto à própria atividade comercial era típico daquela época.

Ao lado havia algumas casas pequenas, com cortinas brancas nas janelas. Foi de lá que, de mãos dadas com minha mãe, assisti ao desfile de carros alegóricos em comemoração ao Centenário da Independência, em 1922. Também de lá eu assisti muitas vezes ao desfile comemorativo da festa do Espírito Santo e à Marche aux flambeaux promovida pela Sociedade de Atiradores.

Fazendo um pequeno parêntese, lembro como seria difícil enumerar todos os eventos que eram comemorados com desfiles ou pro-

cissões por nossa nobre Rua Quinze!

Continuando o passeio, chegamos agora à casa do Sr. Lemke, alfaiate e bem sucedido músico da orquestra do Maestro Geyer. Seu filho Waldomiro, o pequeno Waldi, mostrava sua musicalidade já desde a mais tenra idade; com três ou quatro anos desfilava pelas redondezas tocando seu cavaquinho e cantando, no que seria o prenúncio do futuro e renomado «Waldomiro Lemke e seu Conjunto» de muitos discos gravados.

Do outro lado da rua ficava a boa «Padaria e Confeitaria» dos irmãos Schmidt. Tratava-se do único estabelecimento no gênero em toda a redondeza, e fornecia, em suas carrocinhas, o pão de cada dia a grande parte dos blumenauenses. Seus doces também merecem ser lembrados, especialmente o famoso **Frankfurter Kranz** e o **Schillerloke**, o preferido das crianças, um canudinho de massa folheada recheado com creme de baunilha. Só em lembrar sinto água na boca... E o melhor era que o Sr. Schmidt aceitava nossos «vinténs pretos» (**schwarzer Vintem**), moedas antigas que já nada valiam...

Ao lado da padaria havia uma grande casa abandonada, com portas e janelas sempre abertas. Diziam que era infectada por ratos. Às crianças parecia mal-assombrada... A casa era apenas ocupada de tempos em tempos, sempre que um circo chegava à cidade. Aliás o circo era sempre um grande acontecimento, principalmente quando, à tarde, os artistas desfilavam pela Rua Quinze com os animais, chamando o povo para o espetáculo da noite. A gurizada se divertia correndo atrás, ajudando na pro-

paganda em troca de ingressos.

Contrastando com a feia casa abandonada, do outro lado da rua havia um verdadeiro palacete, a residência de Frederico Guilherme Busch, o grande empreendedor e inovador, que lá morava com a mulher, duas filhas e o filho, Frederico Jr., futuro prefeito da cidade por duas vezes, conhecido pelos amigos como Friedl. A Vila Busch era uma bela construção, toda pintada de branco. O terreno era elevado, ficando a casa como que no alto de um cartão postal. Foi Frederico Busch Sênior, quem trouxe para Blumenau a energia elétrica, o cinema, o primeiro automóvel, várias fábricas e outros melhoramentos.

Não posso deixar de fazer mais um parêntese neste meu passeio ao passado. Falar de energia elétrica lembrou-me que a iluminação da Rua Quinze era desligada em noites de lua cheia! Brincadeira? Não, pura verdade! O motivo era a economia proporcionada, pouco importando se havia nuvens ou não. O corte era precedido por anúncios nos jornais...

Ainda dentro do parêntese, lembro-me com carinho de nosso «Cine Busch», único estabelecimento de cinema em toda a região. Surgiu mudo, passando, através de sucessivas reformas, a sonoro, colorido e até Cinemascope; foi mais tarde dividido em duas salas de projeção independentes, até ser fechado há poucos anos. Uma pena! Nos anos vinte era dotado de uma «platéia» com poltronas numeradas, com ingressos vendidos com antecedência, e um balcão com simples bancos, mais popular e mais barato.

Voltando ao nosso passeio, ao lado da casa abandonada morava

Guilherme Pavlowsky e sua família, com um comércio de calçados, a «Casa Favorita», onde também se podia comprar outros artigos de couro, como selas e selins, muitas vezes de fabricação própria. O Sr. Pavlowsky foi também um dos primeiros proprietários de automóvel da cidade.

O próximo vizinho era Luís Rieschbieter. Era chapeleiro; hoje em dia sua loja seria chamada de «boutique», onde se encontravam não apenas chapéus, mas tudo o mais que fazia elegante uma mulher. De lá ninguém saía sem chapéu e luvas... Luís Rieschbieter era pai do futuro ministro Karlos Rieschbieter.

Atravessando a rua, damos na casa de Felipe Doerck, homem de grande inteligência, chegado a pouco da Alemanha e casado com Dona Emília Malburg. Ele ocupava um cargo público e à tarde trabalhava em casa, como advogado. O casal não tinha filhos, mas praticamente adotou toda a criançada da vizinhança. Era impressionante sua habilidade com os pequeninos. Mantinha em sua casa um quarto cheio de brinquedos os mais diversos. Lá encontravam-se bonecas, loucinhas e uma grande estante com livros infantis. Onkel Doerck lia, ele mesmo, para as crianças, e como sabia dar expressão às histórias! Atrás de sua casa, mantinha um trecho de mato onde de tempos em tempos íamos passear, assistindo a uma aula de botânica. Deixou saudades!

Ao lado da casa dos Riechbieter havia o estabelecimento do barbeiro e cabeleireiro Willv Fischer. Hoje seria chamado de salão **unisex**... Fischer era mestre em cortes, permanentes, ondulações a ferro e penteados.

No lado oposto da rua estava

o grande terreno, a casa e o estabelecimento fotográfico de Alfredo Baumgarten, meu pai. Em sua «Photographia Baumgarten» fotografou quase todas as pessoas da região de Blumenau, já que por muitos anos foi seu único fotógrafo. Sua câmara era um enorme aparelho que funcionava com chapas de vidro. A casa ficava dentro de um grande jardim, parte do qual foi, mais tarde, ocupada com um prédio para o novo «atelier», onde uma enorme vidraça deixava entrar a luz natural controlada por cortinas.

Do outro lado da rua ficava mais um armazém de «secos e molhados», o de Otto Laux. Era ainda um tempo em que não se comprava nada já empacotado e tudo era pesado na hora, na frente do freguês. As mercadorias — farinha, arroz, açúcar etc. — ficavam acondicionadas em caixas de madeira. O balcão servia também como ótimo local de bate-papo.

Em seguida ficava o «Hotel Michels», à época muitas vezes superlotado por imigrantes recém chegados da Alemanha. Por algum tempo o hotel abrigara também o salão da cabeleireira Maschner, que havia trazido da Europa a prática das ondulações permanentes, mas que não foi bem aceita pela moda da época... Com a morte do Sr. Michels o hotel passou a Jacó Schmidt e sua mulher, Dona Aninha, cuja comida ficou logo famosa.

Ao lado ficava a casa de duas famílias de alemães, os Schumann e os Brack. O Sr. Schumann era protético; sua vitrine expunha pernas, braços e mãos artificiais. Os Brack eram portadores das mais lindas vozes de Blumenau; Franz Brack ainda hoje alegra os amigos com sua bela voz.

Do outro lado da rua ficava a casa dos velhos Rieschbieter, que, depois de seu falecimento, passara para a filha, nossa Tante Emma, casada com meu tio José Deeke. Ambos de xaram extensa e importante obra literária. Eram os pais de Hercílio, futuro prefeito e parlamentar.

Ao lado, a casa do advogado Puetter e em frente, mais um alfaiate, desta vez, Fritz Holetz. Frau Holetz era também costureira. Entre estas duas casas havia uma boa passagem para o rio, importante para as pescarias — de robalos, cascudos, carás e lagostins, então abundantes — e para socorro em tempos de estiagem, quando muitos poços chegavam a secar — ainda não havia «água encanada» — e era necessário apelar para a água do rio, pelo menos para lavar a roupa.

Depois da casa dos Holetz vinha a casa de Paulo Oncken, da «Farmácia Glória» e sua mulher Dona Lili. Seguindo adiante, passamos a casa do Sr. Mendel, por muitos anos diretor da «Empresa Industrial Garcia».

Em frente, no alto de um grande muro, ficava a casa de Caetano Deeke, cercada por seu lindo jardim. Este Sr. Deeke, também meu tio, era uma figura quase folclórica. Tinha sido mateiro, com muitos contatos com os botocudos. Como sabia contar histórias! Na mesma altura ficava a residência de Arthur Rabe, pai do médico sanitarista Afonso Rabe, de grande trabalho no combate à malária e ao tifo endêmicos. Em frente, também no alto, moravam os Krepiski, e logo depois, a família Teophel Zadrosny, em uma casa coberta por hera.

Ao lado, passava o **Peterskarnal**, um pequeno ribeirão (há mui-

to canalizado) que desagua no rio. Sua embocadura era porto para as canoas daqueles que, morando do outro lado do rio, «vinham à cidade». Seguindo pelo lado direito da Rua Quinze, chegava-se à residência dos Nienstaedt, onde hoje é o «Teatro Carlos Gomes».

Atravessando a rua chegava-se a tipografia dos meus avós Baumgarten, editores do primeiro jornal da cidade, o **Blumenauerzeitung**. Naquela época já pertencia à viúva, minha avó Marie Deeke Baumgarten, que lá morou até avançada idade. Em frente, outro membro da família Deeke, o tabelião Fides, também em uma casa cercada por jardins.

A seguir vinha a casa da família Veiga (o primeiro nome Tuso-brasileiro que aparece neste passeio!). Em frente ficava a casa de Leopoldo Rabe, que, junto com seu irmão Arthur, mantinha um comércio de tecidos e utensílios domésticos. Seguindo pela mesma calçada passamos pela casa do dentista José Maria Flech, que, só de passar em frente me produzia arrepios, ao lembrar da porta de seu consultório, acolchoada para abafar os gritos dos pacientes, numa época ainda longe da popularização da anestesia...

Em seguida vinha a grande casa comercial que tinha pertencido a meu avô Luís Altenburg, tendo passado depois a «Casa Moellmann». A família dos novos proprietários morava atrás.

O prédio seguinte era a «Casa São José», hotel que abrigava viajantes e pessoas do interior. Sob a direção de Henrique Michels e sua grande família, o hotel era conhecido por sua boa comida caseira. O Sr. Michels foi quem organizou a primeira feira livre da cidade, que funcionava em frente

ao hotel. Carroceiros do interior e tropeiros vindos do planalto de Lages ofereciam as mais variadas mercadorias. Esperavam a noite para entrar na cidade num tropel cujo barulho atraía os compradores para as mercadorias, logo expostas sobre mantas de couro. Traziam frutas (maças, ameixas, pêssegos, frutas secas), charque, queijos os mais diversos etc. Em pouco tempo o pátio em frente ao hotel ficava muito movimentado. Ainda me lembro do cheiro característico de toda aquela atividade! Até palco para espetáculos teatrais havia na velha Casa São José. Mais tarde, serviu como «estação rodoviária» para algumas linhas de ônibus interurbanos, antes de desaparecer para dar lugar à ponte que faz a ligação com o bairro Ponta Aguda.

Atravessando mais uma vez a rua temos a grande propriedade do Convento Santo Antônio, tendo por cima a velha Matriz e seu imenso pátio. Como esta igreja deixou saudades. Ali no alto, a olhar a Rua Quinze como que a protegê-la, como boa guardiã. Quantos batizados, primeiras comunhões e casamentos foram ali celebrados. Grande festa era a chegada do bispo, geralmente uma vez por ano. A escadaria era enfeitada com «anjinhos» sentados nos degraus, pacientemente esperando por Sua Excelência, que enfrentava a então difícil viagem desde Joinville.

Falando da escadaria, um interessante espetáculo foi nela protagonizado por Alfredo Carvalho, uma pessoa muito conhecida por sua simpatia e seu arrojo. Trabalhava na firma «Comercial Grossembacher», representante de automóveis Studebaker. Quando «embalado» por uma ou outra bran-

quinha» costumava dizer que ainda iria provar a força do motor dos carros que vendia, subindo a escadaria da igreja (ainda de um lance só, é bom lembrar). A primeira tentativa falhou, pois não conseguiu, mas um belo dia, melhor «calibrado», mandou chamar o fotógrafo, dizendo: «Baumgarten, podes vir, hoje eu vou!». E foi mesmo. Subiu tranquilamente, deu a volta na igreja e desceu a escada com a maior calma. Eu vi.

A velha matriz acabou desaparecendo para dar lugar ao grande templo de pedra dos dias de hoje. Diziam que a demolição era necessária e o velho prédio não tinha lá um estilo definido, mas será que a igreja atual tem?

Atrás da igreja ficava o antigo cemitério católico. Sepulturas muito antigas em meio a velhas árvores — entre as quais muitas pitangueiras com gostosos frutos — guardavam um pouco da história de Blumenau. Uma sepultura das mais estranhas era envolta por uma cerca de ferro; dizia-se que pertencia a uma condessa austriaca. Mais tarde soube que se tratava de um membro da família imperial da Áustria que havia escapado, com seu marido, da revolução contra o imperador Maximiliano do México.

Voltando a nossa Rua Quinze, ao lado da «Casa São José» ficava a residência da família Wahle. O Sr. Wahle era professor e proprietário de uma grande e bem sortida livraria, onde, além de livros, podia-se encontrar tudo o que era preciso para escolas e casas comerciais bem como brinquedos, especialmente na época do natal.

Seguindo, vemos as casas geminadas pertencentes ao Convento, onde moravam professores do

Colégio Santo Antônio. Por muitos anos, lá foi a residência do professor Max Kreibich com sua família, pessoa muito estimada na cidade e torcedor «vidrado» do «Vasco da Gama» do Rio de Janeiro. Na casa anexa morou mais tarde o também conhecido professor Heriberto Müller.

Adiante, na mesma calçada, ficava outra casa geminada, esta de dois andares, pertencente a Joca Borba, onde funcionava a «Farmácia Central», de João Medeiros, que viria a ser meu sogro. O Sr. Medeiros era farmacêutico muito conceituado e atendia, gratuitamente, aqueles que não tinham recursos para pagar um médico ou o próprio remédio. Sua farmácia vivia lotada de pobres esperando consultas. A outra metade da casa era ocupada pela família Borba com uma loja de tecidos e, é claro, a moradia da família.

Ao lado ficava a casa da muito conhecida Fraulein Gretchen, que hospedava estudantes de fora. Em frente, a casa de comércio «Kander e Deschner», junto da qual morava a família Kander. A seguir vinha uma série de pequenas casas, uma encostada na outra; em uma delas morava Delfino Miguez, que mantinha um pequeno empório, e sua mulher, Dona Eugênia, exímia costureira que vestia a sociedade blumenauense; em outra, morava a família Kracick. Do outro lado da rua, a grande casa de Johanna Hering com seu belo jardim.

Em seguida, numa casa com uma escada na entrada, a relojoaria e loja de artigos de enfeite de Heinz Hering. Esta casa foi depois

ocupada pela «Companhia Telephonica Catarinense», que instalou o serviço telefônico na cidade, numa época em que para se ter um telefone bastava pedir; só se pagava a assinatura mensal. Bons tempos! Muito em voga estavam os «fonogramas», os telegramas fonados passados pela «Telephonica»; serviam para os mais diversos fins, principalmente para cumprimentos em casamentos, aniversários etc. A «Comercial Grossembacher» vinha em seguida, do outro lado da rua.

Aqui acabava meu trajeto diário pela Rua 15 de Novembro, o coração de Blumenau, pois eu então dobrava na pequena rua que dava acesso ao Colégio Sagrada Família.

O passeio que acabo de fazer data de um tempo em que nossa principal rua não era pavimentada. Lembro-me bem quando a mesma recebeu os primeiros paralelepípedos. Foi em 1927 e 28, durante o governo de Curt Hering — talvez o último prefeito não remunerado da cidade. Durante as obras de calçamento um grande divertimento das crianças consistia em cavar a areia debaixo dos postes iluminados, a procura de grandes besouros que lá se escondiam; alguns, mais valiosos, tinham até chifres, usados para amarrar um pedaço de linha e os fazer arrastar uma caixa de fósforo vazia... Brincadeira inocente de guri pequeno. O calçamento foi uma obra primorosamente bem feita que se mantém até hoje.

Espero que Deus faça com que nossa querida Rua Quinze continue como é!

### O OESTE RESGATA SEU PASSADO

A UNOESC, Campus de Chapecó, acaba de publicar o volume «Para uma história do Oeste catarinense», coletânea de ensaios de diversos autores a respeito de aspectos variados do passado histórico da região. A primeira observação que me ocorre, após uma leitura atenta e proveitosa, é a evidente qualidade dos trabalhos, seja pelo domínio dos autores dos temas abordados, pela visão crítica com que encaram os acontecimentos ou pela exposição coerente de fatos quase sempre desconhecidos dos catarinenses. Além de constituírem uma contribuição importante para a compreensão de nosso Estado, tal como é hoje, os ensaios se afastaram de caminhos meramente cronológicos e quase sempre laudatórios da historiografia convencional. São textos vivos, merecedores de atenção de quantos desejem saber um pouco mais sobre a terra catarinense e sua gente.

Abrindo o volume, Santo Rosseto traça uma «Síntese histórica da região Oeste», focalizando seus primitivos habitantes, o processo de povoamento colonizador, a formação e os limites do Chapecó. O ensaio vale como introdução e delimitação do tema, revelando admirável poder de síntese.

Em trabalho amplo e fundamentado, Hilda Beatriz Dmitruk Ortiz aprofunda-se no passado e desvenda a «Ocupação pré-histórica do Oeste catarinense.» Examina a evolução humana desde a pré-história, valendo-se da paleontologia e da arqueologia, até chegar aos primitivos habitantes da região e, unindo esses dados, ao oestino de hoje. Seu ensaio, pelas múltiplas facetas que aborda, ensejaria todo um comentário.

Num trabalho revisionista e corajoso, baseado em fatos e evidências, Jaci Poli repõe o caboclo no seu devido lugar — «Caboclo: pioneirismo e marginalização.» Mostra, com abundantes argumentos, que, apesar da marginalização e esquecimento, foi o caboclo o verdadeiro desbravador e pioneiro do Oeste. Seu sistemático afastamento para as regiões mais remotas abria novas fronteiras para as colonizadoras e os colonos. Intenta ainda uma interessante definição do caboclo. É um trabalho exemplar em que só lamentei não tivesse aprofundado o exame do choque da filosofia de vida caboclo x colono.

«Balsas e balseiros no rio Uruguai (1930/1950)», de Eli Maria Bellani, embora nos moldes da história acadêmica, é boa contribuição sobre essa curiosa forma de transporte de madeira, tão bem explorada por Guido Wilmar Sassi em sua ficção. Nas minhas primeiras idas ao Chapecó ainda tive ocasião de ver tais balsas.

«Para uma história dos índios do Oeste catarinense», de Wilmar da Rocha D'Angelis, e «Revisão bibliográfica crítica sobre organização social Kaingang», de Juracilda Veiga, repassam de forma sistemática o que se escreveu sobre os Kaingangs para concluir que eles conti-

nuam sendo desconhecidos. Surgem aí as figuras sinistras dos bugreiros, destacando-se o decantado Condá, os massacres, os despejos e as «limpezas de áreas.» Como pequena mas estimulante compensação, emerge o incrível juiz Selistre de Campos, batalhando só e desamparado na defesa dos índios, cuja voz indignada parece ecoar até hoje.

Arlene Renk, por fim, subscreve «A colonização do Oeste catarinense — As representações dos brasileiros», analisando a identidade étnica brasileira, os meios de vida na região, as diversas fases econômicas, as lutas, as vitórias e, sobretudo, as derrotas. Como certos personagens de Monteiro Lobato, os velhos caboclos suspiram de saudades dos tempos d'antes e fogem do presente amargo através de uma permanente incursão no passado. Vivem do que a região foi.

Concluindo estas notas, pálida amostra do que contém esse livro modelar, deixo aqui os meus aplausos aos seus organizadores. Estou certo de que será de obras assim, palpitantes de povo e de vida, que surgirá a visão real de nós mesmos, nosso retrato autêntico, e a conseqüente correção de nossas mazelas.

### O LEITOR DESCONHECIDO

Convidado para um lançamento coletivo de livros, coloquei o carro na estrada e cheguei pela noitinha. Foi uma bela cidade histórica, famosa por seus casarões preservados e pela baía de águas mansas que lhe dá um quê de paz e aconchego. No clube local, onde seria o propalado evento, estava montada uma exposição de artistas e nossos livros dispostos sobre longa mesa, entregues à vigilância de uma moça.

Na hora marcada começaram a chegar escritores, artistas, gente da imprensa e da política. Leitores mesmo, eram raros. O diretor da cultura deu início ao lançamento com as ditas palavras de praxe e o coquetel começou a correr o salão.

No centro da exposição, sob o brilho das luzes, algumas estrelas das letras e das artes se mostravam algo mais que o recomendável, enquanto uns poucos interessados examinavam os livros expostos sob o olhar atento da encarregada.

Quieto no meu canto, eu observava o desfile de vaidades que nem a venda rarefeita conseguia arrefecer. Alguns autógrafos eram dados por este ou aquele e um dinheiro escasso pingava no caixa.

Pelas tantas, postado no meu lugar, observei a chegada de alguém que me chamou a atenção. Tratava-se de um sessentão de cabelos grisalhos, trajando roupas claras, puxando para o branco. Fumava cachimbo, que trazia na mão, acredito que apagado.

Indiferente ao barulho das conversas e dos copos, não teve olhos para os exibidos, e atravessou o salão com o passo firme de quem sabia com segurança onde vai. Quase sem olhar para os lados, rumou direto para os livros, correu a vista pelos títulos e se fixou nos meus. Surpreso, eu o mirava a poucos passos, admirando a atitude do leitor desconhecido. Enquanto isso, com jeito entendido, ele afastava os livros

que já devia conhecer e separou três outros, justamente os mais recentes. Colocou-os então sob o braço, depois de mostrá-los à moça, e pagou. Ela falou alguma coisa, creio que alertando para minha presença.

Esperei que viesse ao meu encontro para o autógrafo, mas ele nem se voltou para o meu lado. Com a mesma tranquilidade, retomou o caminho de volta, alheio ao **braaá** e aos estrelismos. Seu negócio era com a obra, não com o autor. Creio que, como já aconteceu comigo, se defendia de possível decepção.

## LIVROS NOVOS

Emanuel Medeiros Vieira publica pela Códice, de Brasília, a coletânea de contos «Meus mortos caminham comigo nos domingos de verão», obra de título limabarreteano, reunindo excelentes contos do incansável autor catarinense. \*\*\* «Poesia Cone Sul», com seleta de Gino Frey, editada por João Scortecci, reúne poemas de brasileiros, argentinos e uruguaios, inclusive alguns catarinenses. \*\*\* Circula o número 13 da «Revista da Academia Catarinense de Letras», neste ano de seu 75º. aniversário, contendo ficção, poesia, discursos, palestras e vasto material noticioso sobre a atuação da entidade.

## VARIADAS

Realizou-se em Blumenau um Congresso Jurídico sobre meio-ambiente, consumidor e dolosidade coletiva, de nível internacional, contando com a presença de renomados autores nas áreas da responsabilidade civil, direito ambiental e do consumidor. O evento mereceu destaque nacional. \*\*\* O IHGSC e a ACL realizaram sessão solene em comemoração ao centenário do Prof. Custódio de Campos, figura das mais conhecidas dos meios culturais do Estado. Em nome da família falou o Dr. Nuno de Campos, filho do homenageado e meu colega de Ministério Público. \*\*\* No **hall** da Reitoria da UFSC, realizou-se a mostra dos artistas plásticos Vilca Marlene Vieira, Sonia Regina de Brida Zanette e Ferreira Pinto, todos pintores, as duas primeiras de nosso Estado e o último de Portugal. \*\*\* Lygia Helena Roussenq Neves, Erica Becker Araújo e Simone Tanaka Duarte expuseram suas obras no Espaço de Arte Açu-Açu, nesta cidade, com grande sucesso. \*\*\* Mir, artista plástico, mostrou no saguão da Assembléia Legislativa sua técnica inédita que vem do cupim, retratando as oito catedrais. O ineditismo da experiência põe a crítica na expectativa. \*\*\* A ACL promoveu sarau lítero-musical com o lançamento do livro «Aprendendo a viver», de Edy Leopoldo Tremel.

## Um desastre aéreo que abalou a cidade

José Gonçalves

Eram aproximadamente quinze horas de um domingo, dia 24 de outubro de 1957, quando o estádio do Palmeiras recebia uma das maiores afluências de público para assistir a mais um duelo futebolístico entre os maiores rivais da cidade: Palmeiras e Olímpico, pelo certame oficial da Liga Blumenauense de Desportos.

Naquela hora, sobrevoou o estádio e a cidade, um pequeno avião de treinamento pertencente ao Aéreo Clube de Blumenau e que regressava de uma revoada que havia sido programada pelo Aéreo Clube de Montividéu. Era da capital uruguaia que estava regressando o citado aparelho, pilotado por um dos mais eficientes pilotos do nosso Aéreo Clube, o jovem Alwir Koehler e que conduzia como passageiro, seu amigo Norberto Serpa, comerciante proprietário do Restaurante Avenida, localizado nos porões do então edifício do Hotel Holletz, situado na esquina da rua 15 de Novembro com a Alameda Rio Branco, hoje ocupado pelo Grande Hotel Blumenau.

Os dois viajantes haviam partido de Montevideu pouco antes do meio dia e, após haverem feito escala programada através do roteiro traçado, chegavam em perfeitas condições a Blumenau.

Alwir Koehler era um dos mais destacados funcionários do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina (INCO), em cujo meio de atividade, era muito estimado por

suas excelentes qualidades de cavalheirismo e fraternidade. Fez o curso de piloto no nosso Aéreo Clube e há vários anos voava pelos Estados vizinhos e países da América do Sul, revelando sempre a mais plena capacidade técnica e tirocínio de um verdadeiro piloto.

Norberto Serpa trabalhou vários anos como empregado da maior confiança do Sr. Schoenau, proprietário do Restaurante Avenida. Tanto assim que, ao resolver transferir-se para Curitiba, o Sr. Schoenau vendeu a condições excepcionais o restaurante a seu fiel funcionário, tornando-se então Norberto Serpa proprietário do estabelecimento, ao qual deu o maior impulso, tanto pela sua capacidade profissional, o apoio e capacidade de sua esposa, a cordialidade e afetividade no tratamento para com os clientes, tornando-se assim merecedor da admiração, preferência e estima dos blumenauenses que muito usavam seu estabelecimento, tanto pela cordialidade com pela excelente cozinha que preparava saborosas refeições.

Os dois viajantes, após fazerem rápida evolução sobre a cidade, rumaram para o aeroporto «Quero-Quero», tendo o aparelho aterrissado sem maiores problemas.

Ao descerem do avião, mesmo antes de apanhar a bagagem que possuíam, os dois viajantes permaneceram encostados numa das asas do avião, passando a conversar. Conversaram durante al-

guns minutos. Esta conversa, despertou a atenção das pessoas que se achavam naquele momento na estação do aeroporto. E notaram que Alwir e Norberto, em lugar de apanhar a bagagem e encaminharem-se para a estação, resolveram retornar ao avião, acionando o motor e dali a instantes, o avião estava novamente no ar. As pessoas que assistiram a manobra, acharam estranha a atitude dos dois viajantes, os quais já haviam permanecido no avião durante várias horas desde a saída do aeroporto de Montevideu.

O avião tomou rumo da cidade e dali a instantes sobrevoava novamente o estádio do Palmeiras, em cujo campo estava se desenvolvendo, já na etapa final, a partida entre as equipes de aspirantes do Olímpico e do Palmeiras. Portanto, o público já lotava as dependências ao clube alvi-verde.

O avião pilotado por Koehler e conduzindo Norberto, dirigiu-se em direção à Alameda Rio Branco. É que no final da Alameda, numa rua que seria, hoje, a continuação o final da rua Nereu Ramos, residia Alwir Koehler. Naturalmente ele pretendia sobrevoar o local para alertar sua esposa dona Hilda de que deveriam apanhar os dois viajantes no aeroporto.

Apesar do piloto experimentado que era, Alwir Koehler, segundo conclusões de técnicos, foi um tanto imprudente ou confiou demais na potência do motor do avião que pilotava. Se estivesse sozinho até que poderia ter efetuado com êxito a manobra que fez. Mas, conduzia, além do passageiro Norberto, um homem de cerca de 90 quilos, toda a bagagem de ambos, o que fazia com que o avião estava muito mais pesado do que usual-

mente acontecia.

Alwir manobrou o avião direto sobre sua residência. Numa distância de pouco mais de duzentos metros após sua residência, estava o morro, cujo ápice é bastante alto. Era nas proximidades da antiga Maternidade «Elsbeth Koehler», hoje um Ancionato.

Após dar um mergulho sobrevoando sua casa, Alwir manobrou o avião para cima, buscando obter a altura necessária para sobrevoar as copas das árvores que existiam no morro. Todavia, o motor do avião não suportou tanto esforço e foi perdendo o poder, o avião perdendo o impulso. E ao chegar ao topo do morro, o motor apagou, o avião mergulhou de bico sobre a copa das árvores, caindo com grande estrondo e espatifando-se no solo. Foi um desastre impressionante. Felizmente não houve incêndio. Alguns minutos mais tarde, já chegam ao local os primeiros moradores das proximidades para prestar socorro. O lugar do acidente era de difícil acesso. Mas, ao chegarem, constataram que nada mais era possível fazer-se para tirar com vida do avião os dois viajantes. Tanto Alwir como Norberto, morreram na queda que fora violenta. O avião havia caído numa clareira e sua queda, assim, não havia sido amenizada pela copa das árvores. Foi direto ao chão pedregoso, o que aumentou o impacto e a causa da morte instantânea de ambos.

O estádio do Palmeiras, tão logo por lá chegou a notícia do desastre, já que ali não fora ouvido o estrondo devido ao alarido da torcida, ficou parcialmente vazio, pois uma grande maioria de torcedores disparou em direção ao local do desastre, a maioria por simples

curiosidade, para conhecer a extensão da tragédia. Foi, até as primeiras horas daquela noite de 24 de outubro, uma verdadeira romaria, o fluxo e refluxo do povo subindo a encosta do morro para ver o estado em que ficara o avião. Os dois viajantes foram retirados do avião e conduzidos ao recinto da Câmara de Vereadores, onde seus corpos foram velados durante a noite, com a presença de numerosos amigos e admiradores dos dois acidentados.

No dia seguinte, aconteceu um dos maiores sepultamentos da história de Blumenau. Tanto Alwir Koehler quanto Norberto Serpa, tão estimados e admirados por legiões de amigos, tiveram acompanhamento impressionante em seus sepultamentos. Um verdadeiro fato histórico, que mereceu inclusive um registro no livro (ACIB Blumenau. Noventa anos de História», editado pela Fundação «Casa Dr. Blumenau» em 1989.

---

## **FIGURA DO PASSADO**

(EM CAPÍTULOS)

### **CARL WAHLE - um nome ligado à história de Blumenau**

(IV)

S.C. Wahle - 1995

Durante o período de 1930 até a entrada dos Estados Unidos no conflito mundial, 1941, Blumenau passou por momentos de instabilidade, mas na grande média pode-se afirmar que de um modo geral o povo vivia razoavelmente bem, pois a moeda era estável. As mesadas que o meu pai me enviava durante esse tempo, nunca tiveram os seus valores alterados. No Rio de Janeiro as passagens dos bondes nunca foram majoradas.

Durante muitos anos o meu pai fazia pressão junto aos padres franciscanos, com os quais mantinha um bom relacionamento, que o colégio Santo Antônio praticamente equipado, deveria ser transformado em um ginásio. Depois da revolução de 1930, vendo que a procura por maiores conhecimentos estava aumentando consideravelmente, mas ficava oneroso para

a mocidade procurar ginásios fora de Blumenau, pois o único existente em Santa Catarina ficava em Florianópolis. A partir de 1932, com a equiparação do Colégio Santo Antônio em Ginásio, oficialmente reconhecido, Blumenau sofreu um impacto cultural, pois o Ginásio abriu o caminho para que os jovens blumenauenses e das regiões vizinhas, pudessem alargar os seus conhecimentos em universidades de outras cidades e Estados.

Blumenau também foi invadido pelo integralismo, uma facção que imitava o nazismo alemão. Na realidade os partidários de Plínio Salgado, uma personalidade carismática, veladamente eram admiradores de Hitler. Os dois tinham uma coisa em comum: eram carismáticos e não tinham características de liderança. Praticamente a

nata do povo de Blumenau de noite para o dia aparecia de camisa verde. A cidade enfeitava-se de bandeiras verdes, marcadas pelo emblema do partido, representado pela letra grega (sigma), em matemática usado como símbolo de somatório, i.é, soma geral. Mas, segundo a opinião de Carl Wahle e mais tarde achei a confirmação no Caldas Aulete, onde o significado de somatório também define «a revolução como um funesto somatório de revoltas e motins, de violência e extermínios». O meu pai que era um ferrenho opositor a todo e qualquer regime de força, viu nesta campanha integralista uma falta de maturidade política. Chegou a advertir que, virá o dia em que todos não vão querer mais falar sobre o assunto, e se esconderão atrás do silêncio e o assunto vira tabú, como aconteceu com muitas pessoas ilustres. Naquele tempo, o meu pai chegou a discutir com gente ilustre, que não conseguiram resistir ao carisma de Plínio Salgado; faziam sentir e diziam que o Wahle era um espirito de porco. Mas informara-os, que um dia iriam se lembrar disto. Muitos, durante anos deixaram de cumprimentar o meu pai e para ele, como costumava se expressar que isto não passava de um deslize de educação. Também havia aqueles, dotados de personalidade, que assumiam o passado e reconheciam o erro. Algumas dessas pessoas eu presenciei em conversa com o meu pai, deixavam-no satisfeito, não pelo fato de querer ter razão, mas sim por poder certificar que ainda havia muitas pessoas de bem.

Muito o meu pai prevenia as pessoas sobre as consequências, da eventualidade do Brasil vir a par-

ticipar da guerra. Tudo estava indicando este caminho, sobretudo quando Roosevelt começou a demonstrar um grande interesse pelo Brasil.

Quando o Brasil entrou na guerra contra a Alemanha, começaram as perseguições aos alemães. Houve casos duvidosos, de indivíduos que talavam muito em favor do nazismo, mas também ocorreram muitas retaliações pessoais. Muita gente foi detida por razões ignoradas em Blumenau, mantidas por longo tempo, inicialmente em Blumenau e depois transferidas para Florianópolis, onde eram mantidas em campos de concentração. Um dia o meu pai mandou minha irmã Waldetrudis de avião ao Rio de Janeiro, avisando-me de que a minha noiva, Gisela Ruehle, e seu pai também foram detidos. Mandou aconselhar-me, que embora contiasse da inocência deles, seria melhor aguardar o transcurso dos acontecimentos e ver os resultados. Razão da detenção? Não só foram detidos, como tiveram a sua casa vasculhada à procura de comprovantes de espionagem. Levaram toda a correspondência dela e muitos bens, como albuns de fotografias, documentos que serviam de lembrança de sua passagem pelo Sudoeste Africano Alemão (hoje Namíbia). Estiveram na África por cerca de 13 anos. Em Swakopmund, os pais dela mantiveram um hotel durante 10 anos. Após a entrada vitoriosa das forças sulafricanas resolveram voltar à Alemanha. Os documentos eram todos redigidos em inglês, comprovando a passagem pela África, e afirmando que não foram constatados vínculos políticos prejudiciais. De volta à Alemanha, não se acostumaram às dificulda-

des de pós-guerra e imigraram para o Brasil, estabelecendo-se com um hotel em São Francisco do Sul. Depois de 15 anos, enfrentando tempos difíceis, resolveram mudar-se para Blumenau, onde se estabeleceram com o Hotel Rühle, antigo Hotel Brasil. Eles foram informados que nenhum documento escrito em alemão podia ser retido na residência. Acontece que o responsável pela vistoria não sabia distinguir o alemão do inglês. Meu pai, ao tomar conhecimento destes fatos disse que em tempo de guerra as coisas são assim, e possivelmente, fora incumbido do vasculhamento um soldado da força pública que também fazia as vezes de carcereiro, de apelido Frigideira. Então estaria tudo explicado, pois era semi-analfabeto.

De todo o material retirado, somente a correspondência particular da Gisela fora submetida a exame, a cata de informações de espionagem. Todo o restante fora jogado em um caminhão e remetido a Florianópolis, onde nunca foi vistoriado. Do modo como fora apropriado, foi jogado com materiais de outras procedências, no subsolo de uma antiga escola alemã, onde ficou até sua completa deterioração.

Em Blumenau, a Gisela foi jogada numa cela, onde fazia companhia a mulheres embriagadas e prostitutas profissionais, algumas como elas próprias diziam com doenças venéreas. Dois meses depois foi enviada à Florianópolis onde ficaria detida com mais duas ex-enfermeiras de um hospital de Ibirama.

Nesta época, em Blumenau, todos os rádios dos cidadãos alemães foram confiscados e deposi-

tados na Delegacia de Polícia. O Rádio de meu pai não podia ser retirado, pois a minha irmã e seu marido, registraram sua residência na casa de meu pai. Como brasileiros tinham o direito ao uso do rádio e o meu pai participava das recepções durante toda a guerra.

Depois de oito meses de detenção da Gisela, tive a oportunidade de relatar o caso ao meu chefe do Laboratório da Produção Mineral, Dr. Mário da Silva Pinto, que me participou, que o recém nomeado Delegado de Ordem Política e Social, Cel. Olinto Denys tinha ligações de parentesco com a senhora dele. Fiz ver isso ao meu pai e ele, muito discretamente sondou através de conhecidos, que estando ela em Florianópolis, haveria maior possibilidade de se obter algo favorável. O Dr. Mário Pinto intercedeu pela Gisela junto ao Cel. Olinto Denys. Depois de poucos dias, à meia noite fui conduzido à Central de Polícia do Rio de Janeiro, onde um delegado apresentou-me cópias fotostáticas das cartas escritas por mim à Gisela, então minha noiva. Do maço de cartas, só selecionou uma, em que eu dizia, que ao voltar de Mangueiras, onde costumávamos voar com aviões do Aéreo Clube do Brasil, Antonio Belisário Távora e eu tínhamos visitado o navio alemão «Marechal Hermes» que furara o bloqueio inglês. Queria saber qual a razão da nossa visita ao navio. Respondi que estávamos seguindo uma velha tradição, fazer compras e que a visita rendeu muito pois achamos coisas interessantes e bem baratas. Perguntou-me quem era Antonio Belisário Távora. Informei que se tratava do filho de Tabelaio Belisário Távora, primo e cunhado do Gal. Juarez Távora.

Perguntou-me o meu relacionamento com ele, disse que éramos amigos, e que simplesmente íamos à Manguinhos voar e treinar para a próxima Semana da Asa, pois, ambos éramos pilotos brevetados e sócios do Aero Clube do Brasil. Pegou o telefone e falou com alguém, dizendo estar me dispensando, por nada haver contra a minha noiva. No dia seguinte, à tarde o Dr. Mário chamou-me e informou, que no máximo em três dias a Gisela estaria solta. Passei um telegrama ao meu pai via Western, informando que no máximo em três dias iria receber uma notícia. Ele passou a informação a mãe da Gisela. Realmente, dois dias após ao meu tele-

grama a mãe da Gisela, pedira ao meu pai que me avisasse da libertação e desse o dia da chegada dela no Rio. Meu pai fez este telegrama, porém, sendo ela a remeteente. No quinto dia, após a soltura, Gisela estava no Rio. Fomos em primeiro lugar à Delegacia de Ordem Política e Social, para agradecer ao Cel. Olinto Denys, e ele como complemento mandou preparar para a Gisela, um documento de livre trânsito no Brasil, ficando dispensada de uso de salvo-condutos. No dia 3 de agosto de 1943, casamos num cartório, somente acompanhados pela Erika, irmã da Gisela, e do cunhado Dr. Heinrich Schloemann. (Continua)

## A descendência de um pirata

Antônio Roberto Nascimento, da ASBRAP — Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia.

Se não tiver sido corsário, Domingos de Oliveira Patrão, "Patram", ou "Latam", como foi grafado também, foi capitão de navio negreiro, pois, durante o Brasil-Colônia, nossos portos estavam fechados a estrangeiros e ele era natural de Gênova, Itália, fosse embora chamado de "homem espanhol", quando foi do batismo do neto Domingos, aos 04 de novembro de 1798 (1), nascido aos 27 de outubro daquele ano, filho legítimo de Pedro Alves Pereira, natural de Iguape, e de Josefa Maria do Nascimento, natural de São Sebastião, neto paterno de Francisco Alves da Costa e de Maria Pereira Gonçalves, também naturais de Iguape, e materno de Domingos de Oliveira "Latam", o questionado corsário, e de Ana Pires dos Santos, também natural de São Sebastião, sendo

padrinhos Manoel Pereira Lima e sua mulher Maria de Oliveira.

Sua mulher — ou talvez uma delas, sabido que marinheiro tem mulher em cada porto — Ana Pires dos Santos morreu em São Francisco do Sul, aos 19.5.1813 (2), já viúva dele, com 96 anos de idade "pouco mais ou menos", sendo dada como natural da Vila de São Sebastião, Bispado de São Paulo.

Um assento questionável é o de João, batizado em 26.6.1805, filho natural de Ana Pires dos Santos, qual a mãe, filha de Domingos de Oliveira "Patram", natural de Gênova, tendo por padrinhos (3) o Reverendo Vigário Sá Freire (4) e "N. S<sup>a</sup>. da Graça protegeu", vez que se anotou à margem: "filho natural de João Vicente Nóbrega e de Ana Joaquina dos

1 — Livro nº. 5 de batismos da Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça do Rio de São Francisco do Sul.

2 — Livro nº. 2 de óbitos da cit. Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça.

3 — Livro nº. 5 cit.

4 — Cf. A. R. NASCIMENTO, **O Padre Bento Barbosa de Sá Freire**, na revista Blumenau em Cadernos, t. XXXII, p. 183, Blumenau.

Santos, pardos libertos" (sic).

É que não anotamos aquando da pesquisa o nome do padre subscritor, o que seria deveras relevante para bem se entender a curiosa anotação, vez que o Pe. Sá Freire é de duvidosa fidedignidade, o que já não acontecia com o Pe. Bento Gonçalves Cordeiro, natural de Paranaguá, que, apesar de ser chamado de "muito burro" por superior hierárquico da época, como se lê em DAVID CARNEIRO, não conta fosse dado a burlas nos assentos eclesiásticos de São Francisco do Sul.

Domingos de Oliveira Patrão, o pretenso pirata, ao que supomos, natural de Gênova, como a maior parte dos assentos informa, e sua mulher Ana Pires dos Santos, natural de São Sebastião, tiveram quatro filhos, pelo que logramos apurar, todos nascidos e batizados na Vila de São Sebastião, Bispado de São Paulo.

A primeira, pela nossa ordem sem critério específico, foi Antônia Luiza, natural de São Sebastião, casada com Manoel Gonçalves Ribeiro, natural "da" Cananéia, filho de Antônio Mendes do Parado e de Beatriz Gonçalves Ribeiro, também naturais de Cananéia, que teve, em São Francisco do Sul, a filha Maria, batizada aos 15.4.1804 (5), tendo por padrinhos Julião José de Oliveira, tio materno, conforme se há de ver abaixo, e sua primeira mulher Maria Clara do Rosário, natural de Paranaguá e filha do Alferes João Silveira de Miranda (6), também de Paranaguá. O casal teria ido de casa mudada para outro local, pois, em São Francisco do Sul, não mais encontramos registos dele.

A segunda foi a já citada Josefa Ma-

ria do Nascimento, natural de São Sebastião e casada com Pedro Alvares Pereira, natural de Iguape (v. supra), cujo filho Domingos José Pereira foi casado, por seu turno, com a francisquense Maria Dias do Rosário, filha de Salvador Dias do Rosário e de Maria Budal, neta paterna de João Dias do Rosário e de Ana Cardoso Moreira, francisquenses também, e materna de José Budal Arins, filho de casa espanhol, e de sua primeira mulher Francisca Xavier, de acordo com o batismo do filho José, aos 25.9.1829 (7), tendo por padrinhos Lourenço Manoel de Lima, filho do padre de igual nome, e Maria Rita da Conceição. Domingos José Pereira teve, outrossim, a filha Maria, batizada aos 13.4.1833 (8), casada com Francisco Antônio de Braga, descendente de um luso de Braga, o filho Domingos, qual o pai, batizado aos 08.10.1834 (9), Joaquim, aos 08.11.1841 (10), sendo que deve ter morrido à roda de 1867, pois seus bens foram inventariados nesse mesmo ano (11). Padrinhos da sobredita Maria foram Francisco Budal Arins e Antônia Dias do Rosário, casados.

Pedro Alves Pereira, natural de Iguape, e Josefa Maria do Nascimento, natural de São Sebastião, também foram pais de Maria Alves Pereira, já francisquense, casada, de sua vez, com Salvador Bento de Jesus, morador nas cercanias do termo do Parati, que já fora sede da Vila de N. S<sup>a</sup>. da Graça do Rio de São Francisco do Sul, segundo narrou o Dr. LUIZ GUALBERTO, filho de João Antônio "Fonda", ou "Tonda", natural de Braga, e de Isabel Maria Poncia, descendente de hispânico, consoante o batismo da filha Maria, aos 23.10.1831 (12), tendo por pa-

5 — Livro nº. 5 de batismos da cit. Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça.

6 — Cf. A.R. . NASCIMENTO, *O Último Capitão-Mor de São Francisco do Sul*, na revista Blumenau em Cadernos, t. XXVII, 1986, dez. nn. 11/12, pp. 344 e ss.

7 — Livro nº. 8 de batismos da cit. Matriz.

8 — Id. ib.

9 — Id. ib.

10 — Livro nº. 10 de batismos da Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça cit.

11 — Relação de inventários processados na Comarca de São Francisco do Sul, cópia nos arquivos do A.

12 — Livro nº. 8 de batismos da cit. Matriz.

drinhos o Sargento-Mor Joaquim José de Oliveira e D. Emília Michelina do Sacramento. Salvador Bento de Jesus, morreu aos 13.7.1870, com cerca de 80 anos, já viúvo (13). O referido Sargento-Mor Joaquim José de Oliveira, escrivão da Câmara Municipal de São Francisco do Sul em 1827, afora outros cargos importantes que exerceu (14), era filho de Julião José de Oliveira, comerciante, natural de São Sebastião, e de sua primeira mulher Maria Clara do Rosário, natural de Paranaguá (v. supra), tendo sido casado Emília Michelina do Sacramento, francisquense, tina do Sargento-Mor José de Oliveira Borges e de D. Francisca Clara de São Bernardo, esta natural da Vila de São João d'El-Rei do Rio das Mortes, de acordo com o batismo do filho José, aos 14.5.1806 (15), tendo por padrinhos João José de Oliveira (parente?) e D. Francisca Clara de São Bernardo, a sobredita avó materna. Julião José de Oliveira, cujos bens foram inventariados em 1855, por sua segunda mulher Alexandrina Teresa de Jesus, teve, ainda com D. Maria Clara do Rosário, natural de Paranaguá, a filha Rita, batizada aos 12.3.1803 (16), tendo por padrinhos Francisco de Paula dos Reis, natural do Rio de Janeiro e epônimo do lugar "Os Paulas", mercê de assim serem chamados seus herdeiros, e sua mulher Maria Úrsula de Freitas. Sua segunda mulher, Alexandrina Teresa de Jesus, era natural de São Miguel da Terra Firme, hoje Biguaçu (SC), bem como a mãe dela. Teve, com ele, o dito Julião José de Oliveira, filho de Domingos de Oliveira Patrão, o genovês, a filha Florência, batizada aos 21.11.1832 (17), tendo por padrinhos Bartolomeu Martins e Cândida Ber-

nardina de Oliveira, em assento firmado pelo Pe. Gregório José Lopes Nunes, mercê da recente morte do Pe. Marcelino José Nunes da Silveira, onde se anotou que o avô materno era incógnito e que a "mãe e avó maternos são naturais de São Miguel", sem mencionar o nome dessa avó.

O susodito Salvador Bento de Jesus, filho de João Antônio, do Arcebispado de Braga, e de Isabel Maria Ponce, esta com bens inventariados por Hilário Antônio, seu filho e comerciante na Vila do Parati, hoje, infelizmente, Araquari, a mando de Getúlio Vargas, cuja viúva, ao depois, vai casar com Ponciano Antônio de Lemos, morador no Sertão do Itapocu, filha que era do Capitão-Mor Antônio Eugênio de Miranda Tavares, descendente dos mais ilustres bandeirantes de São Paulo; e sua mulher Maria Rosa de Jesus (Padro Alves Pereira, de Iguape, Josefa Maria Alves, de São Sebastião), também teve o filho José, batizado aos 25.6.1833 (18), nascido aos oito daquele mês, tendo por padrinhos Antônio Gonçalves da Maia e Benta Maria da Trindade, bem como a filha Francisca, batizada aos 10.3.1839, e a filha Maria, batizada aos 23.10.1831 (19). Ponciano Antônio de Lemos e a viúva de Hilário Antônio, filha do sobredito capitão-mor, tiveram filha única D. Maria Balbina de Miranda Lemos, casada com o Cel. Procópio Gomes de Oliveira, ilustre personalidade política de Joinville (20).

Domingos José Pereira, já referido (v. supra), era irmão germano de José Francisco Pereira, vereador em 1829 (21), casado com Bárbara Maria de Jesus, filha de Diogo de Castilhos dos Santos e de Ana Dias de Siqueira, neta paterna de

13 — Livro nº. 8 de óbitos da cit. Matriz.

14 — Arquivos da Câmara Municipal de São Francisco do Sul.

15 — Livro nº. 5 da Matriz cit.

16 — Id. ib.

17 — Livro nº. 8 de batismo da Matriz de N. Sa. da Graça.

18 — Id. ib.

19 — Id. ib.

20 — N. do A.

21 — Arquivos da Câmara Municipal de São Francisco do Sul.

Pedro de Castilhos, natural da Sé da Cidade de São Paulo, e de Apolonia da Veiga, franciscuense, e materna de Luiz Dias de Siqueira e de Catarina Cardoso Moreira (Pinto?), franciscuenses, que foram os pais de Pe. Marçal (22), segundo vigário da Vila do Parati — o primeiro, o Pe. Bernardino José Soares, fugiu da paróquia de N. S<sup>a</sup>. da Conceição e Senhor Bom Jesus do Parati — e integrante do Partido Liberal, ou “Judeu”. O Pe. Joaquim Francisco Pereira Marçal criou três filhos naturais (23) e foi irmão inteiro de Maria, batizada aos 20 de agosto de 1831, nascida no dia 12 daquele mês (24), tendo sido casada com Joaquim Antônio de Oliveira Correia e Silva, morador da Vila do Parati, com quem, morta precocemente, deixou duas filhas: Maria, com quatro anos em 1870 (25), e Bárbara, com três anos. Padrinhos da irmã do Pe. Marçal foram o Juiz de Órfãos Martinho de Oliveira Cercal e Maria Anania de Oliveira, solteiros.

Pedro Alves Pereira, natural de Iguaçu, e Josefa Maria do Nascimento, de São Sebastião, tiveram, por demais, o filho Francisco José Pereira, casado, à sua vez, com Isabel Maria da Conceição, filha de Amaro Pereira Lima Jr. e de Ana Maria do Carmo, neta paterna de Amaro Pereira Lima Sênior e de Ana Moreira, franciscuenses, e materna de Domingos Vieira Cassilhas (25), natural de Portugal, e de Theodósia Francisca, natural de Paranaguá, conforme o batismo do

neto Domingos, aos 09.6.1832 (26)

Outro filho do casal Pedro Alves Pereira e Josefa Maria do Nascimento foi Antônio Alves Pereira, casado, de seu turno, com Valentina Firmina de Oliveira, filha de Antônio de Oliveira Cercal e de Ana Maria de Miranda, segundo o batismo do filho Joaquim, aos 12 de setembro de 1837 (27), tendo por padrinhos Joaquim Alves Pereira (outro tio paterno?) e sua mulher Francisca Maria de Jesus, que foi irmão de Ana, batizada aos 06.7.1843 (28), e de Carolina, batizada aos 16.4.1845 (29). A referida Ana Maria de Miranda era filha do Capitão Amaro de Miranda Coutinho Jr. e de Margarida Tavares Camargo de Siqueira, naturais de Paranaguá. Antônio de Oliveira Cercal era filho, por sua vez, de João de Oliveira Cercal e de Ana Vieira da Costa (3).

Antônio Alves Pereira e Valentina Firmina de Oliveira tiveram, outrossim, a filha Josefa, batizada aos 24.2.1833, nascida aos nove daquele mês, tendo por padrinhos Joaquim José de Oliveira e Emília Michelina do Sacramento (31), bem como a filha Damiana, batizada aos 06.8.1837 (32), e Ana, batizada aos 06.7.1843 (33). E, ainda, o filho José, batizado aos 22.2.1834, nascido aos 28.12.1834, tendo por padrinhos José Alves e Bárbara Maria da Conceição (34).

A terceira filha do suposto corsário foi Ana Joaquina dos Santos, natural de São Sebastião, casada com João Vicente Nóbrega, natural da freguesia de N. S<sup>a</sup>.

22 — Cf. WALTER FERNANDO PIAZZA, **Dicionário Político de Santa Catarina**, 1985, p. 324, Ed. da Assembléia Legislativa, Florianópolis.

23 — Arquivo forense da Comarca de São Francisco do Sul.

24 — Livro n<sup>o</sup>. 8 de batismos da Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça.

25 — Arquivo forense cit.

26 — Cf. A. R. NASCIMENTO, **Domingos Vieira Cassilhas**, na rev. Blumenau em Cadernos, t. XXXV, junho de 1994, n. 6, p. 169.

27 — Livro n<sup>o</sup>. 8 de batismos cit.

28 — Livro n<sup>o</sup>. 9 de batismos da Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça cit.

29 — Id. ib.

30 — Diversos registros eclesiásticos franciscuenses.

31 — Livro n<sup>o</sup>. 8 de batismos da Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça.

32 — Id. ib.

33 — Livro n<sup>o</sup>. 10 de batismos da Matriz de N. S<sup>a</sup>. da Graça.

34 — Livro n<sup>o</sup>. 8 cit.

da Graça da Praia do Almaxarife, na Ilha do Faial, com quem teve a filha Ana Joaquina Nóbrega, madrinha aos 02.2.1832 (35), sem mais notícias; Maria Joaquina dos Santos, casada ou não Felipes José de Freitas Castro e mãe Rosa Maria de Oliveira, casada, por seu turno, com o Capitão José Nicolau Machado Sênior, natural da Vila de Cascais, filho de Manoel, em cuja família vai casar, posteriormente, o médico e historiador baiano Dr. LUIZ FERREIRA GUALBERTO; e, por fim, o Capitão João Vicente Nóbrega Dutra, tesoureiro da Câmara em 1828 (36), cujos bens foram inventariados em 1869, por seu filho o Capitão José Emídio Nóbrega (37). Além de diversos cargos importantes, o Capitão José Nóbrega Dutra (não sabemos de onde tirou o "Nóbrega" e o "Dutra" de seu patronímico, foi Juiz de Órfãos, aos 02.6.1831 (38), tendo sido casado com D. Úrsula Maria de Jesus, filha do Capitão-Mor Antônio de Carvalho Bueno, deixando ilustre descendência (39).

João Vicente Nóbrega, o filho do pretenso corsário, não residia em São Francisco do Sul, lá morasse embora sua mãe e família, pois era homem do mar. Seu corpo sequer foi enterrado em terras francisquenses. Lá estava, porém, aos 15.9.1806, quando foi do batismo (39) de sua parente Teresa, filha de José Nicolau Machado, o Velho, e de Rosa Maria de Oliveira, tendo por padrinhos; José Ignácio Simões, "por procuração que apresentou João Vicente Nóbrega e Ana Pires

dos Santos". O batizando era neto paterno de Manoel Machado e de Teresa de Jesus, lusos, naturais da Vila de Cascais, enquanto que a avó materna é dada como Ana Maria da Conceição, o que gera dúvida, pois dita Ana era filha de Felipe José de Freitas Castro e de Maria Joaquina dos Santos, segundo outros registros, máxime em cotejo com o batismo de Carolina, aos 26.11.1837 (41), filha do Alferes Salvador Soares de Carvalho e de Ana Maria do Nascimento, neta paterna de Manoel Gonçalves Bairros (com "i" mesmo!) e de Ana Joaquina Pereira, ambos já finados, e materna de João Pereira Lima e de Margarida Dias de Siqueira, esta já falecida, sendo padrinhos o Juiz de Órfãos João Vicente Nóbrega Dutra e sua irmã Ana Joaquina Nóbrega. Dita Carolina foi irmã de Pureza, Rosenda, Joaquim e Ana, batizados aos 10.11.1841, 20.6.1841, 02.5.1830 e 11.12.1831, respectivamente (42).

No batismo de Salvador, aos 24.10.1802 (43), filho de Miguel Jaques e de Felipa da Graça, neto paterno de Antônio Vieira Jaques e de Maria de Oliveira, e materno de José Lopes e de Joana Lopes, todos francisquenses, padrinhos foram "João Vicente, contramestre do brigue Providência e Francisca Alves". Já no batismo de Manoel, aos 16.8.1804 (44), filho de Antônio Pereira Alves, natural "da" Cananéia, como grafava o escrevente do tempo do Pe. Bento Gonçalves Cordeiro (45), e da francisquense Esmênia Rosa, ne-

35 — Id. ib.

36 — Arquivo da Câmara Municipal de São Francisco do Sul.

37 — Cópia de inventários processados em São Francisco do Sul, no arquivo particular do A.

38 — Livro nº. 8 cit.

39 — Diversos registros eclesiásticos (N. do A.).

40 — Livro nº. 5 de batismos da Matriz cit.

41 — Livro nº. 8 de batismos da Matriz de N. Sa. da Graça.

42 — Livros nsº. 8 e 9 de batismos da Matriz cit.

43 — Livro nº. 5 de batismos da Matriz cit.

44 — id. ib.

45 — Cf. W. F. PIAZZA, **A Igreja em Santa Catarina: Notas para sua História**, Florianópolis, 1977, Ed. do Gov. de SC, p. 237.

to paterno de João Pereira e de Eufêmia Alves, ambos naturais da Cananéia, e materno de Pedro Nogueira e de Ana Correia, padrinhos foram: "João Vicente Nóbrega, mestre de sumaca, e Felícia Maria, filha de José Alves. Doutro quadrante, vê-se no batismo de Manoel, aos 07.3.1832 (46), nascido aos 25 de fevereiro daquele ano, filho legítimo de João Vicente Nóbrega Dutra, que, aos 28.3.1829 (47), fazia parte da Comissão de Vistoria das prisões francisquenses, e de Úrsula Maria de Jesus, neto paterno de João Vicente Nóbrega, da Ilha do Faial (v. supra), e de Ana Joaquina dos Santos, de São Sebastião, e materno do Capitão-Mor Antônio de Carvalho Bueno e de sua primeira mulher D. Bárbara Jacinta Leite de Moraes, natural de Paranaguá, padrinhos foram "o avô paterno, por procuração que apresentou o avô materno (Antônio de Carvalho Bueno) e Ana Joaquina dos Santos. O assento é firmado pelo Pe. Marcelino José Nunes da Silveira, ou Marcelino José da Silveira, como mais foi grafado.

Aos 30.8.1806 (48), no batismo de Joaquina, mais tarde casada com Anacleto José Gonçalves (filha Helena, aos 12.1.1832), filha natural de João Antônio Pereira, natural da freguesia da Santíssima Trindade, Terra da Vila de Macacu, no Rio de Janeiro, e de Ana Maria do Espírito Santo, francisquense, neta paterna de Vicente Pacheco Pereira e de Isabel de Aguiar, do Rio de Janeiro, e materna de Manoel de Siqueira Veloso e de Inácia Gonçalves Correia, moradores em Itapoco-

róia, padrinhos foram João Vicente Nóbrega e Ana Josefa, mulher de Antônio Alves de Souza. O filho do suposto pirata estava, pois, em São Francisco do Sul, nessa data.

Outros Nóbregas estiveram por São Francisco do Sul, além do pai do Pe. Nóbrega (49), que era natural de Santos, como se vê no batismo de Maria, aos 15.8.1797 (50), filha de José Antônio Nóbrega, natural da Cananéia, vereador em 1781 (51), e de Maria Pereira da Costa, neta paterna de Antônio José Nóbrega e de Águida de Freitas, ambos da Cananéia, esta morta aos 23.9.1802 (52), com cerca de 60 anos, ainda casada, e materna Gabriel Pereira do Bonsucesso, natural de Paranaguá, e de Ana Jacinta da Costa, natural da praça da Colônia do Sacramento, tendo por padrinhos o Rev. Pe. Lourenço Manoel de Lima e N. S<sup>a</sup>. das Dores. No assento de Ana, aos 24.12.1803, nascida aos 12 daquele mês (53), filha do mesmo casal, diz-se que o avô paterno, Antônio José Nóbrega, era natural da Europa e que "não souberam dizer o Bis-pado", ao mesmo tempo em que dão os avós maternos como incógnitos. Há uns Nóbregas descendentes do comerciante Manoel Francisco Lopes, filho de pais lusos, precocemente falecidos, mas, ainda, não logramos estabelecer a ascendência.

Essa, em linhas gerais, a descendência francisquense e catarinense de Domingos de Oliveira Patrão, natural de Gênova, de quem suspeitamos fosse corsário, talvez sob bandeira lusa e que entrou no povoamento de Santa Catarina.

46 — Livro nº. 8 de batismos da Matriz cit.

47 — Arquivos da Câmara Municipal de São Francisco do Sul.

48 — Livro nº. 5 de batismos da Matriz de N. Sa. da Graça.

49 — Cf. PIAZZA, A Igreja cit., p. 276.

50 — Livro nº. 5 cit.

51 — V. Anais da Biblioteca Nacional, v. 98, 1978, Rio de Janeiro, p. 229.

52 — 1º. Livro de óbitos da Matriz de N. Sa. da Graça.

# REMINISCÊNCIAS DE ASCURRA

ATÍLIO ZONTA

— Homenagem aos discípulos de Dom Bosco.

(Continuação)

Padre Ivo Poffo, catarinense, natural de Presidente Getúlio, décimo segundo Diretor do Colégio «São Paulo», governou a Casa em 1973. Jovem, popular e músico. Devido a problemas de saúde, não lhe permitiram dar novos rumos ao aspirantado.

Padre Osvaldo Tirone, foi designado, pelo seu provincial, para assumir o Colégio «São Paulo», em princípio do ano de 1973, deixando-o em 1976. Homem calmo e sempre sorridente, procurou construir sobre a pessoa humana. Atualmente é missionário em Angola, África.

Padre Severino Piccinini, catarinense de Massaranduba, SC exerceu a administração do Colégio de 1977 a 1981. A sua maior preocupação era a formação dos aspirantes ao sacerdócio. Promoveu a reforma do telhado do prédio central. Atualmente é mestre de noviços em Curitiba, no Estado do Paraná.

Padre Orestes Satler, aos 2 de fevereiro de 1981, volta a dirigir a Paróquia de Santo Ambrósio de Ascurra, tomando posse perante sacerdotes e autoridades e grande número de paroquianos, bem como, das testemunhas, Leandro Possamai, Luiz Depiné e Júlio Merini.

Padre Ademar Urbainski, natural de Rio Milanês, município de Rio dos Cedros, SC, é conduzido ao cargo de Diretor do Colégio, que o governou de 1982 a 1985.

Um administrador jovem e dinâmico. Procurou valorizar a responsabilidade pessoal dos salesianos que compunham o capítulo da Casa. Iniciou as missões vocacionais. Levou essa mensagem às comunidades paroquiais.

Padre Luiz Bazzanella, filho de Ascurra, em 1º de janeiro de 1983, perante entidades civis, esportivas e religiosas, Apostolado da oração, Grupos de jovens, e sacerdotes do Colégio «São Paulo», Padres Ademar Urbainski, Alfredo Bona, Sílvio Mondini, Hermínio Tambosi, Cláudio Nardelli, Padre Licério João Spézia, foi empossado pelo Padre Orestes Satler, o qual transmitiu o cargo, representando S. Excia. Revma. Dom Tito Buss, Bispo Diocesano de Rio do Sul, o Provincial Salesiano, Padre Leandro Rossa. Estiveram presentes às solenidades de posse do novo Vigário, também, a Diretoria da Paróquia e das Diretorias das respectivas Capelas. A diretoria dessa Paróquia era composta pelos seguintes elementos: Ercy Cattoni, Tarcísio Depiné, Antônio Roberto Dalfovo, Elói Alcides Possamai, Fausto Bogo, Clédio Bogo e Rodolfo Darolt.

Padre Hermínio Tambosi, nasceu em Laurentino, neste Estado e assumiu a administração do Colégio «São Paulo», para o triênio 1986/1989. Incentivou os seminaristas a executar trabalhos práticos e apreciava o esporte e mantinha uma horta farta. Deixa o Colégio de Ascurra, após concluídos

os três anos, para assumir a Direção do Parque Dom Bosco de Itajaí, SC.

Padre José Jovêncio Balestieri, natural de Santa Catarina, nascido em Massaranduba, ex-Inspetor Salesiano da Inspeção São Pio X, com sede em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Homem bondoso, mas exigente. No dia em que deixou concluído o plano de ação para aplicá-lo durante o tempo em que permaneceria na direção do Colégio, é eleito pela Santa Sé, Bispo de Humaitá, Estado do Amazonas. As cerimônias de sua ordenação episcopal, aconteceram na cidade de Guaramirim, no dia 19 de maio de 1991, na presença de Bispos catarinenses e paulistas oriundos de Dioceses desses Estados. O Bispo de Ji-Paraná, Estado de Rondônia, Dom Antônio Possamai, filho de Ascurra, presidiu a sagração perante grande público de fiéis, religiosos e seminaristas. Após as cerimônias, 1.200 convidados participaram do grande banquete, oferecido pela Prefeitura do Município.

Padre Adriano Cemin, natural de Doutor Pedrinho, Santa Catarina, governa o Colégio «São Paulo» de abril de 1991 até fins de 1994. É formado em Catequese. Durante a sua administração, voltou a funcionar o segundo grau, curso esse, transferido da cidade de Ponta Grossa, Estado do Paraná. Um dos pontos altos de seu trabalho, foi a seriedade nos estudos em que resultou na elevação do nível cultural dos estudantes. O Colégio ficou aberto à comunidade ascurrense e a todas as classes de pessoas. É incumbido de dar cursos de Catequese nas Paróquias, na Diocese, na Inspeção e no Regional Sul. Com os projetos de vida,

semanas vocacionais e conscientização vocacional por ele ministrados, obteve como resultado: os candidatos ao aspirantado apresentaram-se com uma formação de nível elevado para seguir a sua vocação sacerdotal. Todos os setores do Colégio, segundo o Pe. Cemin, devem funcionar a contento e proporcionar resultados satisfatórios. Diz ele, também, que os salesianos devem ser uma presença significativa em todos os momentos. Findo o triênio de serviço prestado, recebe a nomeação para ser Diretor do Colégio Santa Rosa, no Rio Grande do Sul, para o triênio 1995/1998.

Padre Paulo C. Marconcini, toma posse como Vigário da Paróquia de Santo Ambrósio de Ascurra, no dia 1º de março de 1987, na presença do Padre Natal Bertoldi, de autoridades e povo dessa comunidade e das testemunhas, Cecília Adami, Norma Moser, Benvenuto Adami, Antônio Gonçalves, Aleixo Pessati, Terezinha Gonçalves, Benvinda Isabel Depiné.

Padre Arcângelo Deretti, assume o cargo de Diretor do Colégio São Paulo, como sucessor de Padre Adriano Cemin, a partir de janeiro de 1995. Um Diretor jovem e amigo de todos os aspirantes e paroquianos. Seu plano de ação será executado durante os três anos que vai permanecer na direção do Colégio.

Padre Egídio Viganô, 7º. sucessor do fundador da Congregação Salesiana, Dom Bosco, falece em 25 de junho do corrente ano, na Casa Generalícia, na Villa Della Pisana, em Roma. Completaria 75 anos em fins de junho. Conhecido como teólogo da vida consagrada, o Padre Viganô, tinha participado de todas as sessões do Con-

cílio Vaticano II, sucessivamente, das três Conferências Episcopais Latino-Americanas, (Medelin, Puebla e Santo Domingo), e como membro eleito dos religiosos nomeado pelo Papa, tomou parte nos últimos seis Sínodos dos Bispos. Eleito em 1977, como sétimo sucessor de Dom Bosco, o Padre Viganô, guiou com forte personalidade a vasta Família Salesiana. A Família Salesiana, possui, atualmente, no mundo, Congregações masculinas e femininas, Institutos seculares e associações laicais, perfazendo um total elevado de segmentos unidos pelo Carisma Salesiano. Depois de 18 anos de Direção Geral, o Padre Viganô, estava preparando a Congregação Salesiana para o 24º. Capítulo Geral, previsto para o mês de fevereiro de 1996. O argentino Padre Juan Edmundo Vechi, vigário geral, assumiu interinamente o governo da Congregação Salesiana que

tem atualmente, 17.561 membros que trabalham em 89 Inspetorias (províncias) de 113 nações do mundo. No Brasil, os Salesianos estão divididos em seis Inspetorias e são quase mil religiosos.

O 1º. sucessor de Dom Bosco foi Dom Miguel Rua; o 2º. sucessor, Padre Álbera, o 3º., Padre Felipe Rinaldi, o 4º., Padre Pedro Ricaldone, o 5º., Padre Renato Zigiotti, o 6º. sucessor foi Padre Luiz Ríceri e o 7º., o Padre Egídio Viganô.

Em 20 de setembro de 1992, foi comemorada a festa dos 75 anos de presença salesiana em Ascurra. E nesse mesmo dia, festejaram os 50 anos de ordenação do Padre Otaciano Ribeiro de Souza e jubileu de Prata Sacerdotal dos Reverendos Padres, Ervin José Consati e José Rodolfo Hess, bem como, a Confraternização anual dos Ex-Alunos Salesianos.

No próximo número desta Revista :

- Homenagem ao discípulo de Dom Bosco, Padre Aleixo Costa;
- Comunidade Evangélica Luterana de Ilse, Ascurra.

---

## A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

ELLY HERKENHOFF

(Quarta Parte)

(“KOLONIE-ZEITUNG” DE 22 DE JULHO DE 1871)

Se indagássemos de que maneira o novo projeto governamental foi recebido por boa parte dos fazendeiros, e como eles encaram o problema da abolição, encontraríamos, em alguns deles, um repúdio fanático — mais ou menos disfarçado sob belos fraseados — contra toda e qualquer iniciativa, que venha toldar parcialmente o seu assim chamado “direito de propriedade”.

Em várias localidades houve reuniões de fazendeiros, que, em ofícios dirigidos ao Senado, se declararam frontalmente contrários às condições da Abolição propostas e, sobretudo, contra a alforria dos filhos das escravas. Evidencia-se, notadamente, o raciocínio e o posicionamento daqueles fazendeiros, pelo ofício abaixo, apresentado ao Senado, pelos fazendeiros de Paraíba do Sul, Rio de Janeiro.

Eis os dizeres do documento:

"Meretíssimos e Digníssimos Representantes da Nação!

Malgrado o respeito, que votamos à sabedoria do Poder Executivo e a confiança, que nos inspira o Vosso patriotismo, não nos podemos furtar de mui respeitosa-mente, apresentar a nossa admoestação, em prol dos legítimos interesses da lavoura, preocupados que estamos, com a divulgação das idéias, que abalam a disciplina e a ordem, nos numerosos e importantes estabelecimentos agrícolas deste município — idéias tanto mais assustadoras por se desenvolverem sob a pressuposta autoridade dos Poderes Constituídos. Diariamente se verificam sinais de descontentamento e insubordinação por parte daqueles que, pela obediência e constância, foram alcançando, pacífica e gradativamente, concessões progressivas, em decorrência do conceito profundamente modificado de seus senhores — concessões que os foram distanciando, mais e mais, da penosa situação da primitiva escravatura, assegurando-lhes, para uma época não muito distante, a concessão do estado natural, sem os perigos de desigualdades e dos abalos de esperanças ilusórias.

Por certo não passou despercebido à superior sagacidade do Poder Legislativo, o movimento voluntário e consciencioso dos fazendeiros no sentido de conceder benefícios aos seus escravos — benefícios estes que deverão levá-los à conscientização do homem livre, como sejam: facilitar os casamentos, fazer respeitar a família, ceder-lhes pequenas áreas de terra para a sua pequena lavoura e permitir a formação de pecúlios particulares, em muitos casos administrados pelos próprios senhores. O tratamento dos cativos, tanto em relação à disciplina como à subsistência, tem melhorado consideravelmente, tanto que se poderá afirmar, sem receio de qualquer contestação, que a situação atual dos escravos — comparada ao estado de coisas do passado — é de quase liberdade. Não menos proveitoso para a

conservação da disciplina e da tranquilidade das famílias dos fazendeiros, foi a ação mitigante dos ensinamentos cristãos, apesar da falta de quaisquer recursos, para torná-los efetivos e duradouros. Os sacerdotes, além de seu reduzido número, não se decidem à vida longe das cidades, além de não estarem preparados, de um modo geral, para uma tão sagrada e delicada missão como esta, de levar ensinamento aos escravos, preparando-os inteligentemente para o futuro, que lhes será ofertado, e fazendo assim desaparecer completamente de sua memória a lembrança do passado, de maneira que, enfim libertos, possam ser úteis à lavoura e ao país. Quando a população livre se ressentia da falta de instrução e educação religiosas, quando as paróquias jazem abandonadas ou mal providas, pela ausência de bons sacerdotes, quando o interior do país se encontra quase entregue ao barbarismo, desprovido de cibórios e sacramentos, a lavoura se constrange em importunar os Poderes da Nação, com um pedido de ensino religioso para os escravos, dispersos em tão vastas áreas. E no entanto, seria este o meio mais seguro e eficaz, para complementar o magno projeto da futura abolição da escravatura, sem ameaças e ódios, decorrentes da brutalidade quase atéia da classe servil, plena de suspeitas e dotada de paixões tão violentas quanto imprevisíveis. As esperanças, que a propaganda da emancipação vem espalhando secretamente, se avolumam exageradamente, em prejuízo da disciplina e do trabalho e caso um aparato oficial ainda os viesse enrobustecer, não seria fácil reprimir erupções violentas.

O projeto de lei apresentado à Câmara dos Deputados distancia-se de quaisquer preceitos da prudência e da precaução, cuidando tão somente do propósito da emancipação, abandonando os libertos aos malefícios da falta de qualquer experiência. Deste modo, o projeto interrompe o desenvolvimento pacífico e os propósitos cristãos e magnânimos dos senhores,

despertando paixões nos escravos — paixões que, ainda adormecidas pela conformação, serão desastrosas. Ao invés de coletar medidas preparatórias para a reforma da escravatura, o projeto se precipita na solução do magno problema, inquietando os donos e impelindo à ruína a lavoura — a farta e talvez única fonte de riqueza nacional. O projeto se distancia fundamentalmente do princípio, que deverá reger toda esta tão delicada questão — o princípio da preservação do pecúlio, em todo o seu poder moral — condição básica da segurança e da concretização pacífica do projeto. É preciso não esquecer, que o relacionamento entre o senhor escravista e o escravo, sendo de caráter especialíssimo, não mais será preservado, desde o momento em que, por força da Lei, a autoridade do senhor for denegrida. De acordo com o teor do projeto de lei, o senhor estará exposto à desconfiança dos Poderes Públicos e à execração dos cativos, que vêem no senhor tão somente o carrasco, aquele que se recusa a soltar a sua vítima, enquanto o Governo para ele é o protetor, que se empenha em libertá-lo. Se tais paixões forem atizadas e instigadas pela intromissão dos Poderes Públicos, a convivência entre o senhor e o escravo se tornará impossível e as consequências das hostilidades irão espantar esta iniciativa leviana de um falso humanismo. A reforma da escravatura irá de encontro aos anseios da coletividade, será causa de horrenda luta racial e o benefício, que se pretendia trazer aos escravos, será transformado em holocausto. A Lei do Ventre Livre é uma idéia absolutamente inadmissível, que aniquila a disciplina e fere o direito de igualdade dos que se encontram na mesma situação, levando assim ao desespero os cativos adultos, que permanecerão na escravatura. O senhor perde muito de sua força moral, com a divisão da família escrava. Situações diversas requerem providências diversas. A liberdade imposta pela lei, é muito diversa daquela que se origi-

na da concordância ou da magnanimidade do escravagista. A primeira desprestigia o senhor e desperta a noção do direito no cérebro do cativo, a segunda confirma a propriedade e fortalece o dono, motivando o sentimento de gratidão do agraciado — tão importante para a manutenção da obediência. A idéia da emancipação do nascituro ainda traz outras, não menos graves consequências, que não precisam ser lembradas aos representantes do povo. A aprovação daquele projeto obriga à intromissão das autoridades nas fazendas, provoca as queixas, autoriza as investigações da polícia, motiva desejos de vingança e expõe os fazendeiros a vexames insuportáveis e constante desassossego. Por mais ousado que se apresente o projeto, ainda assim tem lógica. Todos os seus dispositivos procedem do seu ponto de partida: Obrigar o senhor à manutenção do recém-nascido liberto, submetê-lo às investigações das autoridades, negar-lhe qualquer indenização antes dos 8 anos do liberto, expô-lo a penas criminais por maus tratos e à acusação por parte dos promotores públicos, tratá-lo como inimigo irreconciliável de seus escravos, desconfiar de sua magnanimidade, negando-lhe o próprio direito de ser generoso — estas as inevitáveis consequências do nefasto projeto.

Todas as garantias reais, sacramentadas no projeto, são a favor dos escravos e contrários aos senhores. Processos sumários, punições exageradas, supostos crimes demolitórios dos alicerces do Direito Penal, multas arbitrariamente impostas pelo Poder Executivo, alforrias impositivas, recursos judiciários a favor da libertação, educação dos menores por conta de seus donos — eis a máquina denticulada de supressão da propriedade. Nenhuma alusão à disciplina, que deverá reger o tratamento dispensado aos escravos e nenhuma providência capaz de defender os senhores dos prováveis e futuramente inevitáveis desmandos dos cativos.

Digníssimos Representantes da Nação! Os abaixo assinados fazendeiros de Paraíba do Sul vêm-se dirigir a Vossa Sabedoria e o Vosso Patriotismo, para Vos rogar que apareis o golpe, prestes a desabar sobre a nossa Pátria, em consideração dos interesses e dos direitos máximos, tanto do País como também de Vossa segurança e de Vossa própria vida! O projeto do Sr. Ministro da Agricultura é o golpe mortal da lavoura e o facho de incomensurável, de terrível conflagração, impossível de ser controlada por quaisquer meios, caso as idéias ali expostas sejam transformadas em Lei! A nossa confiança em Vossa sabedoria e Vosso espírito de justiça é ilimitada. Existem outros caminhos, que Vossa sagacidade irá encontrar e que nos poderemos propor — caso desejais aceitar a colaboração da lavoura — para a concretização mais segura e livre de abalamentos, da idéia cristã — anseio de toda a humanidade. Nunca será menor a Vossa glória, se, por medidas sensatas, appareis o inevitável choque entre duas raças — por meio da mais doce e suavizante conciliação". (2).

Linguagem muito clara, esta. E, além disso, a assembléia dos nobres fazendeiros, à sua testa um aristocrata do Império, o Barão de Paraíba, achou necessário expressar mais claramente ainda o seu ponto de vista, fundando uma Associação com a finalidade da "Defesa e Manutenção de seus Direitos, ameaçados pela Reforma concernente ao Elemento servil" — conclamando todos os fazendeiros à participação. Uma série de resoluções, que realçam "o seu direito de propriedade, com base na secular prescrição aquisitiva" acompanha o manifesto. Mas, enquanto essa atitude demonstra claramente a determinação de fazer frente a qualquer forma de emancipação escravista, outros grupos de fazendeiros, como por exemplo os do município de Pirai, Rio de Janeiro, se pronunciaram a favor da emancipação, ressaltando, porém, o fato de ainda não haver condições no país, pa-

ra tal medida. Antes será indispensável aumentar as correntes imigratórias para o país, e de resto o Governo, antes de elaborar qualquer projeto nesta area, deveria ouvir a opinião da totalidade dos fazendeiros.

Evidencia-se, mais e mais, que da parte dos fazendeiros não haverá senão estorvo para a solução do problema. A não ser que venham surgir imprevistos, capazes de modificar o seu raciocínio, os fazendeiros escravagistas serão levados pela correnteza dos acontecimentos futuros.

Há coisas que, assim como os raios do sol, não necessitam ser previamente demonstradas, e entre estas se inclui a exigência de acabar finalmente com a escravidão no Brasil. Uma injustiça, durante séculos praticada contra a Humanidade, jamais se alicerça sobre o Direito e o Direito à liberdade de toda uma classe de pessoas humanas, nunca poderá ser posta em dúvida por um hipotético e absurdo direito adquirido. Convenhamos que, dadas as suas raízes profundas, existentes tanto na sociedade brasileira como em toda a nossa vida econômica, não será possível abolir tamanha aberração com uma simples penada, sem incalculáveis prejuízos, tanto para a sociedade como para toda a vida econômica. Isso não significa, porém, que o problema seja tão complicado assim, exigindo cálculos intrincados. Se disséssemos: a 31 de dezembro do ano de 1899 a escravidão será abolida no Brasil, sem qualquer reposição para os escravagistas — haveria tempo suficiente neste intervalo, para os fazendeiros e o país, de se prepararem, substituindo aos poucos o trabalho escravo pelo braço livre. Se quisermos aguardar até que a imigração venha para o Brasil em maior escala, para somente então tomarmos as medidas decisivas, será o mesmo que adiar indefinidamente qualquer solução, uma vez que o impecilho maior para o aumento da imigração consiste exatamente na escravatura, ainda vigente no Brasil e no fato de se verificar

que nas fazendas o trabalhador livre, ao lado dos escravos, descamba igualmente para o estado de servidão — conforme vêm provando as colônias de parcerias. A ruína da lavoura, preconizada pelos fazendeiros, com o fim do trabalho forçado — forçado e conseqüentemente mal feito — do escravo, é um espantinho, que poderá ser contestado por simples dados estatísticos. As mesmas advertências em maior escala até, foram proclamadas quando da extinção definitiva do tráfico de africanos. Naquela época, assim como agora, preconizava-se a ruína total da lavoura, por falta de braços. Pois se no ano de 1848, somente naquele ano, haviam sido importados 60.000 novos escravos, como então conceber que de repente, aquele tráfico havia chegado ao fim? No entanto, deu-se exatamente o contrário. A exportação aumentou, assim que terminou o tráfico de escravos. Nos anos de 1848/49 foram exportados produtos no valor de 65:032.000 milréis. Em 1850 o tráfico de escravos acabou definitivamente

e nos anos de 1849/50 o valor das exportações subiu para 67:788.000 milréis, e 10 anos mais tarde, em 1859/60, atingiu a soma de 112.958 milréis. Atualmente, quando o número de escravos no Império é quase a metade dos existentes em 1850, a exportação de produtos nacionais atingiu quase o dobro do total de 1850 — prova mais do que suficiente, de que o florescimento da lavoura vem aumentando exatamente na medida em que vem diminuindo o número de cativos no país.

Ainda há tempo de solucionar o problema da emancipação dos escravos pelo Senado, por meios legais. Que não se espere, protelando a questão, até que seja forçada uma solução por parte dos escravos, capaz de abalar tudo, até os alicerces, e impondo — então sim! — reais sacrifícios e perdas irreparáveis a todo o país.

Elly Herkenhoff, historiadora e tradutora do Arquivo Histórico de Joinville, é autora de vários livros.

## CARTAS

### Correção em Reminiscências

«Prezado Senhor José Gonçalves  
Assunto: Reminiscências em correspondência  
Blumenau em Cadernos Agosto, 1995  
pág. 240.

Na minha carta houve uma expressão infeliz quando me referia ao Arnaldo Michels, dizendo que «Arnaldo criado em uma ferraria em Indaial». Esta, nada mais é que força de expressão. O pai Sr. Henrique Michels era dono de uma ferraria moderna. Com a família residia confortavelmente, dando o que tinha de melhor para a educação dos filhos. Segundo o que contava Arnaldo, ele gostava muito de passar o tempo na ferraria onde com os outros ferreiros aprendia o manuseio de ferramentas próprias de um ferreiro. Gostava também de fazer ginástica, tendo grande habilidade na barra. Para a idade dele era um menino excepcionalmente forte. Com a mudança para Blumenau o modo de vida mudou e teve que adaptar-se às novas condições. Conheci-o muito bem, éramos vizinhos, íamos junto ao colégio e sobretudo éramos bons amigos.

Prezado Sr. Gonçalves apreciaria muito se esta correção pudesse ser publicada.

Atenciosamente  
Siegfried Carlos Wahle»

## POSSE SOLENE NA ACADEMIA MAÇÔNICA

O escritor e jornalista José Gonçalves, autor de cinco livros e contos publicados em antologias, editor responsável desta revista, foi eleito para a Cadeira 24 da Academia Catarinense Maçônica de Letras e empossado em solenidade realizada na noite de 25 de outubro, com a presença da maioria dos membros de sua Loja «Obreiros de Salomão» número 39, de Blumenau.

José Gonçalves foi saudado, na ocasião, pelo acadêmico Rui Olímpio de Oliveira e pelo Venerável Mestre de sua Loja, em nome dos integrantes da mesa.

O novo acadêmico escolheu para seu patrono Curt Max Lebrecht, que biografou em seu livro «O Cidadão de Três Pátrias», já em segunda edição. Seu discurso de

posse versou sobre a vida e a obra de seu patrono.

A reunião plenária da Academia, realizada no auditório do Palácio Cruz e Sousa, foi muito concorrida, contando com a presença de seus membros e de numerosos outros convidados.

Com a posse, José Gonçalves passa a ser o 24º. membro da Instituição, dos quais 23 são ativos, uma vez que o acadêmico número um, Antônio de Lara Ribas, é falecido.

Pelo merecido reconhecimento de seu trabalho, os integrantes da equipe de «Blumenau em Cadernos», seus colaboradores e amigos, expressam ao editor José Gonçalves, suas efusivas felicitações, desejando-lhe uma vida acadêmica proveitosa e agradável.

Enéas Athanázio

## REGISTROS DE TOMBO DE RODEIO (VIII)

Pe. Antônio Francisco Bohn

### Ano de 1943 :

1. Orientações para a nova doutrina.
2. Comunhão solene.
3. Confissões das crianças.
4. Sobre as Congregações.
5. 1ª. Sexta-feira do mês.
6. Capelas e Matriz.
7. Relatório de 1943: casamentos (75), batizados (420), 1ªs. comunhões (164), confissões (39.720), comunhões (79.412), visitas (116).
- 8.10. Sobre os cânticos. Lugar nas Igrejas e participação plena das missas.
- 11.12. Sobre a organização das Escolas.
13. Continuação das provisões.
- 14.27. Licenças, provisões, e facultades, dispensas matrimoniais.

### Ano de 1944 :

1. Doutrinas de vários grupos.
2. Mudança dos padres.
3. Retiro das filhas de Maria e Or-

dem Terceira.

4. Jubileu de Ouro de Fr. Bruno Linden.

5. Consagração da Paróquia ao Sagrado Coração de Maria, em 13.05.

6. Recitação do rosário durante o mês de maio.

### Ano de 1945 :

1. Nomeação de Fr. Ladislau Gazdzicki, como novo vigário, em 05.02.

2. Falecimento da superiora das Irmãs Catequistas, em 20.02.

3. Mudança dos coadjutores, em ... 06.03.

4.9. Hora Santa. Páscoa dos Militares. Bênção de Casas. Missas Vespertinas.

10.13. Seminário Seráfico. Casa do Café. Mudança dos Padres. Fim da Guerra.

14. Consagração ao Imaculado Coração de Maria, em 27.05.

15. Provisões dos Conselhos de Fá-

brica, das Capelas (em diversas datas).

16. Provisões das Capelas e Licenças (em diversas datas).

17. Licenças para confessores ordinários e extraordinários das Irmãs da Divina Providência e Irmãs Catequistas, em 14.07.  
18. 19. Primeira Eucaristia das crianças e Missa Diária das Crianças.

20. Construção de novo espaço para as Irmãs Catequistas Franciscanas.

21. Transferência de Fr. Agostinho para Angelina, em 25.06.

22. 24. Missa com novos cânticos. Provisões. Missões.

#### **Ano de 1946 :**

1. Bênção de duas novas capelas. Picadão e Barra, em 15.08.

2. Transferência de Fr. Cirilo para Campos do Jordão, em 27.11.

3. Provisões, delegações, e novos coadjutores.

4. Provisões das capelas, em 18.06.

5. Dispensas de consanguinidade, em 06.04.

6. Licenças diversas, em 25.04.

7. Capitéis de Nossa Senhora Aparecida e Nossa Senhora de Fátima, em 12.05.

8. Celebração do mês de maio com ladainhas.

9. Consagração ao Imaculado Coração de Maria, em 30.05.

10. Jubileu de Fr. Agostinho, em 19.06.

11. Dispensa matrimonial e licenças, em 18.06.

12. Nova Capela de São Paulo em Forquação, em 25.08.

13. Licenças para a bênção de imagens, em setembro.

14. Bênção das imagens, em 15.09.

15. Criação da Paróquia de Indaial. Posse do novo vigário, em 10.03.1947.

16. Inauguração do Café São Francisco, em 03.10.

17. Procissão de Velas e Renovação das Missões em 27.10.

18. Fundação da cruzada, em 27.10.

19. Doutrina nas férias, em 30.11.

20. Bênção da nova capela de São Sebastião em campo de São João.

21. Movimento religioso de 1946 :  
Visitas (246). Confissões (30.170) Batizados (478) Comunhões (83.000) 1<sup>as</sup>. Comunhões (140). Casamentos (100).

#### **Ano de 1947 :**

1. Mudança dos padres, em 20.01.

2. Missões no Mato Grosso pelas Irmãs Catequistas, em 21.02.

3. 1<sup>a</sup>. Comunhão Solene, em 26.01.

4. Provisões ao vigário de Indaial.

5. Dispensa matrimonial, em 24.02.

6. Vários avisos para 1947, em 08.01.

7. Provisões de confessor, licenças, em 27.01.

8. Permissão para práticas em alemão, em 15.02.

9. Bênção de casas, pela Páscoa.

10. Bênção da padroeira do Seminário e renovação da Consagração ao Imaculado Coração de Maria, em 30.05.

11. Festa de Corpus Christi.

12. Dispensas matrimoniais: mixtae religionis e consanguinidade, em 06.06.

13. Benfeitores do Seminário, em 17.08.

14. 1<sup>a</sup>. Eucaristia solene, em 17.08.

15. 22. Reunião de crianças. Bênção da Cruzada. Esmolas para vítimas da guerra. Mês de outubro. Provisões e licenças. Circular sobre o Seminário Diocesano. Dia das Missões, em setembro/Outubro.

23. Inauguração do Seminário Seráfico, em 14.12.

24. Movimento religioso de 1947 :  
casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

24. Movimento religioso de 1947 :

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

casamentos (86), confissões (39.830), visitas (243), batizados (497), comunhões (97.600).

## PEDRO CHRISTIANO FEDDERSEN

José Gonçalves

Dentre as inúmeras figuras de imigrantes que vieram para Blumenau, no século passado para aqui trabalharem e construírem em busca de um progresso mais rápido e firme para a região do Vale do Itajaí, destacou-se, sem dúvida, a de Pedro Christiano Feddersen, o qual deixou seu nome ligado aos mais importantes empreendimentos que resultaram no crescimento e grande desenvolvimento da antiga Colônia Blumenau.

Basta dizer que foi ele o idealizador e líder no alcance do mais importante empreendimento que objetivava dar a Blumenau a força necessária para o seu desempenho econômico e industrial: a construção da usina geradora de energia elétrica que nos dias de hoje ainda desempenha seu papel, contribuindo dentro do sistema nacional energético, a partir do Salto Weissbach. E a implantação do sistema de transporte ferroviário também teve em Pedro Christiano Feddersen um de seus mais destacados empreendedores, integrando a comissão criada para alcançar o objetivo de dar ao Vale do Itajaí um sistema de transporte ferroviário que prestou assinalados serviços ao desenvolvimento da região durante muitas décadas.

Pedro Christiano Feddersen viveu uma vida de desafios. Nasceu na Dinamarca, em 1857, ele era originário de uma localidade naquele país, que, por força da guerra, fora anexada ao território alemão. Mais tarde, com o adven-

to da guerra 1914/1918, a localidade voltou a pertencer à Dinamarca. Veio para o Brasil poucos anos após haver sido fundada a Colônia Blumenau. Radicou-se em Santos, onde inaugurou um empreendimento comercial em sociedade com um português. Mais tarde, teve que liquidar a empresa, vítima que fora das falcatruas de seu sócio que cometeu uma série de desvios, levando a empresa à falência. Feddersen não desanimou. Assumiu todas as dívidas deixadas pela firma e transferiu-se para Blumenau. Aqui instalou-se com comércio e desenvolveu toda sua capacidade de trabalhador que era, conhecedor profundo do ramo de negócio que abraçara e, assim, tempos depois, estava em condições de cumprir com suas obrigações deixadas em Santos. Retornou àquela cidade, onde saldou todas as dívidas deixadas, mostrando com isso a seriedade de seu caráter, honestidade e tudo enfim que caracteriza o homem de bem, livre e de bons costumes.

Passados mais alguns anos de plena atividade comercial, Pedro Christiano Feddersen chegou a possuir nada menos do que umas trinta filiais, ou sejam, casas comerciais que instalou em diversas localidades da região, inclusive no vale do rio Itapocu, como Jaraguá e outras.

Foi durante esta grande evolução fruto de um trabalho honesto e de larga visão administrativa, que Feddersen, perfeitamente inte-

grado na comunidade blumenauense, ocupando lugar de destaque em todas as iniciativas pelo progresso, liderou o projeto para a instalação, no local em que ainda hoje está funcionando, a Usina geradora de energia elétrica do Salto. As terras eram de sua propriedade. Forneceu-as ao projeto, como parte de sua integração à sociedade criada, tornando-se, assim o 1º. acionista. Foi buscar a financiamento junto a Bancos alemães, o que obteve, tendo sido contratada a empresa Bromberg & Hacker para construir a usina hidroelétrica do Salto. Esta foi inaugurada no dia 1º. de maio de 1915, isto oficialmente, embora já estivesse fornecendo energia, a título experimental, há algum tempo.

A empresa concessionária do fornecimento de energia elétrica denominava-se Feddersen, Jensen & Zimmermann. Como vemos, Feddersen continuava sendo o acionista majoritário, pois fora sempre o líder em busca da realização do empreendimento. A usina gerava 1.750 KWA.

Como acionista majoritário da empresa proprietária da Usina Salto, Feddersen tomou a iniciativa, cerca de dez anos após estar a usina em funcionamento, de pagar ao financiador alemão o empréstimo recebido, conforme contrato que havia assinado há dez anos passados. Assim, procurou saber a quantia que teria de pagar. Todavia, em face da Alemanha achar-se em situação penosa por haver perdido a guerra, a dívida da firma Feddersen para com o credor tornara-se irrisória, isto se fossem seguidos os trâmites normais, face a enorme desvalorização do marco alemão. Agindo de acordo com sua consciência de homem honesto, levando sempre em conta o valor de

sua palavra, Pedro Christiano Feddersen decidiu converter em ouro o valor do empréstimo recebido há dez anos antes e pagou o mesmo a peso de ouro o que achava que realmente devia. Com isto, ficou com suas finanças bastante reduzidas, isto também porque suas filiais em número de umas trinta, como já dissemos, também deixaram de crescer e render bons resultados talvez devido a inoperância de suas gerências.

Pedro Christiano Feddersen enfrentou todas estas adversidades sem jamais deixar de lutar dentro dos mais sãos princípios morais e honestos. Foi ele também o grande incentivador e membro da comissão especial que lançou a pedra fundamental para a construção da Estrada de Ferro ligando inicialmente Blumenau a Aquidaban e mais tarde de Aquidaban a Hansa. Com sua destacada participação foi obtido também na Alemanha o empréstimo para este empreendimento, e com isso Blumenau recebeu todo o material necessário desde o assentamento dos trilhos, máquinas e vagões, da firma alemã ORNSTEIN & COPPEL, de Berlim. Já em 1907, quando haviam sido assentados os primeiros trechos de trilho entre Blumenau e o bairro de Itoupava Seca, trafegou sobre os mesmos a primeira máquina a vapor, fazendo os primeiros testes. Tratava-se da máquina pioneira que veio mais tarde a ser denominada de «Macuca». Isto aconteceu no dia 20 de dezembro daquele ano, para surpresa, curiosidade e alegria dos moradores situados às margens da ferrovia.

Pedro Christiano Feddersen que, como já dissemos, nasceu na Dinamarca no ano de 1857, dia 5 de outubro, faleceu em Blumenau no dia 22 de junho de 1947, portan-

to com 90 anos bem vividos. Destes, ele ofereceu os melhores de sua vida em prol do progresso de Blumenau. Foram os dois maiores empreendimentos que impulsionaram este progresso, que muito dependeram de sua energia e coragem: a Usina Salto e a Estrada de Ferro.

Existem, portanto, fundadas razões para que, hoje encontremos, na praça localizada na bifurcação da rua São Paulo com a rua Bahia, na Itoupava Seca, o seu busto, a lhe prestar homenagem. Pelo que fez por Blumenau, merece muito

mais. Seu nome nunca poderá ser esquecido. Também é dado à rua que bifurca a rua São Paulo, pela direita, e que começa justamente na praça que leva seu nome e na qual encontra-se o busto do homenageado, que foi inaugurado no dia 02 de setembro de 1950, quando Blumenau festejava seu centenário de fundação.

O busto de Pedro Christiano Feddersen foi fundido nas oficinas da antiga Empresa Industrial Garcia, ofertante do mesmo à Comissão de Festejos do Centenário.

---

## Memória Histórica de Vitoriosa Colonização

### A constatação oficial das dificuldades

Toni Vidal Jochem (\*)

(Continuação do nº. anterior)

A população aos poucos aumentava, mas os imigrantes permaneciam paupérrimos; mal tinham com que saciar a fome. Em relatório apresentado ao Presidente da Província, o Conselheiro Vicente Pires da Motta, por seu antecessor Ignácio da Cunha Galvão, por ocasião de passar-lhe a administração da Província em 17 de novembro de 1861, diz que

**"as Colônias: Brusque, Theresopolis e Santa Isabel estão passando atualmente, pela primeira vez, pelo período crítico da sua existência, que é aquele em que terminado o prazo durante o qual os colonos recebem subsídios do Governo para sua manutenção, têm os mesmos que subsistirem das plantações que fizeram e de seus próprios recursos, é uma quadra melindrosa que merece especial atenção da administração superior". (29)**

Durante o ano de 1861 registrou-se na Colônia o nascimento de 12 crianças, houve 12 casamentos e 3 óbitos.

Visitando a Colônia Santa Isabel, em 1861, esteve Johann Jakob von Tschudi e nos deixou o seguinte relato:

**"uma grande desvantagem dessa colônia é, porém, que, até 1861, os colonos não tinham recebido do Governo seus títulos de propriedade, e que seus terrenos ainda não estavam demarcados. Alguns tinham uma frente de 100 braças com 1200 de fundo; outros, uma frente de 120-200 braças com fundos incertos. Um dos colonos, por exemplo, que acreditava ter sua propriedade os fundos prometidos de 1000 braças, viu-se extremamente desapontado, pois, numa nova medição, verificou haver apenas 396 braças de fundo. Naturalmente, uma tal incerteza das propriedades é a causa de desagradáveis complicações e contendas". (30)**

Johann Eduard Wappäus visitando, na década de 1860, a Província de Santa Catarina publicou em Leipzig, Alemanha, em 1871, suas observações a respeito da Co-

lônia Santa Isabel; entre elas destacamos o seguinte trecho no qual reafirma as dificuldades às quais estavam submetidas os colonos :

**"Um grande inconveniente dessa colônia foi, entretanto, a circunstância de que os colonos não haviam recebido do Governo seus títulos de propriedade. Outrosim, reclamavam os protestantes a falta de um pastor e de professor. Isso, porém, foi logo remediado, atendendo que a Sociedade Missionária de Basileia enviou um clérigo e com o auxílio do Governo Alemão e pequenos óbulos da Sociedade Gustavo Adolfo da Alemanha e da Suíça, o pastor alemão fundou um educandário no qual congregou os filhos dos colonos, pois vivendo eles muito espalhados e em precárias comunicações e com péssimas estradas impossibilitava uma frequência regular à escola. Esse sistema educacional durante alguns anos demonstrou um grande adiantamento para a colônia". (31)**

Em virtude de desentendimentos administrativos ocorridos na Colônia, em 23 de novembro de 1862, em detrimento à ordem pública, os imigrantes Elli Schneider, Friedrich Ebert, Friedrich Morgemotha, Carlos Bratfisch, Jorge Schneider, Gustavo Werlich e Fernando Bratfisch residentes na Primeira Linha, resolveram solicitar ao Presidente da Província a necessária autorização para serem removidos para a Colônia Brusque. Os próprios imigrantes, posteriormente, consentiram em permanecer na Colônia Santa Isabel. Nesse mesmo ano, aos 20 de julho de 1862, devido aos constantes ataques indígenas aos imigrantes, o Presidente da Província determinou o envio de 10 praças para, junto com os já existentes na Colônia, "afugentar os gentios e pôr em segurança e tranquilidade os colonos". Com todas essas dificuldades, conclui-se que a situação não era confortável; a possibilidade de ataques era iminente. Colonos e indígenas estavam em pé de guerra. Era preciso garra, brio, persistência e esperança com relação ao futuro. E, se suas esperanças não

fossem correspondidas? Bem, talvez fosse melhor desconsiderar relativizando esta hipótese. O Vice-Presidente da Província, João Francisco de Souza Coutinho, visitou pessoalmente a Colônia Santa Isabel em 1862. Na ocasião observou "in loco" que o diretor Corcoroca distribuiu lotes aos imigrantes "em terrenos de esterilidade"; tal fato poderia posteriormente comprometer decisivamente o desenvolvimento da Colônia. E foi o que aconteceu; a história não perdoa. A situação era preocupante, mas as autoridades competentes nada fizeram para reverter ou inibir o processo. Santa Isabel estava condenada à inanição.

O Presidente da Província, Vicente Pires da Motta, em seu relatório apresentado à Assembléia Legislativa Provincial, aos 02 de março de 1862, acusa 172 fogos com 684 habitantes na Colônia. O Vice-Presidente da Província, João Francisco de Souza Coutinho, em relatório ao Presidente da mesma, Pedro Leitão da Cunha, em 26 de dezembro de 1862, redige que

**"visitando a Colônia Santa Isabel, ocupei-me de percorrer os estabelecimentos coloniais de um e outro lado da 1ª. Linha (reconhecida como tal a estrada que conduz a Lages) e os caminhos vicinais da 2ª. Linha e parte dos da 3ª. Linha, que me bastou para formar uma idéia desfavorável do resto desta e das outras Linhas até a última. De passagem observei ao Diretor Joaquim José de Souza Corcoroca a estreiteza e defeitos que fui notando em muitos lugares destes caminhos, e se má encontrei a parte percorrida da 3ª. Linha, péssimos devem ter sido os das outras linhas, porquanto, se os próximos da sua residência e da ação de seu zelo estão como digo, como se não acharão os mais longínquos... A casa da direção ou de morada do Diretor, além de construída sem mor solidez e de ruim gosto, está situada em péssimo lugar, de mal aspecto, entre morros, isolada e a grande distância da estrada da colônia onde já existe arraial em paragem com**

na e aprazível. Sinto profundamente por mais de uma razão dizer a V. Excia. que tudo me desagradou nesta colônia, onde notei caminhos mal feitos, distribuição de lotes em perfeita esterilidade, todos sem marcos, por isso sujeitos a futuros pleitos; finalmente trabalhos feitos não equivalentes aos fundos dispendidos..."

### AS LINHAS COLONIAIS

Um ano e meio após, em dezembro de 1863, o censo constatou 1057 habitantes e 297 fogos; sua expansão colonial se fazia por 6 linhas coloniais abrangendo até Taquaras, ponto de convergência da antiga com a nova estrada para Lages. As linhas coloniais acima mencionadas eram assim denominadas: Rio Bonito, Rancho Queimado, Serro Chato, Bugres, Taquaras e Ribeirão Scharft. No período entre janeiro e dezembro de 1863, houve 66 nascimentos, 20 óbitos e 31 casamentos (32). Estes dados, à primeira vista, parecem contradizer aos apresentados no relatório do Presidente da Província, Pedro Leitão da Cunha, ao divulgar que "no período de 1º. de janeiro até o fim do mês de outubro do corrente ano (1863) houve 29 nascimentos e 12 óbitos" (33); dados não absolutamente impossíveis, mas, no mínimo, interessantes. Seria conveniente lembrarmos que os primeiros dados datam de 02.03.1864, enquanto os segundos de 19.12.1863. Ambos referem-se ao ano de 1863 e são dados oficiais da administração da Província de Santa Catarina. Um estudo mais acurado poderá posteriormente dirimir os equívocos e cristalizar os dados apresentados.

Com relação à produção agrícola da colônia esta consistia, em 1863, em batatas, milho e feijão; as culturas de cana-de-açúcar, do café, do algodão e do trigo, devido ao clima, não foram bem sucedidas; o excedente da produção era transportado para Desterro e/ou Lages para lá ser comercializado.

"A maior parte da Colônia — relata Jacinto Antônio de Mattos — era laborio-

sa, havendo, porém, muitos colonos ébrios e vadios, sobressaindo entre os mais desmoralizados os que das Fazendas do Rio de Janeiro foram remetidos para a Província. O único meio de correção possível era fazer sair da Colônia essa gente onde era motivo constaste de perturbação da ordem". (34)

### A LOCALIZAÇÃO DA SEDE DA COLÔNIA

No relatório do Presidente da Província, Pedro Leitão da Cunha, em 19 de dezembro de 1863, é abordada a questão da localização da sede da Colônia nestes termos:

"Santa Isabel luta com outro embaraço que não menos se antepõe ao seu sossego e progresso, e vem a ser que os primeiros colonos estabelecidos em 1847 sem direção, escolheram para sede da colônia uma localidade que fica próxima do ponto em que o Rio dos Bugres atravessa a estrada e distante da atual sede cerca de 3/4 de légua (= 4,5 Km). Aí se estabeleceram alguns colonos que hoje possuem avultados terrenos, e vivem em constante rivalidade com o diretor, cuja autoridade se negam reconhecer. Desejosos de atrair para o lugar onde habitam, os demais colonos edificaram, contra ordens da Presidência, neste antigo arraial, uma casa de oração protestante e perto dela a de residência do respectivo pastor. Para as referidas construções, o Governo colaborou com algumas somas e, por esse meio, os imigrantes deram importância aos terrenos nos quais residem e possuem suas casas de negócio. Assim introduziram a sisânia no estabelecimento, porque há indivíduos que acompanham os antigos colonos, e outros que sustentam o Diretor". (35)

Em março de 1864 a Colônia contava com 286 fogos e sua população aumentara para 1.153 habitantes, a saber:

a) Homens:	626;	
Mulheres:	527	Total: 1.153
b) Casados:	262 (casais);	
Solteiros e Viúvos:	629	Total: 1.153

c) Católicos:	565;	
Protestantes:	588	Total: 1.153
d) Brasileiros:	266;	
Estrangeiros:	887	Total: 1.153

O setor industrial da Colônia estava representado, em 1864, por:

Engenhos de farinha:	23;
Engenhos de cana:	05;
Moendas de fubá	04;
Ferrarias:	03;
Fábrica de cerveja:	01;
Olarias de tijolos e telhas	02;
Casas de Negócios:	12;

Com relação a profissões dos imigrantes, em 1864, estas estavam assim distribuídas: 14 Alfaiates, 04 Colxoeiros (sic), 08 Cutileiros (sic), 12 Construtores de casas, 03 Fabricantes de charutos, 04 Fabricantes de cerveja, 19 Carpinteiros, 12 Funileiros, 06 Marceneiros, 06 Ferreiros, 10 Oleiros, 16 Pedreiros, 03 Pintores, 22 Sapateiros, 04 Sirgueiros, 12 Taberneiros, 05 Tamanqueiros, 02 Seleiros e 03 Tintureiros. No referido ano de 1864 nasceram 45 crianças e a Colônia registrou 8 óbitos, 6 casamentos e retiraram-se da Colônia 8 imigrantes, sendo 5 para a Colônia Blumenau.

Um ano depois, em 1865, havia 315 fogos e 1200 habitantes, sendo:

Homens:	651;	
Mulheres:	549	Total: 1.200

Desse total, os habitantes estavam assim distribuídos: a) católicos — 579, protestantes — 621; b) brasileiros — 511, estrangeiros — 689; c) casados — 544, solteiros e viúvos — 656.

### JUNÇÃO DAS COLÔNIAS SANTA ISABEL E THERESOPOLIS (sic)

Em ofício do Ministério dos Negócios da Agricultura, datado de 15 de dezembro de 1865, assinado por D. Antônio Fr. de Santa Anna e enviado ao Presidente da Província, o Governo Imperial comunica a exoneração do Diretor Joaquim José de Souza Corcoroca; o mesmo ofício determina a junção da Colônia Santa Isabel com a de Theresopolis (sic), ficando sua

administração a cargo do Diretor desta última, Theodoro Todeschini. A partir dessa data, a estrutura administrativa e seu corpo funcional dessas duas Colônias por força institucional foram unificados. Seu quadro de funcionários estava assim constituído: Diretor, Theodoro Todeschini; Agri-mentor, Augusto Heeren; Padre Católico, Guilherme Roer; Pastor Protestante, Cristiano Tischhauser. Era assim acatada a proposta do Presidente Pires da Motta, de novembro de 1861, a qual sugeria a junção das colônias, como medida exclusiva de "grande economia aos cofres provinciais".

O jornal "O Despertador", editado em Desterro, em 18 de junho de 1867, informa que a Colônia Santa Isabel "é povoada por 1.195 pessoas" (36), a saber:

a) Homens:	598;	
Mulheres:	597	Total: 1.195
b) Adultos:	659;	
Menores:	536	Total: 1.195
c) Católicos:	541;	
Evangélicos:	654	Total: 1.195
d) Nacionais:	415;	
Estrangeiros:	780	Total: 1.195

A população oficial da Colônia Santa Isabel no final do ano de 1867 era de 1.213 habitantes, assim distribuídos:

a) Homens:	624;	
Mulheres:	589	Total: 1.213
b) Católicos:	577;	
Evangélicos:	636	Total: 1.213

Naquele ano (1867) houve 79 nascimentos, 18 óbitos e 11 casamentos. Na sede da colônia existiam 12 casas de enxaimel com paredes de barro e cobertas com tabuinhas; 1 casa enxaimel com paredes de barro e coberta com telhas; e 1 casa alugada pela direção, que serve como capela católica provisória.

### SUBDELEGACIA DE POLÍCIA

Em 1º, de fevereiro de 1868 criou-se uma subdelegacia de polícia para as Colônias Santa Isabel e Theresopolis (sic). Tendo por limites a oeste o Morro do Trombudo, inclusive; a leste as extremas

da freguesia de Santo Amaro, ao norte e sul os limites marcados às mesmas colônias. Em 1868 a Colônia contava com 1.268 habitantes, dos quais 604 eram católicos e 664 eram protestantes. No referido ano registrou-se o nascimento de 67 crianças, 12 óbitos e 09 casamentos. A Colônia também sofreu a saída, em 1868, de 09 famílias, compostas por 42 pessoas. Nesse ano foi nomeado um médico para atender as populações de Santa Isabel e Theresopolis (sic) na pessoa do Dr. Manoel Antônio Marques de Faria. Seu corpo administrativo estava assim constituído: Diretor, Gaspar Xavier

Neves; Agrimensor, Augusto Heeren; Guarda-Livros, Fernando Zimmermann; Pastor Protestante, Christiano Tischhauser; Padre Católico, Guilherme Roer.

Para viabilizar o acesso entre as Colônias Santa Isabel e Theresopolis (sic) foi construído, em 1868, um caminho entre as sedes das duas colônias.

Aos 19 de outubro de 1868 Theodoro Todeschini foi exonerado por "conveniência do Serviço público" do cargo de Diretor das Colônias Santa Isabel e Theresopolis; para sucedê-lo foi nomeado o Tenente Coronel Gaspar Xavier Neves.

(Continua)

---

## Aconteceu... há 50 anos passados

(Notícias copiadas das páginas do jornal "A Nação" — 1943-1980) José Gonçalves

— DIA 06/10/1945 — O desportista Carlos Ubiratan Jatahy, funcionário da Casa Herm. Stoltz, do Rio de Janeiro, transferido pela mesma para Blumenau, como representante para o Estado de Santa Catarina, vice-campeão paulista de remo de 1939, introduzido pelos irmãos Udo e Arno Odebrecht, em outubro de 1942, no Clube Náutico América, foi eleito Primeiro Diretor de Regatas daquele Clube, sendo Diretor de Esportes o carioca Tte. Nilton de Farias, um seu ex-companheiro de remo no C. R. Vasco da Gama, do Rio de Janeiro. Desde 1942 Jatahy jamais deixou o América e luta pelo mesmo até os dias de hoje (1995).

— DIA 25/10/1945 — No salão de reuniões e festas do Teatro Carlos Gomes, realizou-se a convenção regional da União Democrática Nacional (U.D.N.) para oficializar o apoio à candidatura do Brigadeiro Eduardo Gomes à presidência da República.

— DIA 28/10/1945 — A equipe de futebol do Aimoré F. C. local, venceu a equipe do Glória F.C., de Joinville, por 2 a 0.

— DIA 30/10/1945 — O Sr. Irineu Bornhausen foi lançado candidato ao governo de Santa Catarina, pela U.D.N.

— DIA 31/10/1945 — Para fazer o país retornar à democracia e haver eleições livres, o Sr. Getúlio Vargas, até então ditador no país, renunciou à presidência, tendo assumido o governo provisório transitório, o Ministro do Supremo Tribunal de Justiça, José Linhares.

— DIA 06/11/1945 — O jornal destaca a liberação da venda de gasolina, até então racionada devido à guerra.

— DIA 08/11/1945 — O Dr. Luiz Gallotti assumiu o governo transitório de Santa Catarina, nomeado pelo Ministro José Linhares. Gallotti foi Ministro do Supremo Tribunal Federal.

— DIA 09/11/1945 — Em face da estiagem na região do Vale do Itajaí, a Empresa Força e Luz Santa Catarina impôs novo e rigoroso racionamento.

— DIA 12/11/1945 — O Sr. Frederico Guilherme Busch Jr. foi nomeado pelo governador provisório Dr. Luiz Gallotti, e assumiu o cargo de prefeito provisório de Blumenau, em substituição ao Sr. Alfredo Campos. \*\*\* Pelo campeonato da 2ª.

Divisão da Liga Blumenauense de Futebol, o Vera Cruz venceu a equipe do Vasto Verde por 4 a 1.

— DIA 15/11/1945 — Nos salões do Clube Náutico América, foi aberta, pelo Círculo de Orquídeófilos de Blumenau, a tradicional exposição de orquídeas.

— DIA 25/11/1945 — Mesmo perdendo para a equipe do Vasto Verde, o Bandeirantes F. C., até então invicto, sagrou-se campeão da 2ª. Divisão da L.B.F., de 1945, sob a esclarecida presidência do Sr. Harry Zuege.

— DIA 28/11/1945 — O jornal registrou a passagem do segundo ano de circulação como diário. \*\*\* No bairro de Salto Weissbach, a locomotiva que procedia de Rio do Sul, da rede ferroviária, bateu num caminhão da D.E.R., cujo motorista descuidou-se ao cruzar a linha. Houve alguns feridos. Os danos foram de pequena monta.

— DIA 10/12/1945 — Em jogo amistoso, a equipe do Palmeiras E. C. venceu a equipe do Guarani F. C. pela contagem de 10 a 3. O Palmeiras formou com: Oscar, Juca e Schramm; Viçó, Emílio e Doquinha; Renê, Lazinho, Meireles, Teixeira e Cavalcanti. O Guarani jogou com: Curt, Rudi e Edgar; Mueller, Nelsinho e José (Max); Lúcio, Costa, Cirilo, Corrêa e Klitzke.

— DIA 14/12/1945 — O jornal publica o resultado das eleições presidenciais no município. O Brigadeiro Eduardo Gomes venceu ao Gal. Dutra por uma diferença de 2.178 votos.

— DIA 15/12/1945 — Foi confirmada, no país, a vitória do general Eurico Gaspar Dutra sobre o Brigadeiro Eduardo Gomes, para a presidência da República.

— DIA 20/12/1945 — O jornal destaca em manchete a vitória da seleção brasileira sobre a da Argentina, em disputa da Copa Roca, pela contagem de 6 a 2.

— DIA 23/12/1945 — Na segunda partida pela Copa Roca, entre Brasil e Argentina, a seleção brasileira voltou a vencer a da Argentina pela contagem de 3 a 1, sagrando-se campeã da Copa Roca.

---

## A EVOLUÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA DA COLÔNIA BLUMENAU NOS PRIMEIROS 20 ANOS

RELATÓRIO GERAL ELABORADO PELO DIRETOR DA COLÔNIA  
BLUMENAU E RELATIVO AO ANO DE 1872

"Exibindo o mapa estatístico, anexado ao presente relatório, todos os dados e cifras da maior importância, restrinjo-me à exposição e ao comentário dos assuntos, que dizem respeito à esta colônia e ao ano acima indicado.

### O recenseamento geral da população

Executou-se com a maior atenção e desvêlo também nesta colônia; colhendo-se ao mesmo tempo mais outros dados

estatísticos; as cifras do mapa sobre a população merecem portanto sofrível confiança; entretanto as que se referem à produção, importação e exportação, etc., só podem ser qualificados da mesma maneira com que nos anos anteriores, como aproximativas. Como porém continuam subsistindo as dificuldades em obter dados exatos, que já mencionei nos relatórios antecedentes e que só por meio de medidas de rigor — pena de prisão para os recalcitrantes e os que fazem declarações falsas — podem ser preveni-

ou superados. A Diretoria não tem meios para conseguir maior exatidão e deve contentar-se com a aproximação. Comparando-se o mapa presente com o do ano antecedente, coincidem-se diferenças nas cifras tão notáveis e inexplicáveis, que se podem ser atribuídos a inexatidões cometidas nas respectivas declarações. Isto demonstra a utilidade de um recenseamento **exato**, sendo só para lastimar, que a dificuldade e o dispêndio de tal operação não permitam sua **frequente** repetição.

O correr das estações do ano foi muito singular e até extraordinário, reinando, durante cerca de oito meses tempo tão seco e constante, como não se tem observado nos últimos quatro ou cinco lustros; mas este extraordinário tempo, como não faltaram mesmo algumas oportunas chuvas, foi muito favorável à lavoura e a todos os demais serviços, de maneira que, se não tivesse dado algumas geadas brancas, que em diferentes partes causaram prejuízos, sobretudo com a cana-de-açúcar, o ano de 1872 merecia a designação do mais favorável, no último quarto de século. O princípio e ainda mais o fim do ano, porém, se distinguiram por extraordinário calor e chuvas torrenciais, causando estas últimas consideráveis estragos nas estradas.

### O Estado Sanitário

Este foi favorável, como felizmente quase sempre neste salubre país. Bem que a **variola** grassasse com violência em outras partes da província e até no litoral do mar mais próximo a esta colônia, felizmente não entrou nela. O número dos falecimentos também foi muito diminuto. Pelo Governo Imperial foi nomeado médico desta colônia em substituição ao falecido Dr. Knoblauch, o Dr. Carlos Tobias Reihsteiner, funcionando desde o 1º. de março. Como se tornou e torna-se sempre mais urgente a construção de um **hospital**, a Diretoria repetia ao Governo Imperial, **por intermédio da Presidência**, o pedido, já por diferentes vezes apresentado, de ficar autorizada e munida com os competentes fundos para este fim; o mesmo pedido, tendo sido acompanhado de planta e orçamento, infelizmente, porém, não teve despacho ou sanção.

### A tranquilidade pública

Esta, na colônia, foi muito satisfatória, o mesmo não acontecendo nos lugares mais distantes e selvagens, com a ocor-

rência de mortes imediatas, e de graves ferimentos em outras pessoas, assim como atos de pilhagem e roubos. A população ficou profundamente aterrorizada e a Diretoria, que já nos anos anteriores, infelizmente porém debalde, havia solicitado medidas eficazes e enérgicas de proteção contra tais depredações, se acham em graves dificuldades diante da nossa amotinada população.

Lançando mão de todos os expedientes que a situação exigia e seus limitados recursos e poderes permitiam, a Diretoria, felizmente, conseguia, pouco a pouco e sofrivelmente, apaziguar os colonos, mas a impressão moral do ocorrido foi a mais desagradável possível e não será deixada: deve se estender até a Europa, prejudicando a nossa imigração já tão deficiente.

Só no ano novo de 1873, a Diretoria ficou autorizada para adotar medidas um tanto eficazes de proteção contra os silvícolas.

O estado de **moralidade pública** também não foi satisfatório. Deram-se crimes como um revoltante assassinato premeditado de um colono contra outro, uma tentativa de homicídio e alguns outros crimes inauditos nos anteriores anais da colônia. Além disto, fez-se sentir um crescente espírito de desrespeito e desobediência às leis e autoridades, cuja origem já data de anos e da impunidade com que saíram crimes e delitos cometidos. A impunidade, porém, e de sua parte, essencialmente foi a consequência da falta de qualquer força policial, em que a autoridade eficazmente pudesse apoiar-se e tornar respeitados seus mandatos.

A Presidência acudiu, finalmente, instâncias da Diretoria e Subdelegacia, destacando para esta colônia quatro policiais com o que se tem melhorado a situação. A execução ou o exercício da polícia nesta colônia, luta ainda com a outra dificuldade de que é essencialmente limitado o número das pessoas idôneas para o encargo, e que os poucos homens, aptos para o mesmo, só o aceitam e exercem com repugnância, visto que a tarefa não só é muito desagradável e ingrata, suscitando inimizades, mas ainda absorve não pouco tempo e, assim, diretamente e não raras vezes muito sensivelmente prejudica a indústria ou fonte de que o subdelegado tira sua subsistência. Homens abastados e com tempo desocupado, que sem sérios prejuízos dos seus negócios possam dedicar-se a tal encargo e ao mesmo tempo tenham a necessária qualificação, infelizmente ainda não existem na colônia.

Falta também um quartel ou acomodação apropriada para a força policial, cujas praças atualmente ocupam um dos quartos das casas de hospedagem.

A casa de detenção, de diminutíssimas dimensões e apenas suficientes para deter dois ou três presos, não apresenta espaço para este fim e deveria ser alargada ou antes reconstruída por não apresentar as condições de uma efetiva cadeia, como com o aumento da população e da imigração alta se torna indispensável.

A administração correu regularmente mas teve que lutar ainda neste ano com grande parte das dificuldades já mencionadas no relatório antecedente.

Como pareça que a Diretoria, de agora em diante, poderá contar com mais eficaz coadjução da Comarca Municipal e da Polícia, e de se esperar que tais dificuldades diminuam.

Por ordem da Presidência, a Diretoria, nos meados do ano teve de suspender o serviço da medição e demarcação de terras, até então a cargo da mesma, a qual passou para a Comissão de Engenheiros, sob as ordens do Dr. F. Gonçalves de Oliveira. Sofrendo assim interrupção na estação mais própria do ano, sendo, além disto, o agrimensor Emilio Odebrecht, que até então havia prestado seus serviços a esta Diretoria, empregado ou ocupado também na Colônia Itajaí e, não tendo, finalmente, sido o Dr. Oliveira munido com os necessários fundos pecuniários, este importante serviço ficou um tanto desorganizado, achando-se atualmente em certo atraso, que muito convém seja o quanto antes resolvido.

Pela Presidência, ficou a Diretoria incumbida da cobrança amigável de impostos, devidos à Fazenda Pública por regular número de colônias, contra as quais haviam sido expedidos mandados à justiça, para os resíduos serem cobrados executivamente. Dedicando a Diretoria a estes negócios o devido zelo, contudo ainda não chegou a satisfatórios resultados e a solução definitiva ainda há de apresentar sérias dificuldades e demoras. Esta matéria, no lançamento e a cobrança dos impostos, assim como o modo de facilitar esta aos colonos, **como prejuízo da Fazenda Pública**, sendo de sério alcance para os interesses tanto do Estado como da imigração e colonização, mereceu felizmente, a atenção dos Poderes do mesmo e é de se esperar que, em consequência dos expedientes recentemente autorizados e adaptados do próximo exercício financeiro em diante, não se repitam os

vexames, irregularidades e omissões que se deram nos últimos anos e, causando clamores e queixas gerais entre a população, foram a causa não só de mandados executivos, que podiam ser qualificados como injustos e vexatórios, mas ainda de prejuízos pecuniários, tanto para a Fazenda Pública como para os contribuintes. Estes, com raras exceções de um ou outro insensato ou acintoso, que deveria e deve ser coagido e punido com todo o rigor para servir de exemplo a outros, de boa vontade querem pagar seus impostos; mas pedem que o levantamento seja feito com justiça e regularidade, ficando-lhes participado com antecedência o valor do imposto a pagar e que este lhes seja recebido em troca de quitação **válida**, na povoação desta colônia, pedidos estes que, de resto, não podem ser qualificados de exagerados, irrazoáveis ou difíceis de satisfazer.

A **Junta Colonial** continuou com regularidade a funcionar e celebrar suas sessões, tendo saído diversos membros e entrado outros, nomeados pela Presidência, sob proposta da Diretoria. O exercício regular do **Culto Católico** ficou interrompido por ter se retirado, nos princípios do mês de junho, o cura da colônia, engajado pelo Governo, o padre Guilherme Roemer, em consequência da expiração da licença, que na Alemanha lhe havia sido concedida. Tendo a Diretoria representado à Presidência a urgente conveniência de que, de vez em quando, algum sacerdote visite esta colônia para celebrar, além dos atos do próprio culto, sobretudo os sacramentos de batismo, esta parece ter encontrado dificuldades neste assunto, visto que a comunidade católica desta colônia, até hoje, ficou em orfandade, o que não deixa de causar muitos e graves embaraços aos membros da mesma.

O **Culto Evangélico** continuou a ser regularmente celebrado pelo respectivo pastor.

O **Ensino público e particular** alcançou algum progresso, se bem que seu estado é ainda longe de ser satisfatório. Instalaram-se definitivamente mais três sociedades particulares de ensino e estão formando-se mais quatro. Entre todas estas, ainda há algumas que pertenciam ao ano de 1871, às quais foi concedida, de conformidade com as ordens em vigor, a usual subvenção de 400\$000 a cada uma, para a construção das suas respectivas casas de escola, ora por conta do prêmio concedido a esta colônia, na exposição universal de Paris, que pelo Governo Im-

perial foi pago a esta Diretoria, na importância de 3:402\$000 (três contos e quatrocentos e dois mil réis), ora por conta das demais receitas.

**O Serviço de Medição e Demarcação de Terras**, tendo a Diretoria sido exonerada e a Comissão de Engenheiros incumbida do mesmo, por diferentes causas colocou em atraso e, por isso, com urgência carece de ser ativada e reorganizada; visto que a dita comissão, nos princípios do novo ano suspendeu a regularidade do seu serviço, retirando-se em seguida o chefe, Dr. F. G. de Oliveira, para a corte. Sendo de presumir que o mesmo representante, de viva voz — como me prometeu — sobre este importante e urgente negócio tenha se dirigido a S. Excia. o Sr. Ministro da Agricultura, a Diretoria se absteve solicitar instruções especiais, conservando, entretanto e de acordo com o dito chefe, até a chegada de novas ordens, o respectivo serviço em marcha tão regular, quanto permitem as circunstâncias e, sobretudo, a de que a Diretoria não pode dispor senão de um único agrimensor. Como o Dr. Oliveira havia ficado sem os fundos necessários, para poder pagar os serviços dos agrimensores, executados nesta Colônia, a Diretoria não duvidou em prestar-se ao pedido do mesmo, de efetuar tais pagamentos, se isto tanto mais quanto sem esta intervenção, teriam sido totalmente interrompidos tão urgentes serviços; é que existia ainda crédito para os mesmos no orçamento geral das despesas da Diretoria.

**Exploração de Terras** — se executarão em diferentes partes do território da Colônia, com resultados assaz satisfatórios para a continuação e o desenvolvimento da colonização. É necessário continuar-se com as mesmas atividades na estação própria de cada ano, afim de melhor conhecer-se a configuração do terreno e com antecedência poder formar-se acertado juízo sobre a anterior medição e distribuição de novas séries de lotes e a execução de outros serviços concernentes à colonização prática.

#### **Terras Públicas e vendas das mesmas.**

Sem que a importância destas últimas não fosse tão insignificante, como no ano antecedente, sempre ainda não chegou à cifra dos anos anteriores, em que a imigração foi mais numerosa. A ilegal ocupação dos lotes por intrusos, ainda que tenha sido consideravelmente reduzida, não cessou contudo por inteiro e não há outro

meio senão o de proceder-se com todo o rigor contra os mesmos, sobretudo contra alguns elementos de mau comportamento contra os vizinhos. Infelizmente, sob a atual organização da polícia do distrito e, atendendo-se às distâncias e dificuldades práticas, o respectivo processo e a execução das sentenças não de apresentar, na prática, não pequenas dificuldades.

**Dívidas dos colonos ao Governo e a cobrança das mesmas.** — Ainda que a importância cobrada por conta desta verba não é de todo o ponto insignificante — Rs 10:902\$200 (dez contos, novecentos e dois mil e duzentos réis) — sempre não é satisfatória. A Diretoria continua neste assunto a lutar com as dificuldades já indicadas nos últimos relatórios; enquanto estas não forem removidas por um procedimento sistemático e de certo mais salutar rigor, as coisas hão de ficar, com pouca diferença, no mesmo pé. As medidas e os expedientes idôneos para modificar este estado de coisas, sobre as quais falei, claramente nos relatórios antecedentes e que, por esta razão não, repito, não podem emanar senão do Governo Imperial.

A marcha das **Obras Públicas** foi ativa durante a primeira metade e nos fins do ano, mas interrompida e atrasada depois do princípio do novo exercício, faltando, durante bastante tempo, as competentes autorizações. Não obstante, executaram-se obras e serviços de grande alcance para o bem estar e progresso da Colônia. É importante registrar o novo Cais para desembarque e embarque de passageiros e gêneros, no barranco lodoso do rio Itajai, na povoação de Blumenau e que hoje está munido de rampa e escada comodamente acessíveis para grandes carros a quatro rodas. Favorecida pela excepcional seca do ano, esta difícil obra, construída de pedra de alvenaria e tijolos duríssimos com rejuntamento de cimento hidráulico e encostado na rocha viva do fundo, foi concluída com despesa proporcionalmente bem módica e constituiu, assim, um melhoramento de elevada importância, sobretudo para os interesses do comércio e os comandos da navegação. Além do cais, foram construídas mais três grossas pilastras de pedras em convenientes distâncias uma da outra, na parte adjacente do barranco e que foi de difícil construção, para protegê-lo contra a constante erosão causada pelo rio, que, durante cerca de 22 anos, tem engolido outras tantas braças de largura do mesmo barranco, ameaçando assim seriamente

te a povoação. Seria muito conveniente e até é necessário, construir-se mais quatro de tais pilastras, na estação própria, para amparar-se pelo menos a Praça Pública da povoação.

As obras da Matriz e Casa de Oração Evangelica. Infelizmente, na mais apropriada estação do ano, no principio do exercicio e, por meses prolongados, haviam de ficar surpreendidos por falta das competentes autorizações e fundos. Em seguida, porém, a construção foi e continua a ser ativada tanto quanto possível, de maneira que, não acontecendo novas contrariedades e interrupções, é de se esperar que, no fim do ano de 1873, estes dois belos e importantes edificios fiquem concluidos e entregues ao seu definitivo destino.

Para as obras das duas grandes pontes dos caudalosos ribeirões Garcia e Encarg, já se acumulou uma boa quantidade de pedra de alvenaria, continuando-se, ainda suas escavações.

As Vias de Comunicação, absorviam, como sempre, a maior parte da atividade e despesa da Diretoria, como provam as verbas e cifras do mapa estatístico.

Tendo sido feito muita coisa, resta, contudo, muito ainda para ser feito. Na Estrada da Serra, na seção Indaial - Warnow, a Diretoria, infelizmente, ficou inibida de trabalhar, visto que esta obra havia sido reservada para a comissão de engenheiros e esta, por falta de autorização e fundos, teve de restringir-se à confecção do orçamento e da planta respectivas. Assim, a própria estrada ficou no mesmo miserável estado como era antes; só por indeclinável necessidade a Diretoria procedeu a alguns reparos nas pontes, cujo desabamento era iminente e teria sido completamente interrompido o trânsito. Cumprir notar que estas pontes ainda são as provisórias e foram construídas nos anos de 1867 e 68 no caminho provisório e que não podia convir proceder-se à construções sólidas e definitivas, porque, diferindo o tracado definitivo da estrada, em muitas parte do atual, também as pontes têm de ser colocadas em lugares diferentes das atuais.

Urge, portanto, que esta estrada, de máxima importância para o tráfego e progresso da Colônia, enfim, seja construída.

Coisa análoga me cumpre dizer sobre a estrada para a Vila de Itajai, a única que, por ora, liga ao resto do mundo civilizado esta Colônia, cuja população,

só por meio da mesma, pode ser munida de gado vacum, cavalos, etc... Nada menos de quatro orçamentos e avaliações da respectiva despesa total e parcial têm sido executados nos últimos três anos; a própria estrada, porém, se acha no mesmo triste estado como antes, mas ainda muito piorou, tornando-se, em diversos trechos quase intransitável, com sérios prejuizos não só para a Colônia como para a população em geral. Tendo a Presidência concedido a competente autorização, a Diretoria podia, no fim do ano, proceder a alguns concertos; mas, sendo a respectiva quantia limitadíssima, os concertos têm de ser restringidos aos reparos mais urgentes das mais importantes pontes e de resto nada se pode fazer.

É, contudo, de indeclinável necessidade que esta via de comunicação seja melhorada e reconstruída, se bem que a despesa não será por menos de dez contos de réis.

**Conservação das estradas** — A conservação e limpeza das vias de comunicação pelos proprietários das terras contiguas, continua e continuará a ser insatisfatória além de dispendiosa, enquanto a seu respeito não se adotarem posturas mais convenientes e ao mesmo tempo mais justas e equitativas.

**A lavoura** — fez sofríveis progressos, sobretudo intensivos pelo aumento do emprego do arado e dos demais instrumentos aratórios aperfeiçoados, como o dos grandes cultivadores, pelas enxadas com capinadoras a cavalo, etc. A cultura torna-se, assim, mais racional e produtiva e as matas ficam sendo menos devastadas. A lavoura e cultura da terra, por certo não deixarão de fazer profundos progressos, se de um lado fossem melhores as comunicações e existisse uma navegação regular a vapor que facilitasse a exportação dos produtos, tornando-se regular o transporte e, de outro lado, não atraísse para si os homens mais inteligentes, empreendedores e ativos da população — a indústria dos engenhos para serrar e das madeiras, que produziu nos últimos tempos lucros mais rápidos e importantes do que a lavoura. É este, talvez, um estado de coisas a diferentes respeito, satisfatório ou conveniente; mas, além de ser bem difícil para remediar, cumpre não olvidar que a mesma indústria incrementada, produziu e produz capitais que, em seguida, pelo menos em considerável parte, revertem em benefício do aumento e melhoramento da

lavoura e que ela desenvolveu e nutre um comércio de importância, do qual a Vila de Itajaí, de modo geral, teve seu rápido progresso. Seria, portanto, no meu modo de pensar pouco aconselhável querer-se coibir as atividades desta indústria, na esperança de que os importantes capitais nela investidos, a par da inteligência e atividade nela empregada pelos empresários a seguir se dediquem à lavoura e indústria rural.

O aproveitamento das matas, como se executa nesta província, considerado como **sedentária**, se assemelham, pelo mesmo parâmetro, à exploração regular sistemática das minas com as suas fábricas de **metal**; ninguém dirá que tal indústria constitua devastação de tesouros e futuro empobrecimento, se bem que, pelo natural curso das coisas, a mais rica mina do mundo haverá de se esgotar infelizmente, ainda que mais ou menos cedo ou tarde. O que conviria é renovar ou prevenir a **insensata** devastação das matas e cuidar da **cultura florestal** nos terrenos pouco próprios para a lavoura de plantação de mudas das espécies de maior valor e préstimo, com crescimento nos morros e terrenos ásperos e pedregosos, de maneira como se procede nos Estados Unidos. Embora ali ainda não abundem grandes florestas, os previdentes poderes e assembléias legislativas de diferentes Estados norte-americanos, já cuidaram do replantio, por leis e outros expedientes directos e indirectos.

**A Cultura de Cana-de-Açúcar** — constitui, além dos gêneros alimentícios para o próprio consumo e alguma exportação, o mais importante ramo da lavoura da Colônia. Se não fosse a falta de capital e também a de conhecimentos técnicos para o fabrico, que estorvam o rápido progresso, a produção haveria de duplicar-se em poucos anos, sendo como são o solo e clima, além de outras condições essenciais muito propícios para este ramo. As culturas do **Algodão** e **Fumo** também fizeram razoáveis progressos.

**O Vinho de Laranja** — já é fabricado em certa escala, exportando-se pequenas quantias. Parece ser um ramo que promete para o futuro um considerável aumento; entretanto, no que concerne aos ensaios com a cultura da **Parreira**, apesar de serem contínuos, há alguns anos, ainda não deram e nem prometem resultados satisfatórios.

**Indústria** — Prevalece nela a das madeiras e engenho de serrar, de que já

me referi acima.

A tentativa de instalação de uma pequena fábrica de fiar e tecer algodão, mencionada no último relatório, infelizmente, não teve feliz êxito, não correspondendo ao que do empreendimento se esperava e parou sua atividade depois de alguns trimestres. A falta de maior volume de capital, assim como de uma diligente direção, parece que, acima de outras razões deve-se atribuir este desagradável transtorno. Fica, contudo, a esperança de que as máquinas existentes, após algum tempo inativas, sejam postas em reatividade e que então os resultados com a experiência adquirida e uma direção mais acertada, sejam mais satisfatórios.

**A Sociedade de Cultura** — continua na sua atividade, celebrando regularmente suas sessões, aumentando sua biblioteca e emprestando livros aos seus membros. Ela realizou a acertada idéia de **exposições anuais** de produtos, sobretudo agrícolas, acompanhadas da distribuição de prêmios, etc., das quais celebrou a primeira no mês de fevereiro próximo passado e tem anunciada a segunda para o mês de maio.

A Diretoria, por sua vez, arranjou uma exposição dos produtos da colônia, destinados para a exposição geral na capital, que foi examinada pelo Exmo. Presidente da Província, o Sr. Dr. Delfino Pinheiro d'Ulhoa Cintra, quando honrou, nos princípios de outubro, esta colônia, com uma visita. Infelizmente, esta exposição não foi de importância, tendo sido insuficiente o tempo para prepará-la.

**O Comércio** — infelizmente, não fez grandes progressos; queixam-se os comerciantes em geral, do entorpecimento dos negócios e especialmente das dificuldades dos negócios e especialmente das dificuldades com que luta nesta colônia e indicando como os principais estorvos para o mais rápido desenvolvimento, a falta de uma navegação mais regular a vapor no rio Itajaí e para a capital da província, a maneira escandalosa e injustificável com que a Companhia de Linha de Vapores Intermediários se subtraiu e ainda continua a subtrair-se, infelizmente sem punição, às condições do contrato nas suas escalas pelo porto de Itajaí; finalmente, as irregularidades no correio e na remessa da correspondência. Como sobre cada um destes assuntos se poderia escrever um extenso capítulo de queixas e observações, eu não tenho deixado de levá-las de vez em quando ao conhecimento das autoridades, infelizmente sem resultado palpável. Restrinjo-me a estas breves pa-

lavras, mencionando unicamente que, para a tão importante empresa de navegação a vapor fluvial foram feitas propostas ao Governo Imperial há dois anos passados mas que, até agora, não tiveram solução ou despacho.

**A Imigração da Europa** — se bem que não fosse tão insignificante como no ano antecedente, sempre foi bem diminuta — 174 pessoas, — podendo ser comparada com os anos anteriores. A principal causa de tão deplorável diminuição foi a completa falta ou a deficiência de autorizações e quantias pecuniárias postas pelo Governo Imperial à disposição do nosso Cônsul Geral em Hamburgo, para promover a emigração e também para esta colônia, a qual, ao que parece, durante certo tempo foi considerada como enjeitada. Felizmente, no fim do ano, o Sr. Ministro da Agricultura concedeu ao dito Cônsul autorização para a admissão e o transporte, com destino à esta colônia, de mil emigrantes alemães e, sendo aliás, segundo as participações particulares que recebi daquele porto razoavelmente propícias com os demais auspícios, sendo assim de esperar que a imigração para esta colônia, no ano de 1873, se torne numerosa.

Repetindo e resumindo com breves palavras: o muito que durante mais de um quarto de século tenho escrito o suficien-

te sobre a imigração e colonização do Brasil de que a primeira condição para o progresso e a prosperidade da mesma consiste no sistema e regularidade em boa ordem, na perseverança e, enfim, na remoção, no próprio Brasil, dos estorvos e tropeços que até hoje tanto dificultaram e, não raras vezes, até aniquilaram os maiores esforços. As mais perniciosas e principais causas do pouco progresso de estagnação e, até, de evidente retrocesso da nossa imigração e colonização existem e devem ser remediados no próprio país; mas não podem ser atribuídos, buscados ou procurados nas hostilidades dos governos e da imprensa da Europa ou nas intrigas dos nossos concorrentes. Certamente que eles não podem ser esquecidos, porque sempre influem no resultado final; mas eles constituem — se não um fator secundário — e remedia-se no Brasil as causas, enquanto que, no estrangeiro, a propaganda hostil contra nós se acentua como uma verdadeira guerra de vida ou morte, com investidas, acusações e recriminações. Em face disto, em breve e, por si mesmo, poderão ser reduzidas as proporções, hoje razoáveis, de concorrência mercantil ou industrial.

Colônia Blumenau, em 12 de março de 1873.

**Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau**  
Diretor da Colônia".

## A NOSSA MENSAGEM

Estamos chegando a mais um final de ano de atividade nas edições mensais de nossa revista. Por isso, vamos, com prazer e alegria, cumprir o grato dever de agradecer a todos os que, através de assinaturas, de doações, de outros diversos estímulos e sugestões, nos ajudaram a garantir a sobrevivência de "Blumenau em Cadernos" por mais um ano, atingindo, neste ano de 1995, trinta e oito anos de circulação mensal ininterrupta.

Muito agradecidos estamos aos nossos valorosos colaboradores que tanto têm enriquecido as páginas da revista, com genealogia, reminiscências, fatos históricos outros, que sempre constituem a guarda de memória para o futuro.

Que este Natal lhes seja muito alegre e feliz, assim como o Ano Novo que lhes conceda novas energias para continuar nos ajudando e nos incentivando neste nosso trabalho.

O EDITOR

# Santo Antônio faz 800 anos

Uma missa solene, dia 15.8.95, à noite, na igreja do Colégio Santo Antônio, encerrou a celebração dos 800 anos de nascimento de Santo Antônio. O ofício serviu ainda para o resgate de uma antiga imagem do padroeiro da instituição, que estava praticamente esquecida na Casa São José, na Vila Itoupava. Conforme o diretor do Colégio, frei Pascoal Fusinato, provavelmente a imagem foi trazida da Alemanha pelos primeiros membros da ordem e fundadores da escola, vindos para Blumenau no século passado.

«Certamente é uma relíquia, obra muito antiga. Não temos, porém, dados sobre a sua criação e como chegou até aqui», afirmou o religioso. Inclusive ele revelou que pretende encaminhar um pedido de investigação junto à Ordem Franciscana na Alemanha para tentar desvendar a história da imagem. A partir de então, o santo está exposto no altar da igrejinha do colégio para quem quiser conhecê-lo. «Estava escondido lá na Casa São José, agora ganhou o lugar de honra merecido», acrescenta frei Pascoal, que encarregou-se pessoalmente de trazê-lo para o colégio.

Durante toda a manhã de 15.8, alunos do Santo Antônio realizaram performances relativas à vida de Santo Antônio, no Shopping Neumarkt. Também promoveram uma exposição de desenhos inspirados na sua obra evangelizadora. O aniversário de Santo Antônio foi comemorado mundialmente atra-

vés de uma orientação expedida pelo Vaticano.

## **Nome original do religioso era Fernando**

Santo Antônio de Lisboa nasceu no dia 15 de agosto de 1195, às margens do Rio Tejo, em Portugal, com o nome de Fernando. Filho de um comerciante abastado, pouco se sabe de sua infância, apenas que foi entregue aos cônegos da catedral para ser doutrinado. Aos cinco anos fez voto de castidade. Já adolescente decidiu seguir a vida religiosa.

Quando integrou-se à ordem franciscana, em 1220, trocou de nome, passando a ser Frei Antônio de Lisboa. No mesmo ano começou suas peregrinações e pregações, indo a pé de Coimbra a Lisboa, esmolando pelo caminho e vivendo da caridade. Dedicou a vida à evangelização. Morreu em 1230 e foi canonizado em 30 de maio de 1232 pelo Papa Gregório IX na cidade de Espoleto.

## **Pioneiro**

Em Blumenau, o Colégio Santo Antônio foi fundado em 16 de janeiro de 1876 pelo padre José Maria Jacobs. Inicialmente, chamou-se Colégio São Paulo Apóstolo e ficava onde hoje está erguida a matriz. A instituição foi crescendo e tornou-se o primeiro estabelecimento de ensino secundário de Blumenau.

(JSC — p. 3B 16.08.95)

— DIA 1º. — O jornal de S. Catarina destaca a vitória da representação de Blumenau nos Joquinhos Abertos realizados em São Miguel do Oeste, nos quais Blumenau conquistou mais um título de campeã. \*\*\* É destaque também a informação de que entrou no ar, no dia anterior, pelas ondas da Rádio Blumenau AM o programa produzido pelos alunos do Curso de Comunicação Social da FURB.

— DIA 2 — Com a promessa de duplicar a BR-101 no seu governo, o presidente Fernando Henrique Cardoso inaugurou, em brilhante solenidade realizada nas proximidades de Baú Baixo, município de Gaspar, a rodovia BR-470, trecho ligando Gaspar a Navegantes. Com esta inauguração, a rodovia está completa desde seu início em Navegantes, até São Miguel do Oeste. \*\*\* O Jornal de Santa Catarina destaca, Blumenau nos Joquinhos Abertos bela reportagem exaltando a figura de Waldemar Thiago de Souza, o atleta que mais medalhas conquistou na história do esporte blumenauense. Acredita-se que, com as medalhas conquistadas por seus filhos, filhas e ultimamente até neto, o clube da família, existente no alto de suas residências no bairro Garcia possuam o maior acervo de troféus e medalhas que atletas de uma só família já haja conquistado no país e quicá no mundo. Vale a pena visitar aquela numerosa e valiosa exposição. \*\*\* É destaque na imprensa (JSC) o grande espetáculo proporcionado no domingo, dia 1º, do corrente, por 130 curios cantando em conjunto no 10º, Torneio da Associação Blumenauense de Curiós, realizado no Conjunto Educacional Pedro II.

— DIA 3 — A imprensa (JSC) destaca a visita feita pelo prefeito Gerd Gerber, da cidade alemã de Weingarten, em visita a Blumenau, ao prefeito Renato de Mello Vianna. A visita significa o estreitamento dos laços de amizade e intercâmbio cultural que aproximam as duas cidades há muitos anos. O incentivador deste intercâmbio foi Alfred Wilhelm, correspondente em língua alemã junto ao gabinete dos prefeitos a partir de 1971. Por isso, o prefeito Gerd Gerber depositou flores no túmulo de Alfred, falecido em junho do corrente ano.

— DIA 4 — No auditório do SENAI, instalou-se a 1ª Conferência Regional sobre Assistência Social. \*\*\* No Centro Cultural 25 de Julho, apresentou-se o Grupo Folclórico Musical Alemão "Finkenwerder Speeldeel", em tourné pelo Brasil. \*\*\* Em homenagem ao aniversário de morte de São Francisco de Assis, foi realizada missa votiva e festiva na igreja Matriz de São Paulo Apóstolo de Blumenau. A solenidade contou com a presença de numerosos animais, que receberam a bênção de São Francisco, inclusive um elefante feminino, a Baby Tânia, pertencente ao empresário Beto Carrero e que foi a alegria e atração máxima das crianças presentes ao ato religioso. \*\*\* O Hospital Santa Isabel registrou, neste dia, a passagem de seus 86 anos de fundação, com um acervo de serviços prestados à comunidade do Vale do Itajaí.

— DIA 5 — Solenidade presidida pelo prefeito Renato Vianna e com a presença de numerosas outras autoridades, além do povo em geral presente, realizou-se a solenidade de abertura da Oktoberfest, edição de 1995, complementada com o grande

desfile na rua 15 de Novembro. \*\*\* No Cantinho Infantil da Fundação "Casa Dr. Blumenau", foi aberta a exposição Oktoberfest Criança. \*\*\* Em Jaraguá do Sul, foi aberta a 7ª. Schuetzenfest e em Brusque, um desfile também marcou a abertura da 10ª Fenarreo.

— DIA 6 — Em Rio do Sul, o comércio fechou suas portas para assistir ao desfile de abertura da 6ª. Kegelfest. \*\* Mará Paz Mauricio foi eleita presidente da Comissão organizada para reativar a ação da União Blumenauense de Estudantes. \*\*\* A imprensa (JSC) destaca as comemorações do Dia da Ave, em Blumenau, quando foram libertados numerosos pássaros e destruídas 254 gaiolas apreendidas. A solenidade da comemoração contou também com a apresentação de peças teatrais pelos alunos da Escola Nilo Borghesi. \*\*\* Um princípio de incêndio na sala 25 do edifício Brasília, na rua 15 de Novembro, não teve maiores consequências dada a rápida ação dos bombeiros. \*\*\* É destaque a presença de quarenta bandas de rock programadas para exibição na concha acústica da prainha, durante o desenrolar da Oktoberfest.

— DIA 10 — No Teatro Carlos Gomes, o Festival NuTE Mostra Tudo de Teatro apresentou o espetáculo Cinco Grandes Peças em Um Ato.

— DIA 11 — No Palácio da Alvorada, em Brasília, o presidente Fernando Henrique Cardoso entregou ao prefeito Renato Vianna, de Blumenau, o Prêmio Crianças e Paz, como reconhecimento da UNICEF ao trabalho desenvolvido por Blumenau em favor da criança e do adolescente. \*\*\* O mesmo prêmio também foi entregue ao Desembargador catarinense Antonio Fernando do Amaral e Silva, pelo seu admirável trabalho em defesa das crianças e dos adolescentes, trabalho este que tem repercutido além fronteiras do país. \*\*\* A imprensa (JSC) destaca a brilhante participação de cerca de três mil idosos no 7º. Encontro Regional de Grupo de Idosos do Médio Vale do Itajaí, no Pavilhão A da PROEB, em programação especial preparada dentro dos festejos da Oktoberfest. \*\*\* Repercute em todo o Vale do Itajaí a excelência da organização das comemorações em Blumenau, da Semana da Criança. \*\*\* E o Olho do Radar voltou a fiscalizar a velocidade dos veículos nas rodovias catarinenses.

— DIA 12 — Às 10:30 horas, aconteceu o grandioso desfile da Oktoberfest, pelo centro de Blumenau, levando aos passeios milhares de blumenauenses e turistas para aplaudir entusiasticamente o belo espetáculo, de repercussão nacional.

— DIA 14 — A imprensa (JSC) dá destaque a apresentação feita pela Orquestra de Câmara do Teatro Carlos Gomes, na PROEB, em plena Oktoberfest, no horário das 19 às 20 horas, executando músicas clássicas, valsas, boleros, etc., com fartos aplausos do regular público presente. \*\*\* A Polícia Florestal apreendeu 68 pássaros e 28 gaiolas numa residência na rua Progresso, libertando as aves cativas.

— DIA 15 — Às 10:30 horas, novo e espetacular desfile da Oktoberfest, marcou época perante milhares de blumenauenses e visitantes que se aglomeravam nos passeios centrais da cidade.

— DIA 18 — O poeta Lindolf Bell compareceu na biblioteca Mário de Andrade,

em São Paulo, para receber homenagens por ocasião de uma exposição iconográfica, realizando noite de autógrafos de algumas de suas mais recentes produções poéticas.

— DIA 19 — No saguão da Biblioteca "Martinho Cardoso da Veiga", da FURB, foi aberta exposição itinerante de gravuras Projetos Conexões. \*\*\* No Teatro Carlos Gomes, alunos do NuTE apresentaram a peça Cristóvão Colombo.

— DIA 21 — Durante um almoço realizado na Associação Atlética Banco do Brasil, oferecido pela Secretaria de Turismo de Blumenau, o prefeito Renato Vianna fez entrega às cinco bandas alemãs que vieram abrilhantar os festejos da Oktoberfest, do brasão de Blumenau, cuja iniciativa foi recebida com muita alegria pelos alemães.

— DIA 23 — Este foi o último dia de folia na Oktoberfest, cujo encerramento deixou um saldo positivo de boa organização e de bom comportamento do numeroso público em geral.

— DIA 24 — A Banda "Mamonas Assassinas", de São Paulo, fechou com grande espetáculo na prainha e a presença de numeroso público, as apresentações de roqueiros na prainha durante a Oktoberfest. Mais de 180 mil pessoas passaram pela prainha durante as apresentações.

— DIA 25 — O cantor Bob Lester, de 84 anos, que durante vários anos se apresentou ao lado de Carmen Miranda, deu um show aos idosos do Asilo São Simeão, mostrando ainda muita vitalidade. Os 126 asilados aplaudiram as facetas do artista, que os alegrou sobremaneira durante cerca de duas horas.

— DIA 27 — Começaram em Rio do Sul as disputas pelo título máximo dos 35º. Jogos Abertos de Santa Catarina. \*\*\* Dos 187 maiores municípios do Brasil, o de Blumenau foi classificado em sexto lugar em qualidade de vida, segundo afestou a Publicação Pólis — Instituto de Estudos, Formação e Assessoria em Políticas Sociais de São Paulo. \*\*\* O artista blumenauense Élio Hahnemann conquistou a medalha de ouro no 4º. Salão da Primavera em Teresópolis. Também foram distinguidos no mesmo Salão os artistas Rosi Darius, com menção honrosa, Dulce Paladini, Ingrid von Der Heyde, Reni Heineck (medalhas de bronze), Edeltraud Wruck, Hannelore Klomfass, Luciane Sprung e Marilise Bissoli, todos integrantes da Associação Blumenauense de Artistas Plásticos. \*\*\* Decreto assinado pelo prefeito Renato Vianna, declarou três áreas de interesse preservacionista para o município: o conhecido Morro dos Padres, à margem da rua 7 de Setembro, a área situada na foz do ribeirão Garcia com Ribeirão Fresco e a área localizada no centro leste de Blumenau. \*\*\* Foi inaugurada, no Hospital Santa Catarina, a primeira Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) móvel do Estado, uma das mais modernas do país.

— DIA 29 — É feito o registro na imprensa de excelentes e valiosas doações feitas ao Arquivo Histórico Prof J. F. da Silva, da Fundação "Casa Dr. Blumenau", de discos de música erudita que pertenceram ao saudoso jornalista Norton Azambuja e do não menos saudoso botânico João Geraldo Kuhlmann (JSC-29.10.95).

— DIA 31 — Na Galeria Açu-Açu foi aberta a exposição "Olhar da Memória",

uma Coletiva de Simone Tanaka, Lygia Roussenq Neves e Erica Araujo. A mostra é o resultado do trabalho das três artistas na Oficina de Arte Sobretom, montada por elas há cerca de um ano.

---

## FIGURA DO PRESENTE

---

### FRANZ KREPSKY

Franz Krepsky, 87 anos, é uma daquelas pessoas que já fez de tudo na vida. Hoje poderia estar dando risada do que passou ou curtindo a idade da sabedoria. Poderia também estar contando histórias a seus netos e bisnetos. Sua realidade porém é diferente. Todas as manhãs, há 61 anos, ele chega ao Hospital Santa Catarina, ainda antes do sol nascer, pedalando a sua antiga bicicleta que adquiriu no pós-guerra.

Pedalar para ele é uma mania cultivada desde 1920, quando comprou sua primeira bicicleta. No dia 11 de agosto de 1995, Franz foi à Brasília. Não foi de bicicleta, afinal não poderia chegar suado e cansado na solenidade em que foi condecorado pelo Tribunal Superior do Trabalho (TST) com o Grau de Cavaleiro da Ordem do Mérito Judiciário do Trabalho. O TST anualmente destaca profissionais do país que se destacam pela competência e relevância em suas atividades.

De jardineiro a enfermeiro, Krepsky já trabalhou nas mais diferentes funções dentro do Hospital Santa Catarina. Foi pintor, marceneiro, chaveiro e fabrica crucifixos e bonequinhos de madeira para ornamentar os quartos dos pacientes. No «galpão do Krepsky», como sua sala é conhecida,

ele mantém as ferramentas e peças para reformas.

Tem cinco filhos do casamento de 54 anos com dona Elza, 83 anos. Hoje vivem novamente sozinhos numa casa no Garcia. Duas vacas leiteiras e algumas galinhas completam o cotidiano de compromissos e entretenimento do simpático velhinho, que levanta às 5 h para tirar o leite e recolher os ovos. Depois segue para o hospital. O segredo de tanta vitalidade Krepsky ainda não decifrou. Apenas garante que, se soubesse, contaria para todo mundo. «Uma boa dica é o bom humor», revela.

Krepsky afirma que gostava de ajudar as pessoas como enfermeiro. Mas, às vezes, sentia uma certa tristeza ao ver chegar um paciente em mau estado de saúde. «O hospital é uma coisa muito inóspita» diz Krepsky. «Tem dias que você se sente bem por ter ajudado a salvar uma vida e, tem dias que a tristeza toma conta, por você sentir a dor de um enfermo», lamenta.

Com calma e serenidade, o velhinho Krepsky não pensa em parar de trabalhar. Lembrando a época em que trabalhava de sol a sol, se acha um folgado. «Tenho tempo de sobra para tudo o que quero fazer».

(JSC — 04.09.95)

# Ginásio Sagrada Família

## REMINISCÊNCIAS DE UM ALUNO DA TURMA DE 49

A ano de 1995 viu passar o centenário de fundação do **Colégio das Irmãs**, estabelecimento onde passei uma época feliz, agradável e proveitosa na década de 40. Não pretendo escrever a história do educandário, mas é-me impossível deixar passar esta ocasião sem registrar algumas reminiscências.

Devo ter sido dos poucos meninos a completar o curso primário no **Ginásio Sagrada Família**, um educandário quase que essencialmente feminino, onde homens só eram admitidos até o segundo ano. Tive a grata fortuna de estar na turma certa quando o direito de estudar foi estendido aos rapazes por mais dois anos, permitindo-lhes a conclusão do curso numa turma mista. (A presença de meninos deveria, àquela época, representar um certo constrangimento, pois pouco depois o colégio voltou a se restringir às meninas).

Tudo começou num dia de fevereiro de 1944. Tinha eu então quatro anos e meio de idade. Lembro-me quando minha avó Selma entregou-me à Irmã Carmosina, regente do Jardim da Infância, que funcionava na sala lateral do térreo do velho prédio construído na década de vinte e hoje já desaparecido.

O **Jardim** tinha um pátio independente, com acesso próprio, pela Rua Sete. Ocupava duas salas, uma para os «grandes» e outra para os «pequenos». Não sei por que razão — talvez por iniciar o ano letivo já atrasado — fui designado para a sala dos mais velhos, ape-

sar de minha pouca idade e pequena estatura. Sentei-me, durante todo aquele ano, junto à cabeceira da mesa que ficava junto à entrada principal. As mesas e os móveis, aliás, eram de dimensões adaptadas às crianças, para fazê-las sentir-se à vontade num espaço que afinal era só seu. As atividades eram muito variadas: cantos, desenhos, colagens e histórias infantis, geralmente de cunho religioso. Espetáculos de teatro de marionetes e projeções de histórias por um episcopio enriqueciam, de tempos em tempos, o processo educativo.

Quase me esqueci do carrossel! O cobijado brinquedo era movido por um engenhoso mecanismo que aproveitava a energia das próprias crianças, captada por um volante central ao ser por elas girado. Girar o carrossel era privilégio dos maiores, de que só mais tarde desfrutei. Muito interessantes e ansiosamente esperados eram os passeios ao «matinho», um pedaço da Mata Atlântica preservado para proteger a nascente que abastecia todo o complexo do convento, colégio e hospital, onde havia uma gruta com imagens de Nossa Senhora de Lourdes e Santa Bernadete. «**Louvando Maria, o povo fiel, a voz repetia de São Gabriel, Ave, Ave, Ave Maria...**». Parece que foi ontem!

No ano seguinte, já veterano, tive a companhia de meu irmão João Alfredo, que também acabou lotado na sala dos «grandes» por sua própria insistência, embora

contasse apenas três anos de idade.

Depois dos dois anos no Jardim de Infância, meus pais resolveram que eu iria fazer um ano na primeira série a título experimental, já que ainda não atingira a idade mínima de sete anos completos até junho, exigência legal para o ingresso no Curso Primário Elementar da época. Não havia então outra alternativa tal como um curso pré-primário ou uma «CA — classe de alfabetização» de hoje em dia.

As duas turmas de primeiro ano ocupavam o térreo do velho prédio, ao mesmo nível do Jardim da Infância, porém sem comunicação direta com este. A entrada para o corredor das salas de aula era por uma escadaria que descia do grande pátio. As demais turmas localizavam-se no segundo andar, onde paredes móveis permitiam, em ocasiões especiais, a transformação das três salas de aula em um grande salão e um palco. No mesmo andar também se localizavam a enfermaria e uma pequena biblioteca. Eu não fazia idéia de onde funcionavam as turmas do ginásio.

Para mim, aquele ano não seria para valer e fui deixado em Cabeçadas com os avós até o final da temporada de verão, apesar do ano letivo já se iniciar em fevereiro. Comecei o curso mais uma vez já atrasado, numa manhã em que minha mãe levou-me de «carro de molas» para conhecer minha turma e a professora, Dona Nazinha Borges dos Reis, normalista em começo de carreira, regente do que era chamado, pelo menos pelos alunos, de «primeiro ano fraco».

Dona Nazinha resolveu o problema de minha tardia incorporação à turma (eu chegara depois

da alocação dos alunos por tamanho e por sexo) quebrando regras e sentando-me a dividir a carteira com uma menina, Helenice Zimmermann. Não me lembro se alguma vez nos dirigimos a palavra, naquela época de rígida disciplina, onde meninos e meninas não se tocavam e quase nem mesmo se falavam. (Lembro-me da repreensão recebida, ainda no Jardim da Infância, por voltar de um passeio ao «matinho» de mãos dadas com minha prima Myriam, hoje artista plástica de renome internacional).

Do primeiro ano, lembro-me do «Livro de Leituras» com as histórias de Lalau e Lili e do cachorrinho Peri... O ano foi levado «na flauta», com um número recorde de 63 faltas! Em um só mês, por causa de um sarampo que bateu em nossa casa, atingindo irmãos e primos, foram 16 ausências... Não teria importância, pois tudo seria repetido no ano seguinte na turma «forte», não fosse a extrema dedicação de Dona Nazinha, que ofereceu aulas particulares a um grupo de cinco ou seis alunos que a seu ver teriam condições de aprovação, sem para isto cobrar um só centavo! Minha mãe prontamente aceitou a idéia e assim fui eu, todas as tardes, à casa da prestativa professora, à rua São Paulo, próximo da Praça Fritz Müller. A falta de idade e as ausências foram convenientemente esquecidas, e acabei o ano aprovado com média superior a 80! Tudo graças ao trabalho voluntário de Dona Nazinha, Santa Nazinha! Tudo o que a dedicada mestra recebeu foi um livro como presente pelo Natal de 1946: **Majupira**, um romance sobre uma professorinha do interior. Além, é claro, da sensação íntima de realização e do dever cumprido. E da expres-

são da gratidão de um ex-aluno, passados já quase 50 anos...

O ano seguinte viu-me, às tardes, no segundo ano da Irmã Guiomar, com quem eu não tive muita empatia e, talvez por isto, não guardei muitas lembranças. Foi o início dos estudos de História (Pedro Álvares Cabral, Caramuru e João Ramalho) e de Geografia (o Município de Blumenau e o Estado de Santa Catarina, seus limites e principais características). O Português apresentava a técnica de escrever bilhetes (num estilo parecido ao que depois viria a ser popularizado por um exótico Presidente da República...). Minha proeza do ano foi nos «Trabalhos Manuais», ao conseguir terminar um quadro em madeira (originalmente deveria ter sido um cabide), fazendo furinhos em uma tábua, com o auxílio de um prego e escurecendo-os com verniz para compor uma paisagem, para a exposição de fim de ano.

Meu terceiro ano foi na classe de Irmã Arturis, que dividia a turma com a Irmã Branca, professora de Português. A sala ficava no andar por cima do Jardim da Infância e poderia ser um belo exemplo de uma sala de aulas do início do século: velhos mapas pendurados nas paredes e um armário de vidro com um esqueleto humano. As carteiras, de estilo ainda mais antigo que as das outras salas, tinham tinteiros individuais, embora poucos ainda os usassem, em uma época já dominada pelas canetas-tinteiro e pelas recém introduzidas esféricas. Lembro-me das declamações de tubuadas, por toda a turma e em voz alta, do já mais sofisticado «Livro de Leituras» e das aulas de Geografia com noções da Terra e do Sistema Solar. Tiraden-

tes, Dom Pedro I e os Regentes foram os heróis das aulas de História. Desta vez o fracasso do ano ficou por conta dos «Trabalhos», pois meu cinto de macramé não passou de uns 15 centímetros de comprimento; poderia ter sido considerado pronto se tivesse sido feito mais estreito, para então ser usado como pulseira de relógio...

Irmã Arturis e Irmã Branca foram também as professoras do quarto ano. As aulas já eram agora ministradas no prédio recém-construído, que dispunha, inclusive, de um amplo Salão Nobre, com um palco onde se representavam peças teatrais e que dispunha de um harmônio para acompanhar o canto. Lembro de ter participado do teatro pelo menos uma vez. Daquele ano, ficaram como boas lembranças as aulas de Aritmética, com exercícios de operações com complicadas frações ordinárias e declamação de tabuadas de até 19 e 20! A História cobria os descobrimentos, o Brasil Colônia, o Império e a Proclamação da República, e a Geografia detalhava o relevo do solo das Américas e as bacias hidrográficas, incluindo os afluentes das duas margens do Amazonas. O Português ficava nas classificações gramaticais e em elaboradas composições.

Novamente um sucesso nos «Trabalhos»: fui dos poucos a conseguir terminar uma gaiola de arame... Estas aulas deixaram, aliás, uma lembrança jocosa. Provavelmente buscando descontrair o ambiente para incentivar a criatividade da turma, certo dia Irmã Arturis autorizou quem quisesse cantar ou cantarolar. Tudo foi muito bem até que alguém — acho que foi o Arnoberto — lembrou-se de uma marchinha de carnaval que come-

çou a cantar alto, logo acompanhado por outros meninos: «... **mulher é mato e eu preciso me arrumar, ah!... em vou prá Jacarepaguá!**» Foi o fim daquela tentativa de liberdade...

O Colégio dispunha de um magnífico campo de esportes, mas o mesmo era infelizmente vedado aos meninos. Só podia ser usado, e mesmo assim muito limitadamente, para as aulas de educação física, domínios de Dona Clotilde. Para a ginástica, eram, aliás, estritamente separados os meninos das meninas; tanto no tempo — os horários eram sempre diferentes — como no espaço — os das meninas eram cuidadosamente cobertos por um calção-bombacha que ia até os joelhos, para proteção contra eventuais maldosos olhares indiscretos...

Durante os «recreios», sob as vistas de Irmã Alda, a solução era jogar, num canto do pátio e sobre a terra batida, memoráveis peladas com a turma do terceiro ano. Alguns excessos cometidos nesses jogos fizeram com que fossem substituídos por partidas em «meia linha», entre times formados pelos próprios alunos da quarta série, disputadas sobre o pátio cimentado em frente ao prédio e que usavam o arco da parede como «gol». Lembro-me de minha posição no **Atlanta F. C.**, quadro organizado pelo Bernd, com um nome inspirado na discreta marca das então populares lapiseiras plásticas que inundavam nosso mercado...

Não preciso dizer que o ensino era de primeiríssima qualidade. Como se tratava de um estabelecimento religioso, o estudo da religião era obrigatório para todos os alunos, até mesmo para os protes-

tantes (cerca da metade dos alunos de cada turma), com uma rigidez beirando um exagero medieval. Os católicos eram obrigados a frequentar aulas de catecismo, e todos tinham que estudar e conhecer a **História Sagrada**, um versão **light** da Bíblia. Durante o ano de 1947 fomos obrigados a assistir às pregações das Missões na velha Igreja Matriz; confesso que nunca entendi por quê, pois afinal já éramos todos batizados há muito tempo... Anualmente eram preparadas turmas para a primeira comunhão. Eu tomei parte na de 1949, com a celebração da Eucaristia a 29 de junho daquele ano.

Além das atividades estritamente escolares, eram muitas as comemorações que se faziam ao longo do ano, com destaques para o 7 de Setembro, quando o Colégio participava do desfile principal da cidade, logo atrás das tropas do 32º Batalhão de Caçadores, as comemorações da Primavera, com os alunos formados numa ecológica clareira no matinho, cantando em coro: «**Viva o Sol, o Sol da Nossa Terra...**» numa festa tipicamente europeia e difícil de ser entendida num clima sem as quatro estações bem definidas..., e as do dia da Bandeira, com patrióticas declamações por parte dos mais destacados. Outras comemorações, embora menos importantes, eram as do Descobrimento do Brasil e a da Abolição da Escravatura, ambas no mês de maio (o descobrimento era ainda celebrado a 3 daquele mês...).

Bastante inusitada e também jocosa foi a comemoração que teve lugar num 29 de outubro (provavelmente em 1948), quando a professora Dona Ecila Ferraz, representando o Colégio, perguntou

aos alunos formados no pátio: «**Vo-  
cês sabem que dia é hoje?**» Em  
função do silêncio geral, arrisquei-  
me a levantar o braço, pedindo au-  
torização para responder: «**Eu sei!  
Hoje é o aniversário do dia em que  
derrubaram o Getúlio!**» Sob visível  
constrangimento, Dona Ecila res-  
pondeu pronta e quase militarmente:  
«**Nada disso, menino! Hoje é  
o Dia da Democracia!**». Acho que  
o tal Dia da Democracia deixou de  
ser comemorado antes mesmo da  
reeleição de Getúlio Vargas em  
1950...

Mas voltando ao ano de 1949,  
lembro-me ainda de uma viagem  
de Irmã Arturis, que a fez ausen-  
tar-se durante algumas semanas,  
sendo substituída pela diretora, Irmã  
Bernwarda, de ilustre memória.  
A volta da professora titular foi uma  
festa e tanto, até com música espe-  
cialmente adaptada para a ocasião.

O ano foi terminando, e a pro-  
va final de Português teve um cun-  
ho nostálgico. Tratava-se de uma  
dissertação sobre o que se espera-  
va das férias que se aproximavam  
e, mais longe, do futuro de cada  
um. Nós, os meninos, olhávamos  
para o futuro sabendo que não  
mais voltariamos ao Colégio no  
ano seguinte. Tinham sido quatro  
anos de intenso trabalho, mas va-  
lera a pena. Sentíamos-nos bem  
preparados para os novos desafios  
do Ginásio, no **Colégio dos Padres**.  
Visto de hoje, pode-se com segu-  
rança avaliar que nosso curso pri-  
mário deixava pouco a dever aos  
oito anos de todo o **primeiro grau**  
de hoje.

O leitor deve estar curioso pa-  
ra saber quem compunha aquela  
turma de felizes alunos. Não dis-  
ponho de registros escritos (o Co-  
légio publicava um relatório anual,  
do qual talvez tenha sobrevivido

um exemplar em algum arquivo),  
mas lembro-me de Arnoberto Jen-  
sen, Bernd Meyer, colega de car-  
teira até o fim do secundário, Edi-  
son Mueller, Ingo Müller, Ingo Pa-  
daratz, Jan Rabe, Jean Carlos Ca-  
front, Joerg Kaulich, Luiz Carlos  
Bernardes, meu primo, Oswaldo  
Medeiros, que apesar do sobreno-  
me, não era meu parente, Victor  
Gelhard e Zeca Mosimann, que não  
chegou o formar-se conosco, pois  
passou diretamente do terceiro ano  
para o **Admissão**. Das meninas,  
Ilse Laus, uma moreninha recém-  
chegada à cidade e por quem to-  
dos os rapazes suspiravam, as ir-  
mãs Norma e Rita Kieser, Teresi-  
nha Menini, Ursula Kuhn, minha vi-  
zinha e amiga, chegada há pouco  
tempo da Alemanha e ainda falan-  
do pouco português, e Yara Guima-  
rães, minha prima em segundo  
grau. Com exceção do Padaratz,  
que encontrei, muito depois, como  
violinista da Orquestra de Câmara  
de Blumenau, e do Luiz Carlos, que  
é da família, há muitos anos que  
não tenho visto nenhum deles.  
A lista deveria ter uns oito ou dez  
nomes a mais (a última turma de-  
via provavelmente ter uns trinta  
alunos), a quem peço desculpas  
pela falta de memória.

A festa de formatura no Salão  
Nobre foi linda. Professoras, alu-  
nos, o Inspetor Estadual (quase me  
esquecia da querida figura do Pro-  
fessor Alírio de Almeida que passa-  
va todos os meses pelas classes a  
verificar o bom cumprimento do cur-  
riculo), pais e irmãos, todos reuni-  
dos para viver o reconhecimento  
do cumprimento de uma importante  
etapa da vida. Como prêmio, cou-  
be-me o livro «**A Conquista do Mar  
Oceano**», a descrição da aventura  
de Colombo, que por muitos anos  
enfeitou e valorizou minha escreva-  
ninha.

Muito mais tarde — já então corria o ano de 1984 — estando eu de volta aos bancos escolares para um curso de Direito, tive uma colega ordem da Divina Providência, Irmã Teresinha, natural de Curitiba. Tinha sido colega e muito amiga de Irmã Guiomar e conheceu todas as minhas professoras religiosas. Estava estudando na PUC do Rio de Janeiro com vistas a

uma futura especialização em Direito Canônico. Certo dia, após as férias, disse-me que havia estado com Irmã Carmosina e havia comentado sobre um colega originário de Blumenau, de nome Armando. Irmã Carmosina imediatamente e sem pestanejar completara: «**Só pode ser o Armando Medeiros**»... Depois de 40 anos!

Armando Luiz Medeiros

## GENEALOGIA das famílias Gehrent - Schmidt e Silva - Gorges

(Continuação)

B4-166 — Osmar Celso Koerich, n. 1916 — cc Olinda Bunn.

B5-167 — Rosinha Koerich, + c/ 4 a., n. 1911.

B6-168 — Oswaldo Koerich, n. 1918 — (o último).

F4-4 — Francisco Schmitt, filho de João Adão Schmitt, n. 31.12.1814, Brohl/Alemanha — cc Ana Maria Bins, n. 1817 — n/p João Pedro Schmitt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin. Vieram no brigue marquês de Viana, em 12.11.1828 e em julho de 1830 foram para Biguaçu. Francisco Schmitt foi o 1º. Prefeito eleito de S. José — cc Catarina Koerich, f. Miguel Koerich, n. 20.11.1837 e Emilia Beeling — n/p Estevão Koerich, n. 1802 e Catarina Esper, n. 1803 — b/p Bernardo Koerich e Gertrudes Michels. Teve 6 filhos.

N1-23 — José Miguel Schmitt, n. 31.08.1882, Taquary — Bat. C. T. 19.10.1882 — fl. 94/208-11.

N2-24 — Teófilo Schmitt.

N3-25 — Oscar Schmitt.

N4-26 — Emilia Schmitt — cc... Ramos.

N5-27 — Ana Schmitt.

N6-28 — Maria Catarina Schmitt, n. 23.01.1889, R. C., Spa (10-2) 28.01.1889, f. Francisco Adão Schmitt e Catarina Koerich, n/p João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817, n/m Miguel Koerich, n. 20.11.1837 e Emilia Beeling. Informação de Olinda Schmitt, f. Adão Nicolau Schmitt, n. 28.04.1863 e Maria Luisa Deschamps, n. 29.12.1866.

F5-5 — Pedro Schmitt, n. 02.11.1844 — Spa, Bat. S. J., 07.12.1844, (77-7) — L. 840/45, fl. 380V; + em Gaspar a 30.05.1918, c/ 74 a., L 2 — 120 (4V-23); f. João Adão Schmitt, n. 31.12.1814, em Brohl/Alemanha e Ana Maria Bins, n. 1817 — n/p João Pedro Schmitt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — n/m Nicolau Bins, n. 1791 e Ana Maria Pudinger, n. 1781 — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin. Em 09.04.1866, cas. Gaspar — L 1, fl. 40, nº. 147 — (13-38). Pedro Schmitt — cc Ana Maria Haendchen, n. 1846, f. Bernardo Haendchen e Gertrudes Müller. Teve 9 filhos.

N1-29 — Maria Schmitt, n. 24.01.1868, f. Pedro Schmitt e Ana Maria Haendchen; Bat. Gaspar, 23.02.1868 — L 1, fl. 2 — (26-42).

N2-30 — Alberto Schmitt, f. Pedro Schmitt, n. 02.11.1844 e Ana Maria Haendchen. Em 14.04.1904, cas. Gaspar — L 2, fl. 112, nº. 16, (14-44) — cc Emilia Klock, n. 1875, f. Henrique Klock e Ana Zimmermann.

N3-31 — Catarina Schmitt, n. 15.11.1873; Bat. Gaspar — L 2, fl. 95, nº. 24 — (25V-41), f. Pedro Schmitt e Ana Maria Haendchen — n/m Bernardo Haendchen e Gertrudes Müller. Em 11.04.1893, cas. Gaspar — L 2, fl. 38, nº. 16, (11V-30) — cc Bernardo Spengler, n. 1867, f. João Adão Spengler e Catarina Müller; + em Gaspar a 15.09.1926 — L 2, fl. 164/65 — (5-24).

B1-169 — Maria Anastácia Spengler, n. 20.01.1895 — (24-36), f. Bernardo Spengler e Catarina Leopoldina Schmitt. Em 06.05.1916, cas. Gaspar — L 3, fl. 84, N 3 a — (8-14) — cc Bernardino Pamplona Sobrinho, n. 1893, f. Alberto Pamplona e Rosa Carlota Müller.

N4-32 — Nicolau Schmitt, n. 1873, f. Pedro Schmitt, n. 02.11.1844 e Ana Maria Haendchen. Em 27.04.1907, cas. Gaspar — L 2, fl. 135, nº. 18 — cc Gertrudes Spengler, n. 1879, f. João Adão Spengler e Catarina Müller.

N5-33 — Pedro Schmitt, n. 22.08.1876 — Bat. Gaspar 01.10.1876 — fl. 65, T 98, L 1 — f. Pedro Schmitt, n. 02.11.1844 e Ana Maria Haendchen. Em 12.08.1903, cas. Gaspar — L 2, fl. 108, nº. 32 — (10V-25) — cc Valéria Maria Schäpping, f. Henrique Schäpping e Maria Hoschl.

B1-170 — Elisabeth Schmitt, n. 05.05.1923, f. Pedro Schmitt Jr., n. 22.08.1876 e Valéria Maria Schäpping — n/p Pedro Schmitt n. 02.11.1844 e Ana Maria Haendchen — cc Júlio Zimmermann.

B2-171 — Alfredo Rafael Schmitt, f. Pedro Schmitt Jr., n. 22.08.1876 e Valéria Maria Schäpping — cc Margarida Hostins.

T1-135 — Hercílio Schmitt, n. 14.05.1954, f. Alfredo Rafael Schmitt e Margarida Hostins — cc Bernadete Trierweiler e f. Irineu Trierweiler e Laura Moser.

N6-32 — Gertrudes Schmitt, n. 25.09.1879, f. Pedro Schmitt, n. 02.11.1844 e Ana Maria Haendchen — Bat. Gaspar 03.10.1879, fl. 137, T 108.

N7-33 — Emilia Schmitt, n. 14.10.1882, f. Pedro Schmitt, n. 02.11.1844 e Ana Maria Haendchen. Em 30.11.1907, cas. Gaspar — L 2, fl. 150, nº. 50 — cc Gustavo Schmitz, n. 1871 (14V-46), f. Nicolau Schmitz e Leonida Maes.

N8-34 — Bernardo Bonifácio Schmitt, n. 19.07.1886, bat. Gaspar — L 3, fl. 43, nº. 115 (27-46) — Poço Grande, f. Pedro Schmitt, n. 02.11.1844 e Ana Maria Haendchen.

N9-35 — Antônio Alfredo Alberto, n. 17.01.1890, bat. Gaspar — L 3, fl. 136, nº. 30 (27V-47) — f. Pedro Schmitt, n. 02.11.1844 e Ana Maria Haendchen.

Em 06.02.1915, cas. Gaspar — L 3, fl. 66, nº. 4 — cc Maria Júlia Zimmermann, 1894 — f. João Batista Zimmermann e Ana Reinert.

B1-172 — Leonardo Schmitt, filho de Antonio Alfredo Schmitt e Maria Júlia Zimmermann — cc Ana Schmitt, neta de Miguel Schmitt e Ana Reinert, c/ 4 filhos.

T1-135A — José Mauro Schmitt, n. 1944.

T2-136 — Isola Maria Schmitt, n. 1946.

T3-137 — Rosa da Graça Schmitt, n. 1950.

T4-138 — Rosa Maria Schmitt — (Poço Grande).

B2-173 — Rosa Schmitt, filha de Antonio Alfredo Schmitt e Maria Júlia Zimmermann.

B3-174 — Oswaldo Francisco Schmitt — cc Angela Maria Spengler, filho de Antonio Alfredo Schmitt e Maria Júlia Zimmermann, c/ 6 filhos — Vila Nova.

T1-139 — Oswaldo Antonio Schmitt.

T2-140 — Orlando Francisco Schmitt.

- T3-141 — Osmar Carlos Schmitt.  
 T4-142 — Adalberto José Schmitt.  
 T5-143 — João Gilberto Schmitt.  
 T6-144 — Mário Celso Schmitt.  
 F6-6 — Adão Schmitt, n. 02.09.1846, bat. S. J. a 21.11.1846 — (77V-12) Livro 1845/48, R-46V, f. João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — n/p João Pedro Schmitt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, 1792 — n/m Nicolau Bins e Ana Maria Bins — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Martin, + a 01.03.1911, L 2 — 91 — (4V-22), c/ 64 a. Em 31.12.1868, cas. Spa — (66V-20) — cc Catarina Haendchen, f. Bernardo Haendchen e Gertrude Müller. Teve filhos.  
 N1-36 — Bernardo Schmitt, n. 01.12.1869, bat. 09.01.1870, Gaspar — fl. 17, T2 — f. Adão Schmitt, n. 02.09.1846 e Catarina Haendchen.  
 N2-37 — Francisco Schmitt, n. 02.04.1877, f. Adão Schmitt, n. 02.09.1846 e Catarina Haendchen, bat. Gaspar 06.04.1877( fl. 78, T 41 — L 1, (28V-49).  
 N3-38 — João Adão Schmitt, n. 29.09.1879, bat. Gaspar 25.10.1879, L 1, fl. 139, nº. 118 — (28V-50), f. Adão Schmitt, n. 02.09.1846 e Catarina Haendchen. Em 19.05.1900, cas. Gaspar — L 2, fl. 84, nº. 11 — cc Paulina Selma Gaertner, n. 1877, f. Júlio Gaertner e Selma Altemburg.  
 N4-39 — Maria Catarina Schmitt, f. Adão Schmitt e Catarina Haendchen. Em 18.03.1903, cas. Gaspar — L 2, fl. 106, nº. 12 — (9V-22), cc Amaro Maximiano da Silva, f. Maximiano Inácio da Silva e Maria Rosa de Jesus.  
 N5-40 — Jacó Schmitt, n. 03.05.1882, bat. Gaspar — L IIB, fl. 6, nº. 70 (29-51), f. Adão Schmitt, n. 02.09.1846 e Catarina Haendchen — cc Ana Olinger. Foi o 17º. Prof. de Blumenau.  
 N6-41 — Antonio Pedro Schmitt, n. 01.08.1884, bat. Gaspar — L IIB fl. 65, nº. 114 — (29V-52), f. Adão Schmitt, n. 02.09.1846 e Catarina Haendchen. Em 25.01.1908, cas. Gaspar — L 3, fl. 1, nº. 5 — (15-49) — cc Maria Catarina Hostins, n. 1886, f. Luiz Hostins e Maria...  
 N7-42 — Bruno Schmitt, n. 22.12.1886, bat. Gaspar — L 3, fl. 52, nº. 5 (29V-53), f. Adão Schmitt, n. 02.09.1846 e Catarina Haendchen. Em 15.02.1911, cas. Gaspar — L 3, fl. 31, nº. 10 — (10V-21) — cc Luisa Flores, n. 1890, f. Tomaz d'Aquino e Ana Schramm.  
 N8-43 — Gertrudes Schmitt, n. 27.05.1889, bat. Gaspar — L 3, fl. 118, nº. 71 — (30-55), f. Adão Schmitt, nº. 02.09.1846 e Catarina Haendchen.  
 N9-44 — José Rafael Schmitt, n. 11.08.1893, bat. Gaspar — L 4, fl. 95, nº. 134 — (30V-56), f. Adão Schmitt nº. 02.09.1846 e Catarina Haendchen. Em 23.09.1916, cas. Gaspar — L 3, fl. 89, nº. 64 — (10-24) — cc Leonida Hostins, n. 1895, f. Frederico Hostins e Margarida Martendal. Teve 11 filhos.  
 B1-175 — Iria Schmitt, (falecida).  
 B2-176 — Silvio Paulo Schmitt, f. José Rafael Schmitt, n. 11.08.1893 e Leonida Hostins — n/p Adão Schmitt, n. 02.09.1846 e Catarina Haendchen — cc Jucyra Ocy. Teve 6 filhos.  
 T1-145 — Mario Celso Schmitt — cc Yolanda Maria Rechi.  
 T2-146 — Lio César Schmitt — cc Catia Teresinha.  
 T3-147 — José Rafael Schmitt Neto — cc Iraci.  
 T4-148 — Silvio Paulo Schmitt Jr. — cc Margarete.  
 T5-149 — Edson Luiz Schmitt — cc Isolde.  
 T6-150 — Ciro Julio Schmitt — cc Rosa.  
 B3-177 — Petronila Marta Schmitt — cc... Haendchen

- B4-178 — Cláudio Schmitt — cc... Spengler.
- B5-179 — Celso Júlio Schmitt.
- B6-180 — José Francisco Schmitt.
- B7-181 — Nilda Schmitt — cc Leonardo de Souza Pamplona.
- T1-151 — Silvana Pamplona — cc Ary Coelho.
- B8-182 — Arno Genésio Schmitt.
- B9-183 — Lio Cesar Schmitt.
- B10-184 — Claudete Schmitt — cc... Reinert.
- B11-185 — Eligia Schmitt — cc... Rau.
- F7-7 — Antonio Schmitt, n. 13.06.1849, bat. S. J. 26.07.1849 — (78V-21), f. João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — n/p João Pedro Schmitt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschem, n. 1792 — n/m Nicolau Bins e Ana Maria Pudinger — b/m Miguel Bins e Maria Catarina Mintin, + Spa 12.02.1918, (56-57), sepultado na Capela N. Senhora Alto Biguaçu (AC) — cc Elisabeth Winter filha de Nicolau Winter e Margarida Scherer. Teve 13 filhos.
- N1-45 — Andreas (André) Schmitt, n. 04.02.1881, bat. C. T. Spa, 02.03.1881 — fl. 59, nº. 32,8 — f. Anton Schmitt (Antonio Schmitt), n. 13.06.1849 e Luise (Elisabeth) Winter — n/p João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — n/m Nicolau Winter e Margarida Scherer — cc Filomena Pauli — Soltinho/Belchior.
- N2-46 — Ana Schmitt, n. 23.05.1883, bat. C. T. Spa, a 26.05.1883 — fl 107, nº. 98 — (12), f. Anton (Antonio) Schmitt, n. 13.06.1849 e Elisabeth Winter — n/p João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — n/m Nicolau Winter e Margarida Scherer — cc João Adão Reitz, n. 05.02.1876, Rachadel/AC, (viúvo de Maria Hoffmann, com quem teve 2 filhos). Filho de João Adão Reitz, n. 1842, Hirschfeld/Alemanha e + em Rachadel a 28.02.1940 — cc Maria Reinert — Fi, PR Reitz — fl. 141. Teve mais filhos.
- B1-186 — Agata Reitz, n. 10.01.1906, AC — f. João Adão Reitz e Ana Schmitt, Massaranduba — cc Benedito Pauli, n. 02.04.1902 — AC. Teve 10 filhos.
- B2-187 — Antonio Vidal Reitz, n. 07.09.1907, f. João Adão Reitz e Ana Schmitt — solteiro.
- B3-188 — Fridolino João Reitz n. 15.12.1908, AC — f. João Adão Reitz, n. 05.02.1876 e Ana Schmitt, n. 23.05.1883 — cc Maria Koch, n. 11.04.1928 — Rachadel/AC — f. João Pedro Koch e Filomena Gesser — n/p Pedro Koch e Catarina Gesser — n/m João Gesser e Maria Schütz. Teve 11 filhos.
- B4-189 — Otilia Reitz, n. 22.05.1910 — (N48, Fi), f. João Adão Reitz, n. 08.02.1876 e Ana Schmitt, n. 23.05.1883 — cc João V. Martendal (N25, Fi), (Pedro), c/ 4 filhos.
- B5-190 — José Reitz, n. 1912, + 1930, c/ 18 a.
- B6-191 — Balbina Reitz, n. 19.03.1914 — cc Antonio Martendal, s.s. (Fi, N27)
- B8-192 — Pedro João Reitz, n. 02.01.1917, AC — cc Bertolina Koch, n. 10.05.1924 — Rachadel/AC. Teve 9 filhos.
- B9-193 — João Reitz, n. 04.09.1918, Big. — cc Catarina Koch n. 20.11.1922 — Rachadel/AC. Teve 11 filhos.
- B10-194 — Eduardo Reitz, n. 12.04.1921, Big. — cc Maria Richard, n. 30.01.1932 — Rachadel. Teve 4 filhos.
- B11-195 — Bernardo Reitz, n. 28.08.1922, Big. — cc Amélia Pauli, n. 14.10.1922, c/ 8 filhos.
- B12-196 — Inácio Reitz, n. 21.08.1924, Big. — cc Alvina Koch, n. 13.07.1925 — Rachadel, c/ 8 filhos.
- N3-47 — Pedro Roberto Schmitt — Saltinho/Belchior, f. Antonio Schmitt, n.

13.06.1849 e Elisabeth Winter — n/p João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — n/m Nicolau Winter e Margarida Scherer — b/p João Pedro Schmitt n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschen, n. 1792 — cc Maria Gesser.

B1-197 — Frei Lindolfo Schmitt — Pato Branco/PR.

B2-198 — Fridolino Schmitt — cc Paulina Gesser, n. 1922, f. Antonio Gesser e Maria Reinert — n/p Jacó Gesser e Maria Schmitt, (irmã de Ana, minha avó) — f. Nicolau Schmitt, n. 1815 e Margarida Bins, n. 1819. É filho de Pedro Roberto Schmitt e Maria Gesser — n/p Antonio Schmitt n. 13.06.1849 e Elisabeth Winter, — b/p João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817.

B3-199 — Bernardina Schmitt, n. 07.10.1930, f. Pedro Roberto Schmitt e Maria Gesser — n/p Antonio Schmitt, n. 13.06.1849 e Elisabeth Winter — b/p João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — t/p João Pedro Schmitt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschen, n. 1792. Em 14.06.1950, cas. Gaspar — cc Aloys Pitz, n. 30.08.1920, bat. Gaspar a 03.09.1920 — f. Miguel Pitz e Júlia Waltrich, n. 27.10.1884. Temos também que Aloys é filho de Miguel Adão Pitz.

T1-152 — O filho Valério Pitz, é casado com Maria Neli da Silva, c/ 2 filhos.

T2-153 — Maria da Glória Pitz é casada com seu cunhado João da Silva Júnior.

N4-48 — José Schmidt, Biguaçu.

N5-49 — Samuel Schmitt, (Belchior Alto) — cc Elisa Gesser.

B1-200 — Frei Libório Schmitt, Barra Velha.

B2-201 — Pe. Francisco José Schmitt.

N6-50 — Filipe Schmitt, Biguaçu.

N7-51 — José Schmitt, Biguaçu.

N8-52 — Eduardo Schmitt, Baixo Bau — Ilhota.

N9-53 — Apolonia Schmitt, f. Antonio Schmitt, n. 13.06.1849 e Elisabeth Winter — n/p João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — cc Roberto Schmitz.

B1-202 — Eduardo Schmitz — cc Elvira Wehsler.

T1-154 — José Antonio Schmitz, n. 05.05.1951 — cc Elza Pitz.

T2-155 — Lourenço Schmitz — solteiro.

T3-156 — Maria Marlene Schmitz — cc José Manoel Bitencurt.

T4-157 — Dorvalino Pascácio Schmitz — cc Janete dos Santos.

T5-158 — Pedro Paulo Schmitz — cc Roseli Bauler.

T6-159 — Jânio Francisco Schmitz — cc Maria Rodrigues.

T7-160 — Nilza Luiza Schmitz — cc Blásio Knot.

N10-54 — Margarida Schmitt, Biguaçu — cc Wilkelmann.

N11-55 — Angelina Schmitt — cc... Kretzer.

N12-56 — Maria Schmitt, + c/ 69 a., a 28.08.1943 — [59V-113], n. 1874 — sep. Capela Santa Maria — era casada, f. Antonio Adão Schmitt e Elisabeth Winter (Luisa).

N13-57 — Antonio Francisco Schmitt — cc... Prim, + Spa a 09.10.1942, c/ 55 a., n. 1887 e sepultado na Capela Sta. Maria/AC — f. Antonio Schmitt e Luisa (Elisabeth) Winter — n/p João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817.

B1-203 — Padre José Schmidt, SCJ, + 02.03.1973, Criciumal — RS.

F8-8 — Miguel Schmitt n. 1853 + a 15.04.1921 c/ 68 a., L 2, fl. 129, Gaspar — f. João Adão Schmitt, n. 31.12.1814 e Ana Maria Bins, n. 1817 — n/p João Pedro Schmitt, n. 08.09.1791 e Maria Madalena Wirschen, n. 1792 — cc Ana Reinert, + a 08.1926, L 2, fl. 166/67 — [4-17]. Teve 8 filhos.

N1-58 — Nicolau Schmitt, n. 13.09.1877, bat. Gaspar a 08.10.1877, L 1, fl. 90,

T 110 — f. Miguel Schmitt, n. 1853 e Ana Reinert. Em 21.02.1906, cas. Gaspar — L 2, fl. 127, n.º. 11 — cc Cecília Hostins, n. 1883, f. Frederico Hostins e Margarida Martendal, (14V-47).

N2-59 — Pedro Schmitt n. 28.01.1879, bat. Gaspar a 19.02.1879 — L 1, fl. 123, T 24 — f. Miguel Schmitt, n. 1853 e Ana Reinert. Em 10.07.1901, cas. Gaspar — L 2, fl. 92, T 34 — cc Maria Catarina Spengler, n. 1880, f. João Adão Spengler e Catarina Müller — (13V-41).

N3-60 — Maria Madalena Schmitt, n. 22.07.1880, bat. Gaspar a 30.08.1880 — L 1, fl. 164, T 111 — (31V-59) — f. Miguel Schmitt, n. 1853 e Ana Reinert.

N4-61 — Mariana Schmitt, n. 05.02.1882, bat. Gaspar a 05.03.1882, L 1, fl. 200, T 32 — (31V-60) — f. Miguel Schmitt e Ana Reinert. Religiosa.

N5-62 — Ana Schmitt, n. 1882, f. Miguel Schmitt, n. 1853 e Ana Reinert. Em 16.09.1905, cas. Gaspar — L 2, fl. 123, T 39 — (5V-3) — cc Cristiano Deschamps, n. 1866 — f. Antonio Deschamps e Cecília Altemburg.

N6-63 — Cecília Schmitt, n. 14.01.1884, bat. Gaspar — L IIB, fl. 50, T 21 — (32-61) — f. Miguel Schmitt, n. 1853 e Ana Reinert, + c/ 1,5 a., em 11.06.1885 — L 1, fl. 78, T 23.

N7-64 — Otilia Schmitt, n. 03.04.1889, bat. Gaspar — L 3, fl 115, T 52 — (32V-62) — f. Miguel Reinert, n. 1853 e Ana Reinert — cc Victor Hostins.

(Continua)

---

#### ÍNDICE DA REVISTA BLUMENAU EM CADERNOS — TOMO XXXVI — 1995

Aconteceu... — Novembro de 1994 .....	29
Aconteceu... — Dezembro de 1994 .....	53
Aconteceu... — Janeiro de 1995 .....	93
Aconteceu... — Fevereiro e Março de 1995 .....	115
Aconteceu... — Abril de 1995 .....	155
Aconteceu... — Maio de 1995 .....	188
Aconteceu... — Junho de 1995 .....	217
Aconteceu... — Julho de 1995 .....	248
Aconteceu... — Agosto de 1995 .....	276
Aconteceu... — Setembro de 1995 .....	314
Aconteceu... — Outubro de 1995 .....	369
Aconteceu agora há pouco — Cláudio Heckert .....	206
Aconteceu... há 50 anos passados — José Gonçalves — 16, 47, 79, 112, 159, 191, 201, 254, 272, 318, 360	
Ainda o Centenário do Colégio Sagrada Família .....	158
O Anarquista estimulado pelo Imperador — Theobaldo Costa Jamundá .....	02
Atlas lingüístico da região Sul do Brasil permite corrigir verbetes de açorianismos nos dicionários — Dr. Oswaldo A. Furlan .....	07
Autores Catarinenses — Enéas Athanázio — 17, 38, 80, 113, 145, 179, 202, 230, 267, 303, 331	
Biografia do cidadão indaialense Fritz Müller — Orla Kadletz .....	45
"Bloco do XX" — Marlene de Fáveri .....	176
Botânico de Blumenau na botânica do Irmão Sol (*) — Theobaldo Costa Jamundá .....	66
Cartas .....	351
120 anos da Sociedade Recreativa Indaial — Erich Stange .....	163
O centenário do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina — Theobaldo Costa Jamundá .....	226
Colégio Sagrada Família Comemora 100 anos .....	127
O Colégio Santo Antônio — Blumenau em 1933 .....	20
Crônica de 1915 — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	04
Curiosidades de uma época XXXV — S. C. Wahle .....	82
Curiosidades de uma época XXXVI — S. C. Wahle .....	99

Curiosidades de uma época XXXVII — S. C. Wahle .....	149
Curiosidades de uma época XXXVIII — S. C. Wahle .....	187
Curiosidades de uma época XXXIX — S. C. Wahle .....	199
A descendência de um pirata — Antônio Roberto Nascimento .....	339
Dia do Exército Brasileiro e o domingo de Páscoa de 1648 — Theobaldo C. Jamundá .....	130
O diário de Emil Odebrecht — Theobaldo Costa Jamundá .....	194
Dois enganos e um equívoco — Theobaldo Costa Jamundá .....	290
Dr. Langsdorff, grande amigo — Theobaldo Costa Jamundá .....	98
Em busca da origem da família Deschamps — Genésio Deschamps .....	26
A escravidão no Brasil — Elly Herkenhoff .....	245, 279, 300, 347
A evolução sócio-econômica da Colônia Blumenau nos primeiros 20 anos .....	361
Faleceu Alfred Wilhelm, o grande batalhador .....	215
Faleceu Frederico Kilian .....	32
A Família Arriola em Santa Catarina — Antônio Roberto Nascimento .....	60, 95, 104
Figura do Passado — Antônio Roberto Nascimento .....	151, 182
Figura do passado — Hercílio Gonçalves (Dico) nos cinquenta anos da F.E.B. .....	48
Figura do passado — Júlia Nascimento Régis .....	13
Figura do passado — Oscar Jenichen .....	196
Figura do passado — Siegfried Carlos Wahle .....	242, 269, 307, 336
Figura do presente .....	125, 171, 372
Figura do presente — Oscar Jenichen .....	139
Genealogia — Apêndice ao 11 <sup>o</sup> . Ramo da Família Gehrent .....	23
Genealogia das Famílias Gehrent — Schmidt e Silva — Gorges 56, 84, 122, 160, 192, 220, 255, 288, 319, 378 .....	378
Ginásio Sagrada Família — Armando Luiz Medeiros .....	373
Histórico do Corpo de Bombeiros de Blumenau .....	292
Jornalista de Blumenau na Imprensa do Irmão Sol — Theobaldo Costa Jamundá .....	34
Jubileu em Encano Baixo .....	241
Memória histórica de Vitoriosa Colonização — Toni Vidal Jochem .....	252, 283, 311, 356
O morro dos padres — Rogério Chatagnier .....	305
Nossa Capa .....	02
A nossa mensagem — O Editor .....	367
Novo obséquio à história de Gaspar — Frei Elzeário Deschamps Schmitt .....	133
Ouro enterrado, uma estranha história — Grete Medeiros .....	228
O outro Stauffenberg — Armando Luiz Medeiros .....	41
Posse solene na Academia Maçônica — Enéas Athanázio .....	352
Rádio Clube de Indaial completou quarenta anos de história .....	89
Registros de Tombo de Rodeio (I) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	119
Registros de Tombo de Rodeio (II) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	147
Registros de Tombo de Rodeio (III) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	185
Registros de Tombo de Rodeio (IV) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	212
Registros de Tombo de Rodeio (V) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	237
Registros de Tombo de Rodeio (VI) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	286
Registros de Tombo de Rodeio (VII) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	313
Registros de Tombo de Rodeio (VIII) — Pe. Antônio Francisco Bohn .....	352
Reminiscências... — Orla Kadletz .....	235
Reminiscências de Ascurra — Atilio Zonta 35, 75, 101, 142, 173, 210, 232, 273, 297, .....	345
Reminiscências em correspondência — Siegfried Carlos Wahle .....	240
A Rua Quinze dos anos vinte — Grete Medeiros .....	325
Santo Antônio faz 800 anos .....	368
Saudosismo — José Gonçalves .....	170
Sentinela do Vale comemora a passagem de 50 anos da instalação em Blumenau .....	204
Tributo à Irineu Bornhausen — Theobaldo Costa Jamundá .....	162
Um desastre aéreo que abalou a cidade — José Gonçalves .....	334
Um jubileu importante na vida de um blumenauense no Rio de Janeiro .....	207
Um luso-brasileiro em Blumenau — Ruy Moreira da Costa .....	67, 260
Um pioneiro de saudosa memória — José Gonçalves .....	354
Um pouco de Campos Novos — Theobaldo Costa Jamundá .....	258
Um pouco da história do Município de Vidal Ramos .....	128
Um sequestro no ano de 1889 — Elly Herkenhoff .....	216
Verbetes para dicionário de história (1) — Theobaldo Costa Jamundá .....	322

## FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal nº. 1.835, de 7 de abril de 1972.  
Declarada de Utilidade Pública Municipal pela Lei nº. 2.028, de 04/09/74.  
Declarada de Utilidade Pública Estadual pela Lei nº. 6.643, de 03/10/85.  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural  
Registrada no Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas de Natureza Cultural do Ministério da Cultura, sob o nº. 42.002219/87-50, instituído pela Lei nº. 7.505, de 02/07/86.

89015-010 BLUMENAU

Santa Catarina

### INSTITUIÇÃO DE FINS EXCLUSIVAMENTE CULTURAIS

#### SÃO OBJETIVOS DA FUNDAÇÃO :

- Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;
- Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;
- Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;
- Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;
- Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;
- Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;
- A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus; de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações.

#### A FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU, MANTÉM :

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico "Prof. José Ferreira da Silva"  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edith Gaertner"  
Edita a revista "**Blumenau em Cadernos**"  
Tipografia e Encadernação.

#### CONSELHO DELIBERATIVO :

Marlo Germer; Maria Beatriz Niemeyer; Friederich Wilhelm Heinrich Ideker; Ellen Jone Wegge Vollmer; Altair Carlos Pimpão; João Carlos von Hohendorff; Edgar Paulo Mueller; Gladys Suely Dorigatti Werner; Ruth Winkler Paul; Marcos Henrique Buechler; Ernesto Deschamps.

#### DIRETORIA :

Presidente : Altair Carlos Pimpão  
Diretor Administrativo-Financeiro : Valter T. Ostermann  
Diretor de Cultura : Lygia Helena Roussenq Neves



Consórcio  
**Breitkopf**

**A CERTEZA DE FAZER O  
MELHOR INVESTIMENTO**

**DISQUE CONSÓRCIO — 26-2000**

**Rua São Paulo, 2001 — BLUMENAU - SC**

**HERING**

**TÊXTIL**

Nas tramas do mais puro algodão, uma marca de qualidade.

Para todo mundo. Em todos os tempos.